Paulo Coelho

Adultério

Adultério

Paulo Coelho

Sumário

Ó Maria, concebida sem pecado,
rogai por nós, que recorremos a Vós. Amém.

“Vá para onde as águas são mais fundas...”

LUCAS 5:4

Toda manhã, quando abro os olhos para o que chamam de "novo dia", tenho vontade de fechá-los outra vez e não me levantar da cama. Mas é preciso.

Tenho um marido maravilhoso, perdidamente apaixonado por mim, dono de um respeitável fundo de investimentos e que todos os anos – mesmo a contragosto – figura na lista das trezentas pessoas mais ricas da Suíça, segundo a revista *Bilan*.

Tenho dois filhos que são minha "razão de viver" (como dizem minhas amigas). Bem cedo preciso lhes servir o café da manhã e levá-los à escola – a cinco minutos de casa, a pé –, onde estudam em horário integral, permitindo-me trabalhar e ocupar meu tempo. Depois da aula, uma babá filipina cuida deles até meu marido e eu chegarmos em casa.

Gosto do meu emprego. Sou uma jornalista conceituada em um respeitável jornal que pode ser encontrado em quase todas as esquinas de Genebra, onde moramos.

Uma vez por ano viajo de férias com a família, geralmente para lugares paradisíacos, com praias maravilhosas, em cidades "exóticas" e com uma população pobre que nos faz sentir ainda mais ricos, privilegiados e gratos pelas bênçãos que a vida nos concedeu.

Ainda não me apresentei. Muito prazer, meu nome é Linda. Tenho 31 anos, 1,75 metro de altura, 68 quilos e me visto com as melhores roupas que o dinheiro pode comprar (graças à generosidade sem limites de meu marido). Desperto o desejo dos homens e a inveja das mulheres.

No entanto, a cada manhã, quando abro os olhos para este mundo ideal com que todos sonham e poucos conseguem conquistar, sei que o dia será um desastre. Até o início deste ano eu não questionava nada, apenas seguia minha vida, embora de vez em quando me sentisse culpada por ter mais do que mereço. Um belo dia, enquanto preparava o café da manhã para todos (lembro que já era primavera e as flores começavam a desabrochar no jardim), eu me perguntei: "Então é isto?"

Não devia ter feito essa pergunta. Mas a culpa foi de um escritor que eu havia entrevistado na véspera e que, em determinado momento, me dissera:

– Não tenho o menor interesse em ser feliz. Prefiro viver apaixonado, o que é um perigo, pois nunca sabemos o que vamos encontrar pela frente.

Então pensei: Coitado. Nunca está satisfeito. Vai morrer triste e amargo.

No dia seguinte me dei conta de que eu não corria risco nenhum.

Sei o que vou encontrar pela frente: outro dia exatamente igual ao anterior. Apaixonada? Bem, amo meu marido, o que é uma garantia de que não vou cair em depressão por ser obrigada a viver com alguém apenas por questões financeiras, pelos filhos ou pelas aparências.

Moro no país mais seguro do mundo, tudo em minha vida está em ordem, sou boa mãe e esposa. Tive uma educação protestante rígida e pretendo passá-la aos meus filhos. Não dou nenhum passo em falso, porque sei que posso estragar tudo. Faço todas as coisas com a máxima eficiência e o mínimo de envolvimento pessoal. Mais jovem, sofri por amores não correspondidos, como qualquer pessoa normal.

Mas, desde que me casei, o tempo parou.

Até que deparei com aquele maldito escritor e sua resposta. Ora, o que há de errado com a rotina ou o tédio?

Para ser sincera, absolutamente nada. Só...

... só o terror secreto de que tudo mude de uma hora para outra, pegando-me completamente desprevenida.

A partir do momento em que tive esse pensamento nefasto em uma manhã maravilhosa, comecei a ficar assustada. Teria condições de enfrentar o mundo sozinha caso meu marido morresse? Sim, respondi a mim mesma, porque sua herança seria o bastante para sustentar várias gerações. E, se eu morresse, quem cuidaria dos meus filhos? Meu adorado marido. Mas ele acabaria se casando com outra, porque é rico, charmoso e inteligente. Meus filhos estariam em boas mãos?

Meu primeiro passo foi tentar responder a todas as minhas dúvidas. E, quanto mais respondia, mais perguntas surgiam. Será que ele irá arranjar uma amante quando eu ficar velha? Será que já tem outra pessoa, porque não fazemos mais amor como antigamente? Será que ele acha que eu tenho outra pessoa, por não ter demonstrado muito interesse nos últimos três anos?

Nunca brigamos por ciúmes e eu achava isso ótimo, mas a partir daquela manhã de primavera comecei a suspeitar que isso não passava de total falta de amor de ambas as partes.

Fiz o possível para não pensar mais no assunto.

Durante uma semana, sempre que saía do trabalho, ia comprar alguma coisa na Rue du Rhône. Nada que me interessasse muito, mas pelo menos eu sentia que estava – digamos – mudando algo. Precisando de um item do qual não necessitava antes. Descobrindo um eletrodoméstico que desconhecia, embora seja muito difícil surgir uma novidade no reino dos eletrodomésticos. Evitava entrar em lojas de crianças, para não estragar meus filhos com presentes excessivos. Também não ia a lojas de artigos masculinos, para que meu marido não começasse a suspeitar de minha extrema generosidade.

Quando chegava em casa e entrava no reino encantado do meu mundo particular, tudo parecia maravilhoso por três ou quatro horas, até todos irem dormir. Então, pouco a pouco, foi se instalando o pesadelo.

Imagino que paixão seja para os jovens e a ausência dela deve ser normal na minha idade. Não é isso que me apavora.

Hoje, alguns meses depois, sou uma mulher dividida entre o terror de que tudo mude e o terror de que tudo continue do mesmo jeito pelo resto de meus dias. Algumas pessoas dizem que, à medida que o verão se aproxima, começamos a ter ideias meio esquisitas, nos sentimos menores porque passamos mais tempo ao ar livre e isso nos dá a dimensão do mundo. O horizonte fica mais distante, além das nuvens e das paredes de casa.

Pode ser. Mas não consigo mais dormir direito e não é por causa do calor. Quando chega a noite e ninguém está vendo, eu me apavoro por tudo: a vida, a morte, o amor e a falta dele, o fato de todas as novidades estarem virando hábitos, a sensação de que estou perdendo os melhores anos da minha vida em uma rotina que irá se repetir até eu morrer e o pânico de enfrentar o desconhecido, por mais excitante e aventureiro que seja.

Naturalmente, procuro me consolar com o sofrimento alheio.

Ligo a TV, assisto a um telejornal qualquer. Vejo uma infinidade de notícias sobre acidentes, desabrigados por fenômenos da natureza, refugiados. Quantas pessoas doentes há no planeta neste momento? Quantas estão sofrendo, em silêncio ou aos berros, injustiças e traições? Quantos pobres, desempregados e presos existem?

Mudo de canal. Vejo uma novela ou um filme e me distraio por minutos ou horas. Morro de medo de que meu marido acorde e pergunte: “O que está acontecendo, meu amor?” Porque eu teria que responder que está tudo bem. Pior seria – como já aconteceu duas ou três vezes no mês passado – se assim que nos deitássemos ele resolvesse pôr a mão na minha coxa, subi-la bem devagar e começar a me tocar. Posso fingir orgasmo – já fiz isso muitas vezes –, mas não posso simplesmente decidir ficar molhada.

Eu teria que dizer que estou exausta e ele, sem jamais confessar que ficou chateado, me daria um beijo, se viraria para o outro lado, veria as últimas notícias em seu tablet e esperaria o dia seguinte. E então eu torceria para que estivesse cansado, muito cansado.

Mas nem sempre é assim. De vez em quando preciso tomar a iniciativa. Não posso rejeitá-lo por duas noites seguidas ou ele acabará procurando uma amante, e não quero perdê-lo de jeito nenhum. Com um pouco de masturbação, consigo ficar molhada antes, e tudo volta ao normal.

“Tudo volta ao normal” significa: nada será como antes, como na época em que ainda éramos um mistério um para o outro.

Manter o mesmo fogo depois de dez anos de casamento me parece uma aberração. E cada vez que finjo prazer no sexo, morro um pouco por dentro. Um pouco? Acho que estou me esvaziando mais rápido do que pensava.

Minhas amigas acham que tenho sorte – porque minto para elas dizendo que fazemos amor com frequência, assim como mentem para mim dizendo que não sabem como o marido delas consegue manter o mesmo interesse. Afirmam que o sexo no casamento só é prazeroso mesmo nos primeiros cinco anos e que, depois disso, é preciso um pouco de “fantasia”. Fechar os olhos e imaginar que seu vizinho está em cima de você, fazendo coisas que seu marido jamais ousaria. Imaginar-se sendo possuída por ele e por seu marido ao mesmo tempo, todas as perversões possíveis e todos os jogos proibidos.

Hoje, quando saí para levar as crianças ao colégio, fiquei olhando meu vizinho. Nunca o imaginei em cima de mim – prefiro pensar em um jovem repórter que trabalha comigo e aparenta um estado permanente de sofrimento e solidão. Nunca o vi tentar seduzir ninguém e é justamente nisso que está seu charme. Todas as mulheres da redação já comentaram vez ou outra que "gostariam de cuidar dele, pobrezinho". Acredito que ele tenha consciência disso e contente-se em ser um simples objeto de desejo, nada mais. Talvez sinta o mesmo que eu: um medo terrível de dar um passo adiante e estragar tudo – seu emprego, sua família, sua vida passada e futura.

Mas enfim... Observei meu vizinho esta manhã e senti uma enorme vontade de chorar. Ele estava lavando o carro e pensei: Veja só, outra pessoa igual ao meu marido e a mim. Um dia faremos a mesma coisa. Os filhos terão crescido e se mudado para outra cidade ou até outro país, nós estaremos aposentados e lavaremos nossos carros – embora possamos pagar alguém que faça isso por nós. Entretanto, depois de determinada idade, é importante fazer coisas irrelevantes para passar o tempo, mostrar aos outros que nosso corpo ainda funciona bem, que não perdemos a noção do dinheiro e continuamos executando certas tarefas com humildade.

Um carro limpo não fará grande diferença para o mundo. Mas nesta manhã era a única coisa que importava ao meu vizinho. Ele me desejou um excelente dia, sorriu e voltou ao seu trabalho, como se estivesse cuidando de uma escultura de Rodin.

Deixo meu carro num estacionamento – "Use o transporte público até o centro! Chega de poluir o ambiente!" –, pego o ônibus de sempre e vou olhando as mesmas coisas pelo caminho até o trabalho. Genebra parece não ter mudado nada desde que eu era criança: as velhas casas senhoriais insistem em permanecer entre os prédios construídos por algum prefeito maluco que descobriu a "nova arquitetura" nos anos 1950.

Sempre que viajo sinto falta disto. Desse tremendo mau gosto, da falta de grandes torres de vidro e aço, da ausência de vias expressas, das raízes das árvores arrebentando o concreto das calçadas e nos fazendo tropeçar a toda hora, dos jardins públicos com misteriosas cerquinhas de madeira onde nasce todo tipo de erva, porque "a natureza é assim"... Enfim, uma cidade diferente de todas as outras que se modernizaram e perderam o encanto.

Aqui ainda dizemos "bom dia" ao cruzar com um desconhecido pelo caminho e "até logo" ao sairmos de uma loja onde compramos uma garrafa de água mineral, mesmo que não tenhamos a intenção de voltar nunca mais. Ainda conversamos com estranhos no ônibus, embora o resto do mundo imagine que os suíços sejam discretos e reservados.

Que ideia mais equivocada! Mas é bom que pensem assim, porque desse modo conservaremos nosso estilo de vida por mais cinco ou seis séculos, antes que as invasões bárbaras atravessem os Alpes com seus maravilhosos equipamentos eletrônicos, apartamentos de quartos pequenos e salas grandes para impressionar os convidados, mulheres excessivamente maquiadas, homens que falam muito alto e incomodam os vizinhos e adolescentes que se vestem com rebeldia, mas morrem de medo do que o pai e a mãe pensam.

Deixe que todos achem que apenas criamos vacas e produzimos queijo, chocolate e relógios. Que acreditem que existe um banco em cada esquina de Genebra. Não estamos nem um pouco interessados em mudar essa visão. Somos felizes sem as invasões bárbaras. Estamos todos armados até os dentes – como o serviço militar é obrigatório, cada suíço possui um rifle em casa –, mas raramente se ouve falar de uma pessoa ter resolvido atirar em outra.

Somos felizes sem mudar nada há séculos. Sentimos orgulho de termos permanecido neutros quando a Europa enviou seus filhos a guerras sem sentido. Alegramo-nos por não ter que dar explicações a ninguém sobre a aparência pouco atrativa de Genebra, com seus cafés do fim do século XIX e senhoras idosas caminhando pela cidade.

"Somos felizes" talvez seja uma afirmação falsa. Todos são felizes, menos eu, que neste momento sigo para o trabalho pensando no que há de errado comigo.

Mais um dia e outra vez o jornal se esforça para encontrar notícias interessantes além dos costumeiros acidente de carro, assalto (sem ser à mão armada) e incêndio (para onde se deslocam dezenas de veículos com pessoal altamente qualificado, que inunda um velho apartamento porque a fumaça de um assado esquecido no forno acabou assustando todo mundo).

Mais uma volta para casa, o prazer de cozinhar, a mesa posta e a família reunida em torno dela, orando a Deus pelo alimento que recebemos. Mais uma noite em que, após o jantar, cada um segue para o seu canto – o pai vai ajudar os filhos com o dever de casa, a mãe trata de deixar a cozinha limpa, a casa pronta, o dinheiro para a empregada, que chegará amanhã bem cedo.

Durante esses meses, houve momentos em que me senti muito bem. Acho que minha vida faz sentido, que é esse o papel do ser humano na Terra. As crianças percebem que a mãe está em paz, o marido é mais gentil e atencioso, e a casa inteira parece ter luz própria. Somos o exemplo de felicidade para o restante da rua, da cidade, do estado – que aqui chamamos de cantão –, do país.

E de repente, sem nenhuma explicação razoável, entro no chuveiro e caio em prantos. Choro no banho porque assim ninguém pode escutar meus soluços e fazer a pergunta que mais detesto ouvir: "Está tudo bem com você?"

Sim, por que não estaria? Vocês estão vendo algo de errado na minha vida?

Nada.

Apenas a noite que me apavora.

O dia que não me dá nenhum entusiasmo.

As imagens felizes do passado e as coisas que poderiam ter sido e não foram.

O desejo de aventura jamais realizado.

O terror de não saber o que acontecerá com meus filhos.

E então o pensamento começa a girar em torno das coisas negativas, sempre as mesmas, como se um demônio estivesse à espreita no canto do quarto, para saltar sobre mim e dizer que aquilo que eu chamava de "felicidade" era apenas um estado passageiro, que não podia durar muito. Eu sempre soubera disso, não é?

Quero mudar. Preciso mudar. Hoje no trabalho demonstrei mais irritação do que o normal, só porque um estagiário demorou a pesquisar o material que pedi. Não sou assim, mas aos poucos estou perdendo o contato comigo mesma.

É besteira culpar o tal escritor e sua entrevista. Isso foi há meses. Ele apenas destapou a boca de um vulcão que pode entrar em erupção a qualquer momento, semeando morte e destruição ao redor. Se não tivesse sido ele, teria sido um filme, um livro, alguém com quem troquei duas ou três palavras. Imagino que algumas pessoas passam anos deixando a pressão crescer dentro delas, sem nem ao menos notarem, e um belo dia qualquer bobagem faz com que percam a cabeça.

Então dizem: "Chega. Não quero mais isso."

Algumas se matam. Outras se divorciam. Há aquelas que vão para as áreas pobres da África tentar salvar o mundo.

Mas eu me conheço. Sei que minha única reação será sufocar o que sinto, até que um câncer me corroa por dentro. Porque acredito mesmo que grande parte das doenças seja resultado de emoções reprimidas.

Acordo às duas da manhã e fico olhando para o teto, mesmo sabendo que preciso levantar cedo no dia seguinte – algo que simplesmente detesto. Em vez de pensar em alguma coisa produtiva como “o que está acontecendo comigo”, simplesmente não consigo controlar as ideias. Há dias – embora poucos, graças a Deus – em que fico me perguntando se devo ir até um hospital psiquiátrico procurar ajuda. O que me impede de fazer isso não é meu trabalho nem meu marido, mas as crianças. Elas não podem perceber o que sinto, de jeito nenhum.

Tudo está mais intenso. Volto a pensar num casamento – o meu – em que o ciúme nunca fez parte de qualquer discussão. Mas nós, mulheres, temos um sexto sentido. Talvez meu marido tenha encontrado outra e eu esteja percebendo isso inconscientemente. No entanto não há motivo algum para eu suspeitar dele.

Isso não é um absurdo? Será que, entre todos os homens do mundo, fui me casar com o único que é absolutamente perfeito? Não bebe, não sai à noite, não tem um dia para estar só com os amigos. A vida dele se resume à família.

Seria um sonho se não fosse um pesadelo. Porque minha responsabilidade de corresponder a isso é gigantesca.

Então me dou conta de que palavras como “otimismo” e “esperança”, que lemos em todos os livros que tentam nos deixar seguros e preparados para a vida, não passam disto: palavras. Os sábios que as pronunciaram talvez estivessem buscando um sentido para elas e nos usaram como cobaias, para ver como reagiríamos a esse estímulo.

Na verdade, estou cansada de ter uma vida feliz e perfeita. E isso só pode ser sinal de alguma doença mental.

Durmo pensando nisso. Quem sabe não estou com algum problema sério?

Vou almoçar com uma amiga.

Ela sugeriu que nos encontrássemos num restaurante japonês do qual eu nunca ouvi falar – o que é estranho, pois adoro comida japonesa. Garantiu-me que o lugar é excelente, embora um pouco afastado do meu trabalho.

Foi difícil chegar. Tive que pegar dois ônibus e encontrar alguém que me indicasse a tal galeria onde fica o "restaurante excelente". Acho tudo horrível – a decoração, as mesas com toalhas de papel, a falta de vista. Mas ela está certa. É uma das melhores comidas que já experimentei em Genebra.

– Eu sempre comia no mesmo restaurante, que achava razoável, mas nada de especial – diz ela. – Até que um amigo meu que trabalha na Missão Diplomática do Japão me sugeriu este. Achei o lugar horrível, como você também deve ter achado. Mas são os próprios donos que cuidam do restaurante, e isso faz toda a diferença.

Eu sempre vou aos mesmos restaurantes e peço os mesmos pratos, penso. Nem nisso sou mais capaz de arriscar.

Minha amiga toma antidepressivos. A última coisa que desejo é conversar com ela sobre esse assunto, porque hoje cheguei à conclusão de que estou a um passo da doença e não quero aceitar isso.

E justamente por ter dito a mim mesma que essa era a última coisa que gostaria de fazer, é a primeira que faço. A tragédia alheia sempre ajuda a diminuir nosso sofrimento.

Pergunto como ela está se sentindo.

– Muito melhor. Embora os remédios tenham demorado a fazer efeito, uma vez que começam a atuar no organismo recuperamos o interesse pelas coisas, que voltam a ter cor e sabor.

Ou seja: o sofrimento se transformou em mais uma fonte de lucro para a indústria farmacêutica. Está triste? Tome esta pílula e seus problemas se acabarão.

Com delicadeza, sondo se ela tem interesse em colaborar com um grande artigo sobre depressão para o jornal.

– Não vale a pena. As pessoas agora dividem tudo o que sentem na internet. E existem os remédios.

O que se discute na internet?

– Efeitos colaterais dos remédios. Ninguém está interessado nos sintomas dos outros, porque podem ser contagiosos. De repente podemos começar a sentir algo que não sentíamos antes.

Nada mais?

– Exercícios de meditação. Mas não acredito que deem muito resultado. Já testei todos, mas só melhorei mesmo quando resolvi aceitar que tinha um problema.

Mas saber que não está sozinha não ajuda em nada? Discutir o que se sente por causa da depressão não é bom para todo mundo?

– De jeito nenhum. Quem saiu do inferno não tem o menor interesse em saber como a vida continua lá dentro.

Por que passou tantos anos naquele estado?

– Porque eu não acreditava que podia estar deprimida. E porque, quando

comentava com você ou com outras amigas, todas diziam que era bobagem, que as pessoas que realmente têm problemas não têm tempo para sentir depressão.
É verdade; eu tinha dito isso mesmo.
Insisto: um artigo ou um post num blog talvez ajude as pessoas a suportar a doença e buscar ajuda. Já que eu não estou deprimida e não sei como é isso – enfatizo – será que ela não pode ao menos me falar um pouco a respeito?
Ela hesita. Mas é minha amiga e talvez desconfie de alguma coisa.
– É como estar em uma armadilha. Você sabe que está presa, mas não consegue...
Foi exatamente o que eu tinha pensado alguns dias antes.
Ela começa a listar uma série de coisas que parecem comuns a todos que já visitaram o que chama de "inferno". Falta de vontade de levantar da cama. As tarefas mais simples se transformam em esforços hercúleos. O sentimento de culpa por não se ter motivo algum para ficar nesse estado, enquanto tanta gente no mundo sofre de verdade.
Tento me concentrar na excelente comida, que a esta altura já começou a perder o gosto. Minha amiga continua:
– Apatia. Fingir alegria, fingir tristeza, fingir orgasmo, fingir que está se divertindo, fingir que dormiu bem, fingir que vive. Até que chega o momento em que há uma linha vermelha imaginária e você entende que, se cruzá-la, não haverá mais volta. Então para de reclamar, porque reclamar significa que ao menos está lutando contra alguma coisa. Você aceita o estado vegetativo e procura escondê-lo de todo mundo. O que dá um trabalhão.
E o que provocou sua depressão?
– Nada em especial. Mas por que tantas perguntas? Você está sentindo alguma coisa?
Claro que não!
É melhor mudar de assunto.
Falamos do político que vou entrevistar em dois dias: um ex-namorado meu do ensino médio que talvez nem se lembre de que já trocamos alguns beijos e que apalpou meus seios ainda não completamente formados.
Minha amiga fica eufórica. Eu apenas tento não pensar em nada – minhas reações no piloto automático.
Apatia. Ainda não cheguei nesse estágio, reclamo do que está acontecendo comigo, mas imagino que daqui a pouco – pode ser uma questão de meses, dias ou horas – a completa falta de interesse por tudo pode se instalar, e será muito difícil afastá-la.
Parece que minha alma está lentamente deixando meu corpo e indo para um lugar que desconheço, um lugar "seguro", onde não precise aturar a mim e a meus terrores noturnos. Como se eu não estivesse em um restaurante japonês horroroso, mas com uma comida deliciosa, e tudo que estou vivendo fosse apenas cena de um filme a que assisto, sem querer – ou poder – interferir.

Acordo e repito os mesmos rituais de sempre – escovar os dentes, me arrumar para o trabalho, ir ao quarto das crianças despertá-las, preparar o café da manhã de todos, sorrir, dizer que a vida é bela. Em cada minuto e em cada gesto, sinto um peso que não consigo identificar, como o animal não entende direito de que maneira foi capturado em uma armadilha.

A comida fica sem gosto, o sorriso, em contrapartida, alargase ainda mais (para que não desconfiem), a vontade de chorar é engolida, a luz parece cinza.

Aquela conversa de ontem não me fez bem: começo a achar que estou deixando de ficar revoltada e caminho depressa para a apatia.

Será que ninguém enxerga isso?

Claro que não. Afinal, eu seria a última pessoa do mundo a admitir que preciso de ajuda.

Este é o meu problema: o vulcão explodiu e não dá mais para colocar a lava de volta para dentro, plantar árvores, aparar a grama e pôr ovelhas para pastar ali.

Eu não merecia isso. Sempre tentei atender às expectativas de todo mundo. Mas aconteceu e não posso fazer nada, exceto tomar remédios. Talvez invente hoje mesmo uma desculpa para escrever uma matéria sobre psiquiatria e seguro social (eles adoram isso) e acabe encontrando um bom psiquiatra a quem pedir ajuda, apesar de isso não ser ético. Mas nem tudo é ético.

Não tenho nenhuma obsessão que ocupe minha cabeça – como fazer dieta, por exemplo. Ou mania de arrumação, sempre achando defeitos no trabalho da empregada, que chega às oito da manhã e sai às cinco da tarde, depois de lavar e passar a roupa, arrumar a casa e, de vez em quando, ir ao supermercado. Não posso descarregar minhas frustrações procurando ser uma supermãe, porque as crianças iriam se ressentir disso pelo resto da vida.

Saio para o trabalho e vejo de novo o vizinho polindo o carro. Mas não fez isso ontem?

Sem conseguir me conter, me aproximo e pergunto por quê.

– Ficaram faltando algumas coisas – responde ele, depois de me dar bom-dia, perguntar como está minha família e comentar que meu vestido é lindo.

Olho o carro, um Audi (um dos apelidos de Genebra é Audiland). Parece-me perfeito. Ele mostra um ou outro pequeno detalhe que ainda não está brilhando como deveria.

Estico um pouco a conversa e acabo perguntando o que ele acha que as pessoas procuram na vida.

– Isso é fácil. Pagar suas contas. Comprar uma casa como a sua ou a minha. Ter um jardim com árvores, receber os filhos e os netos para o almoço de domingo. Viajar pelo mundo depois da aposentadoria.

É isso que as pessoas desejam da vida? É isso mesmo? Há algo muito errado com este mundo, e não são as guerras na Ásia ou no Oriente Médio.

Antes de seguir para a redação, tenho que entrevistar Jacob, meu antigo namorado do ensino médio. Nem isso me anima – estou mesmo perdendo o interesse pelas coisas.

Escuto informações que não pedi sobre programas do governo. Faço perguntas para constrangê-lo, mas ele se esquiva com elegância. É um ano mais novo que eu, portanto deve ter 30 anos, embora pareça 35. Guardo essa observação para mim mesma.

Claro que gostei de revê-lo, embora até o momento ele não tenha me perguntado o que aconteceu com minha vida desde que cada um seguiu seu caminho após a formatura. Está concentrado em si, na carreira, no futuro, enquanto eu me pego bobamente olhando para o passado, como se ainda fosse a adolescente com aparelho nos dentes e mesmo assim invejada pelas outras garotas.

Depois de algum tempo, paro de escutá-lo e entro no piloto automático. Sempre o mesmo roteiro, os mesmos assuntos – reduzir os impostos, combater a criminalidade, controlar melhor a entrada dos franceses (chamados de "fronteiriços"), que ocupam vagas de emprego que caberiam aos suíços. Entra ano, sai ano, os temas continuam os mesmos e os problemas seguem sem solução, porque ninguém se interessa de verdade por isso.

Depois de vinte minutos de conversa começo a me perguntar se tamanho desinteresse é consequência da minha estranha condição no momento. Mas não. Não há nada mais entediante do que entrevistar políticos. Teria sido melhor se tivessem me mandado cobrir um crime. Assassinos são bem mais autênticos.

E, comparados aos representantes do povo em qualquer outro lugar do planeta, os nossos são os menos interessantes e mais insípidos. Ninguém quer saber da vida particular deles. Só duas coisas podem resultar em escândalo: corrupção e drogas. Aí o caso ganha proporções gigantescas e rende mais do que deveria, pela absoluta falta de assunto dos jornais.

Mas quem quer saber se eles têm amantes, frequentam bordéis ou decidiram assumir sua homossexualidade? Ninguém. Continuem fazendo aquilo para o que foram eleitos, não estourem o orçamento público e viveremos todos em paz.

O presidente do país muda todo ano (isso mesmo, *todo ano*) e não é escolhido pelo povo, mas pelo Conselho Federal, entidade formada por sete ministros que exerce a chefia de Estado da Suíça. Por outro lado, cada vez que passo em frente ao Museu de Belas-Artes, vejo propagandas de novos plebiscitos.

A população adora decidir tudo – cor dos sacos de lixo (ganhou o preto), permissão para porte de armas (a maioria esmagadora aprovou, e a Suíça é o país com mais armas per capita do mundo), número de minaretes que podem ser construídos em todo o país (quatro), asilo a expatriados (não acompanhei, mas imagino que a lei tenha sido aprovada e já esteja em vigor).

– Senhor Jacob König.

Já fomos interrompidos uma vez. Com delicadeza ele pede que seu assessor adie o próximo compromisso. Meu jornal é o mais importante da Suíça francesa e a entrevista pode ser um divisor de águas para as próximas eleições.

Ele finge que me convence e eu finjo que acredito.

Mas já estou satisfeita. Levanto-me, agradeço e digo que já tenho todo o material de que preciso.

– Não falta nada?

Claro que falta. Mas não cabe a mim dizer o quê.

– Que tal nos encontrarmos depois do expediente?

Explico que preciso buscar meus filhos no colégio. Espero que ele tenha visto a aliança de ouro maciço em meu dedo, dizendo: “O que passou passou.”

– Certo, então que tal almoçarmos qualquer dia?

Concordo. Eu me engano com muita facilidade e digo a mim mesma: quem sabe ele não tem algo realmente importante a me dizer, um segredo de Estado, alguma coisa que mudará a política do país e me fará ser vista com outros olhos pelo redator-chefe do jornal?

Ele vai até a porta, tranca-a, volta para junto de mim e me beija. Correspondo, porque já faz muito tempo desde que fizemos isso pela última vez. Jacob, que eu talvez pudesse ter amado um dia, agora é um homem de família, casado com uma professora. E eu, uma mulher de família, casada com um herdeiro rico, porém trabalhador.

Penso em empurrá-lo e dizer que não somos mais crianças, mas estou gostando. Não apenas descobri um novo restaurante japonês, como estou fazendo algo errado. Consegui transgredir as regras e o mundo não desabou na minha cabeça! Faz tempo que não me sinto tão feliz assim.

A cada instante me sinto melhor, mais corajosa, mais livre. Então faço algo que sempre sonhei, desde os tempos de escola.

Ajoelho-me no chão, abro o zíper de sua calça e começo a lamber seu sexo. Ele segura meus cabelos e controla o ritmo. Goza em menos de um minuto.

– Que delícia!

Não respondo. A verdade, porém, é que foi muito melhor para mim do que para ele, que teve uma ejaculação precoce.

Depois do pecado, o medo de ser pega pelo crime cometido.

No caminho de volta para o jornal compro escova e pasta de dentes. A cada meia hora vou ao banheiro da redação para ver se não existe nenhuma marca no rosto ou na blusa Versace cheia de bordados intricados, perfeitos para guardar vestígios. Pelo canto dos olhos observo meus colegas de trabalho, mas nenhum deles (ou nenhuma delas – as mulheres têm sempre uma espécie de radar especial para esses detalhes) notou qualquer coisa.

Por que aquilo aconteceu? Parecia que outra pessoa tinha me dominado e me empurrado para aquela situação mecânica, que nada tinha de erótica. Será que eu queria provar a Jacob que sou uma mulher independente, livre, dona do meu próprio nariz? Eu tinha feito aquilo para impressioná-lo ou para tentar fugir do que minha amiga chamara de "inferno"?

Tudo vai continuar como antes. Não estou numa encruzilhada. Sei para onde ir e espero que, com o passar dos anos, eu consiga fazer com que minha família mude de direção para não acabarmos achando que lavar o carro é algo extraordinário. As grandes mudanças acontecem com o tempo – e isso eu tenho de sobra.

Pelo menos é o que espero.

Chego em casa procurando não demonstrar felicidade nem tristeza. O que imediatamente chama a atenção das crianças.

– Mamãe, você está meio esquisita hoje.

Tenho vontade de dizer: estou mesmo, porque fiz algo que não deveria e mesmo assim não me sinto nem um pouco culpada, apenas tenho medo de ser descoberta.

Meu marido chega e, como sempre, me dá um beijo, pergunta como foi meu dia e o que teremos para o jantar. Eu dou as respostas a que ele está acostumado. Se não notar nada de diferente na rotina, não suspeitará que hoje à tarde fiz sexo oral em um político.

O que, por sinal, não me rendeu o menor prazer físico. E agora estou louca de desejo, precisando de um homem, de muitos beijos, de sentir a dor e o prazer de um corpo sobre o meu.

* * *

Quando subimos para o quarto, percebo que estou completamente excitada, doida para fazer amor com meu marido. Mas preciso ir com calma – nada de exageros, ou ele pode desconfiar.

Tomo um banho, deito-me a seu lado, tiro o tablet de sua mão e o coloco na mesinha de cabeceira. Começo a acariciar seu peito e ele logo fica excitado. Transamos como havia muito tempo não fazíamos. Quando gemo um pouco mais alto, ele pede que me controle para não acordar as crianças, mas digo que estou farta desse comentário e quero poder expressar o que sinto.

Tenho orgasmos múltiplos. Meu Deus, como amo este homem que está ao meu lado! Terminamos exaustos e suados, por isso decido tomar outro banho. Ele me acompanha e brinca colocando o chuveirinho no meu sexo. Eu lhe peço que pare, pois estou cansada, precisamos dormir e desse jeito ele vai acabar me

excitando de novo.
Enquanto enxugamos um ao outro, num surto de tentar mudar a todo custo meu modo de encarar os dias, peço que me leve a uma boate. Acho que neste momento ele desconfia de que há alguma coisa diferente.
– Amanhã?
Amanhã não posso, tenho aula de ioga.
– Já que você tocou no assunto, posso fazer uma pergunta bastante direta?
Meu coração para. Ele continua:
– Por que exatamente você está fazendo ioga? É uma mulher tão calma, em harmonia consigo mesma e que sabe muito bem o que quer. Não acha que está perdendo tempo?
Meu coração volta a bater. Não respondo. Limito-me a sorrir e afagar seu rosto.

Caio na cama, fecho os olhos e penso antes de dormir: devo estar atravessando alguma crise típica de quem está casada há tanto tempo. Vai passar.
Nem todo mundo precisa ser feliz o tempo todo. Aliás, ninguém consegue isso. É preciso aprender a lidar com a realidade da vida.
Querida depressão, não se aproxime. Não seja desagradável. Vá atrás de outros que têm mais motivos do que eu para olhar você no espelho e dizer: “Que vida inútil.” Querendo você ou não, sei como derrotá-la.
Depressão, você está perdendo seu tempo comigo.

O encontro com Jacob König transcorre exatamente como eu imaginava. Vamos ao La Perle du Lac, um restaurante caro na beira do lago, que costumava ser ótimo, mas hoje é sustentado pela cidade. Continua custando os olhos da cara, apesar de a comida ser péssima. Eu poderia tê-lo surpreendido com o restaurante japonês que acabara de conhecer, mas sei que me julgaria de mau gosto. Para certas pessoas a decoração importa mais do que a comida.

E agora vejo que tomei a decisão certa. Ele tenta me mostrar que é um profundo conhecedor de vinhos, avaliando o "buquê", a "textura", a "lágrima", aquela marca oleosa que escorre pela parede do copo. Ou seja, está me dizendo que cresceu, não é mais o garoto dos tempos de escola, aprendeu, subiu na vida e agora conhece o mundo, os vinhos, a política, as mulheres e as ex-namoradas.

Quanta bobagem! Nós nascemos e morremos tomando vinho. Sabemos distinguir quando é de boa ou de má qualidade, e ponto final.

Mas até conhecer meu marido, todos os homens que encontrei – e que se julgavam bem-educados – consideravam a escolha do vinho seu momento de glória solitária. Todos fazem a mesma coisa: com uma expressão muito compenetrada, cheiram a rolha, leem o rótulo, deixam que o garçom sirva uma prova, giram a taça, observam-na contra a luz, cheiram, degustam lentamente, engolem e, por fim, fazem um sinal de aprovação com a cabeça.

Depois de assistir a essa cena um sem-número de vezes, decidi que iria mudar de turma e passei a andar com os nerds, os socialmente excluídos da faculdade. Ao contrário dos provadores de vinho previsíveis e artificiais, os nerds eram autênticos e não faziam o menor esforço para me impressionar. Falavam de coisas que eu não entendia. Achavam, por exemplo, que eu tinha obrigação de, no mínimo, conhecer o nome *Intel*, "já que está escrito em todos os computadores". Eu nunca havia prestado atenção.

Os nerds faziam com que me sentisse uma completa ignorante, uma mulher sem atrativo nenhum, e se interessavam mais por pirataria na internet do que por meus seios e minhas pernas. Acabei voltando para a segurança dos provadores de vinho. Até que encontrei um homem que não tentava me impressionar com seu gosto sofisticado nem fazia com que eu me sentisse burra com conversas sobre planetas misteriosos, hobbits e programas de computador que apagam vestígios das páginas visitadas. Depois de alguns meses de namoro, durante os quais conhecemos pelo menos 120 novas aldeias em torno do lago que banha Genebra, ele me pediu em casamento.

Aceitei na hora.

Pergunto a Jacob se ele conhece alguma boate, porque faz anos que não acompanho a vida noturna de Genebra ("vida noturna" é apenas modo de dizer) e decidi sair para dançar e beber. Seus olhos brilham.

– Não tenho tempo para isso. Fico honrado com o convite, mas, como sabe, além de ser casado, não posso ser visto por aí com uma jornalista. Vão dizer que suas notícias são...

Tendenciosas.

– ... sim, tendenciosas.

Resolvo levar adiante aquele joguinho de sedução, que sempre me divertiu. O que tenho a perder? Afinal, já conheço todos os caminhos, desvios, armadilhas e

objetivos.

Sugiro que me fale mais dele. De sua vida pessoal. Afinal de contas, não estou aqui como jornalista, mas como mulher e exnamorada de adolescência.

Enfatizo bem a palavra *mulher*.

– Não tenho vida pessoal – responde. – Infelizmente não posso ter uma. Escolhi uma carreira que me transformou num autômato. Tudo que digo é vigiado, questionado, publicado.

Não é bem assim, mas sua sinceridade me desarma. Sei que está conhecendo o terreno, quer saber onde está pisando e até onde pode ir comigo. Insinua que é "infeliz no casamento", como fazem todos os homens maduros – depois de provarem o vinho e explicarem exaustivamente como são poderosos.

– Os dois últimos anos foram marcados por alguns meses de alegria, outros de desafios, mas o resto é apenas agarrar-se ao cargo e tentar agradar a todos para ser reeleito. Fui obrigado a abrir mão de tudo o que me dava prazer, como dançar com você esta semana, por exemplo. Ou ficar horas escutando música, fumar ou fazer qualquer coisa que os outros julgam inadequado.

Mas que exagero! Ninguém se preocupa com sua vida pessoal.

– Talvez seja o retorno de Saturno. A cada 29 anos esse planeta volta para o mesmo lugar onde estava na data de nosso nascimento.

Retorno de Saturno?

Ele se dá conta de que falou mais do que devia, e sugere que talvez seja melhor voltarmos ao trabalho.

Não. Meu retorno de Saturno já aconteceu, preciso saber exatamente o que isso significa. Ele me dá uma aula de astrologia: Saturno leva 29 anos para voltar ao ponto em que estava no momento em que nascemos. Até isso acontecer, achamos que tudo é possível, que os sonhos irão se realizar e que as muralhas que nos cercam ainda podem ser derrubadas. Quando Saturno completa o ciclo, o romantismo desaparece. As escolhas são definitivas e as mudanças de percurso passam a ser praticamente impossíveis.

– Não sou especialista, é claro. Mas minha próxima chance só acontecerá quando chegar aos 58 anos, no segundo retorno de Saturno. E por que me convidou para almoçar, se Saturno diz que não é mais possível escolher outro caminho? Já estamos há quase uma hora conversando.

– Você é feliz?

O quê?

– Notei algo em seus olhos... uma tristeza inexplicável para uma mulher tão bonita, bem casada e com um bom emprego. Era como se visse um reflexo de meus próprios olhos. Vou repetir a pergunta: você é feliz?

No país onde nasci, fui criada e agora estou criando meus filhos, *ninguém* faz esse tipo de pergunta. Felicidade não é um valor que possa ser medido com precisão, discutido em plebiscitos, analisado por especialistas. Não perguntamos sequer a marca do carro do outro, quanto mais algo tão íntimo e impossível de definir.

– Não precisa responder. O silêncio já basta.

Não, o silêncio não basta. Ele não é resposta nenhuma. Reflete apenas

surpresa, perplexidade.

– Não sou feliz – diz ele. – Tenho tudo que um homem sonha, mas não sou feliz.

Será que puseram alguma coisa na água da cidade? Será que estão querendo destruir meu país com alguma arma química que provoca uma profunda frustração em todo mundo? Não é possível que todos com quem converso sintam a mesma coisa.

Até aqui não falei nada. Mas as almas penadas têm essa incrível habilidade de se reconhecerem e se aproximarem, multiplicando suas dores.

Por que eu não havia percebido? Por que me fixara na superficialidade com que ele falava de temas políticos ou no pedantismo com que provava o vinho?

Retorno de Saturno. Infelicidade. Coisas que eu jamais esperava ouvir de Jacob König.

Então, neste exato momento – olho para relógio, são 13h55 –, eu me apaixono de novo por ele. Ninguém, nem mesmo meu maravilhoso marido, jamais me perguntou se sou feliz. Talvez na infância meus pais ou avós tenham eventualmente procurado saber se eu estava alegre, mas só.

– Voltaremos a nos encontrar?

Olho para a frente e já não vejo mais o ex-namorado de adolescência, mas um abismo do qual me aproximo voluntariamente, um abismo do qual não quero escapar de jeito nenhum. Numa fração de segundo imagino que as noites insones se tornarão mais insuportáveis do que nunca, já que agora tenho um problema concreto: um coração apaixonado.

Todas as luzes vermelhas de “alerta” que existem no meu consciente e no meu inconsciente começam a piscar.

Mas digo a mim mesma: você não passa de uma tola, o que ele quer mesmo e levá-la para a cama. Está pouco se importando com a sua felicidade.

Então, num gesto quase suicida, concordo. Quem sabe ir para a cama com alguém que apenas tocou meus seios quando ainda éramos adolescentes não fará bem ao meu casamento, como aconteceu ontem, quando fiz sexo oral nele de manhã e tive orgasmos múltiplos à noite?

Tento voltar ao assunto de Saturno, mas ele já pediu a conta e está falando ao celular, avisando que chegará cinco minutos atrasado.

– Por favor, ofereça água e café.

Pergunto com quem estava falando e ele diz que era com a esposa. O diretor de uma grande empresa farmacêutica quer vê-lo e, possivelmente, investir algum dinheiro nesta fase final de sua campanha para o Conselho de Estado. As eleições se aproximam muito rápido.

Mais uma vez lembro que é casado. Que é infeliz. Que não pode fazer nada do que gosta. Que correm boatos a respeito dele e da esposa – parece que têm um casamento aberto. Preciso esquecer aquela fagulha que me fulminou às 13h55 e entender que ele só quer me usar.

Isso não me incomoda, desde que as coisas fiquem claras. Também preciso levar alguém para a cama.

Paramos na calçada em frente ao restaurante. Ele olha em volta, como se fôssemos um casal absolutamente suspeito. Depois de se certificar de que ninguém está nos vigiando, acende um cigarro.

Então era isto que temia que vissem: o cigarro.

– Como você deve lembrar, eu era considerado o estudante mais promissor da turma. Eu tinha que mostrar que todos estavam certos, porque temos uma imensa necessidade de amor e aprovação. Eu sacrificava encontros com amigos para estudar e corresponder às expectativas dos outros. Concluí o ensino médio com excelentes notas. Por sinal, por que terminamos o namoro?

Se ele não lembra, eu menos ainda. Acho que naquela época todo mundo seduzia todo mundo e ninguém ficava com ninguém.

– Terminei a faculdade, fui nomeado defensor público, passei a conviver com bandidos e inocentes, canalhas e pessoas honestas. O que era para ser um emprego temporário se tornou uma decisão para a vida: posso ajudar. Minha carteira de clientes foi crescendo. Minha fama se espalhou pela cidade. Meu pai insistia em que já estava na hora de largar tudo aquilo e ir trabalhar no escritório de advocacia de um amigo dele. Mas eu me entusiasmava com cada causa que vencia. E volta e meia tropeçava em uma lei completamente arcaica, que já não se aplicava ao momento presente. Era preciso mudar muita coisa na administração da cidade.

Tudo isso está na biografia oficial dele, mas ouvir de sua boca é diferente.

– Em determinado momento, achei que podia me candidatar a deputado. Fizemos uma campanha quase sem recursos, porque meu pai era contra. Só que os clientes foram a favor. Fui eleito por uma margem ínfima de votos, mas consegui.

Ele olha em volta mais uma vez. Escondeu o cigarro nas costas. Mas como ninguém está observando, dá outra longa tragada. Seus olhos estão vazios, focados no passado.

– Quando comecei na política, eu dormia apenas cinco horas por dia e estava sempre cheio de energia. Agora tenho vontade de dormir dezoito horas. Acabou a lua de mel com meu lugar no mundo. Sobrou apenas a necessidade de agradar a todos, sobretudo à minha mulher, que luta como uma louca para que eu tenha um futuro brilhante. Marianne sacrificou muita coisa por isso e não posso decepcioná-la.

Foi este mesmo homem que há apenas alguns minutos me convidou para sair de novo? Será que é isso mesmo que ele quer: sair e conversar com alguém que possa entendê-lo, porque sente as mesmas coisas?

Tenho o dom de criar fantasias com uma rapidez impressionante. Já estava me imaginando entre lençóis de seda em um chalé nos Alpes.

– Então, quando podemos nos encontrar de novo?

Você escolhe.

Ele marca para daqui a dois dias. Digo que tenho aula de ioga. Ele me pede que falte. Explico que vivo faltando e tinha prometido a mim mesma ser mais disciplinada.

Jacob parece resignado. Fico tentada a aceitar, mas não posso parecer muito ansiosa ou disponível.

A vida está voltando a ter graça, porque a apatia de antes é substituída pelo medo. Que alegria ter medo de perder uma oportunidade!

Digo que é impossível, melhor marcarmos para sexta-feira. Ele aceita, liga para seu assessor e pede que coloque na agenda. Termina o cigarro e nos despedimos. Não pergunto por que me contou tanto de sua vida íntima e ele tampouco acrescenta nada de importante ao que dissera quando estávamos no restaurante.

Eu gostaria de acreditar que alguma coisa mudou nesse almoço. Mais um entre as centenas de almoços profissionais que tive, com uma comida que não poderia ser menos saudável e bebida que ambos fingiram tomar, mas que continuavam praticamente intocadas quando pedimos o café. Não se pode baixar nunca a guarda, apesar de toda aquela encenação ao provar.

A necessidade de agradar a todos. O retorno de Saturno.

Não estou sozinha.

Jornalismo não tem nada do glamour que as pessoas imaginam – entrevistar gente famosa, receber convites para viagens fantásticas, ter contato com o poder, o dinheiro, o mundo fascinante da marginalidade.

Na verdade, passamos a maior parte do tempo em estações de trabalho com divisórias baixas de compensado, grudados no telefone. Privacidade é apenas para os chefes, com seus aquários de vidro transparente, cujas cortinas podem ser fechadas de vez em quando. Ao fazerem isso, eles continuam a saber o que acontece do lado de fora, ao passo que nós não acompanhamos mais seus lábios de peixe se movendo.

Jornalismo em Genebra, com seus 195 mil habitantes, é o que há de mais entediante no mundo. Dou uma olhada na edição de hoje, embora já saiba o que contém – os constantes encontros de dignitários estrangeiros na sede das Nações Unidas, as usuais reclamações contra o fim do sigilo bancário e mais algumas coisas que merecem destaque na primeira página, como "Obesidade mórbida impede homem de entrar em avião", "Lobo dizima ovelhas nos arredores da cidade", "Fósseis pré-colombianos encontrados em Saint-Georges" e, finalmente, a manchete principal: "Após restauração, o barco *Genève* volta ao lago mais belo do que nunca."

Sou chamada a uma das estações de trabalho. Querem saber se consegui algo exclusivo no almoço com o político. Como era de se esperar, fomos vistos juntos.

Não, respondo. Nada além do que está na biografia oficial. O almoço foi mais para me aproximar de uma "fonte", como chamamos as pessoas que nos dão informações importantes. (Quanto maior sua rede de fontes, melhor e mais respeitado é o jornalista.)

Meu chefe diz que outra "fonte" garante que, mesmo casado, Jacob König tem um caso com a mulher de outro político. Sinto uma pontada naquele canto escuro da alma onde a depressão tem batido e eu tenho me recusado a atender.

Perguntam se posso me aproximar mais dele. Não estão muito interessados em sua vida sexual, mas a tal "fonte" sugeriu que talvez ele esteja sendo chantageado. Um grupo metalúrgico estrangeiro quer apagar traços de problemas fiscais em seu país, mas não tem como chegar ao ministro das Finanças. Estão precisando de um "empurrãozinho".

O diretor explica: o deputado Jacob König não é nosso alvo, precisamos denunciar aqueles que estão tentando corromper nosso sistema político.

– Não será difícil. Basta dizer que estamos do lado dele.

A Suíça é um dos poucos países do mundo onde a palavra basta. Na maioria dos outros lugares são necessários advogados, testemunhas, documentos assinados e ameaça de processo se o sigilo for quebrado.

– Precisamos apenas de confirmação e fotos.

Então tenho que me aproximar dele.

– Também não será difícil. Nossas fontes dizem que até já marcaram um encontro. Está em sua agenda oficial.

E este é o país dos segredos bancários! Todo mundo sabe tudo.

– Siga a tática de sempre.

A "tática de sempre" é constituída de quatro pontos: 1. Comece perguntando sobre qualquer assunto que seja interessante para o entrevistado declarar em

público. 2. Deixe que fale o máximo de tempo possível, assim ele acreditará que o jornal lhe dedicará um grande espaço. 3. No final da entrevista, quando ele já estiver convencido de que nos tem sob controle, faça aquela pergunta, a *única* que nos interessa, para que ele sinta que, se não responder, não lhe daremos o espaço que espera e assim terá perdido seu tempo. 4. Se ele responder de maneira evasiva, reformule a pergunta, mas insista na questão. Ele dirá que isso não interessa a ninguém. Mas é preciso conseguir uma, pelo menos *uma* declaração. Em 99 por cento dos casos o entrevistado cai na armadilha.

Isso é o bastante. O resto da entrevista você joga fora e usa a declaração na matéria, que não era sobre o entrevistado, mas sobre algum tema importante, contendo apurações jornalísticas, informações oficiais, extraoficiais, "fontes" anônimas, etc.

– Se ele relutar em responder, insista em que estamos do lado dele. Você sabe como o jornalismo funciona. E isso será levado em conta...

Sei como funciona. A carreira de jornalista é tão curta quanto a de atleta. Alcançamos cedo a glória e o poder, e logo damos lugar à geração seguinte. São poucos os que continuam e progridem. Os outros veem o padrão de vida cair, tornam-se críticos da imprensa, criam blogs, dão palestras e passam mais tempo do que seria necessário tentando impressionar os amigos. Não existe estágio intermediário.

Eu ainda estou na faixa "profissional promissora". Se conseguir as tais declarações, é provável que no próximo ano eu ainda não vá escutar: "Precisamos cortar os custos e você, com seu talento e seu nome, com certeza irá encontrar outro emprego."

Serei promovida? Poderei decidir o que publicar na primeira página: o problema do lobo que devora ovelhas, o êxodo de banqueiros estrangeiros para Dubai e Cingapura, ou a absurda falta de imóveis para alugar. Que maneira empolgante de passar os próximos cinco anos...

Volto para minha estação de trabalho, dou mais alguns telefonemas sem importância e leio tudo o que há de interessante nos portais da internet. Ao meu lado, os colegas fazem o mesmo, desesperados para encontrar alguma notícia que faça nossa circulação parar de despencar. Alguém diz que javalis foram encontrados no meio da linha férrea que une Genebra a Zurique. Isso dá matéria?

Claro que dá. Assim como o telefonema que acabo de receber de uma mulher de 80 anos, reclamando da lei que proíbe que se fume em bares. Ela diz que no verão não há problema, mas no inverno teremos muito mais gente morrendo de pneumonia do que de câncer de pulmão, já que todos serão obrigados a fumar do lado de fora.

O que é mesmo que estamos fazendo aqui na redação de um jornal impresso?

Já sei: adoramos nosso trabalho e temos a intenção de salvar o mundo.

Sentada na postura de lótus, com o incenso queimando e escutando uma música insuportavelmente parecida com a que costumávamos ouvir em elevadores, começo a "meditação". Já faz um tempo que me aconselharam que experimentasse. Foi quando achavam que eu estava "estressada". (Eu estava de fato, mas era melhor do que esse total desinteresse pela vida que sinto agora.)

– As impurezas da razão irão perturbá-los. Não se preocupem. Aceitem os pensamentos que aparecerem. Não lutem contra eles.

Perfeito, estou fazendo isso. Afasto as emoções tóxicas, como orgulho, desilusão, ciúme, ingratidão, inutilidade. Preencho esse espaço com humildade, gratidão, compreensão, consciência e graça.

Penso que ando comendo mais açúcar do que deveria, e isso faz mal à saúde e ao corpo espiritual.

Deixo de lado a escuridão e o desespero, e invoco as forças do bem e da luz.

Lembro-me de cada detalhe do almoço com Jacob.

Canto um mantra junto com os outros alunos.

Pergunto-me se o que o editor-chefe disse é verdade. Será que Jacob foi mesmo infiel à esposa? Será que aceitou a chantagem?

A professora pede que imaginemos uma armadura de luz ao nosso redor.

– Devemos viver todo e cada dia com a certeza de que essa armadura nos protegerá dos perigos, e não estaremos mais ligados à dualidade da existência. Temos que buscar o caminho do meio, onde não há nem alegria nem sofrimento, apenas uma paz profunda.

Começo a entender por que falto tanto às aulas de ioga. Dualidade da existência? Caminho do meio? Isso me soa tão antinatural quanto manter a taxa de colesterol a 70, como meu médico está exigindo que eu faça.

A imagem da armadura resiste apenas alguns segundos, depois é estilhaçada em mil pedaços e substituída pela certeza absoluta de que Jacob gosta de toda e qualquer mulher bonita que aparece na frente dele. E o que eu tenho a ver com isso?

Os exercícios continuam. Mudamos a postura e a professora insiste, como em todas as aulas, que tentemos, pelo menos por alguns segundos, "esvaziar a mente".

O vazio é justamente a coisa que mais temo e que mais tem me acompanhado. Se ela soubesse o que está me pedindo... Enfim, não cabe a mim julgar uma técnica que existe há séculos.

O que estou fazendo aqui?

Já sei: "desestressando".

Acordo de novo no meio da noite. Vou até o quarto das crianças para ver se está tudo bem – algo obsessivo, mas que todos os pais fazem de vez em quando.

Volto para a cama e fico olhando fixamente para o teto.

Não tenho forças para dizer o que quero ou não fazer. Por que não saio da ioga de uma vez por todas? Por que não decido ir logo a um psiquiatra e começar a tomar as pílulas mágicas? Por que não consigo me controlar e parar de pensar em Jacob? Afinal, em momento algum ele insinuou qualquer coisa além de ter alguém com quem conversar sobre Saturno e as frustrações que, cedo ou tarde, os adultos acabam enfrentando.

Eu não me aguento mais. Minha vida parece um filme que repete infinitamente a mesma cena.

Tive algumas aulas de psicologia quando estava na faculdade de jornalismo. Em uma delas, o professor (um homem bastante interessante, tanto na aula quanto na cama) disse que existem cinco estágios pelos quais o entrevistado irá passar: defesa, exaltação de si mesmo, autoconfiança, confissão e tentativa de consertar as coisas.

Na minha vida, saí direto do estado de autoconfiança para a confissão. Começo a me dizer coisas que seria melhor que permanecessem ocultas.

Por exemplo: o mundo parou.

Não apenas o meu, mas o de todos que me cercam. Quando nos encontramos com amigos, conversamos sempre sobre as mesmas coisas e pessoas. As conversas parecem novas, mas tudo não passa de um desperdício de tempo e energia. Tentamos mostrar que a vida continua interessante.

Todos estão tentando controlar a própria infelicidade. Não apenas Jacob e eu, mas provavelmente meu marido também. Só que ele não demonstra nada.

No perigoso estado de confissão em que me encontro, essas coisas começam a ficar claras. Não me sinto sozinha. Estou cercada de gente com os mesmos problemas e todos fingem que a vida continua como antes. Como eu. Como o meu vizinho. Possivelmente, como meu chefe e o homem que dorme ao meu lado.

Depois de certa idade, passamos a usar uma máscara de segurança e certezas. Com o tempo, essa máscara gruda no rosto e não sai mais.

Quando crianças, aprendemos que, se choramos, recebemos carinho; se mostramos que estamos tristes, recebemos consolo. Se não conseguimos convencer com nosso sorriso, seguramente convenceremos com nossas lágrimas.

Mas já não choramos – exceto no banheiro, quando ninguém está nos ouvindo – nem sorrimos – só para nossos filhos. Não demonstramos nossos sentimentos porque as pessoas podem nos julgar vulneráveis e se aproveitar disso.

Dormir é o melhor remédio.

Encontro-me com Jacob no dia marcado. Desta vez sou eu que escolho o lugar, e terminamos no lindíssimo e malcuidado Park des Eaux-Vives, onde há outro péssimo restaurante sustentado pela cidade.

Uma vez fui comer ali com um correspondente do *Financial Times*. Pedimos martíni, e o garçom nos serviu um Cinzano.

Desta vez, nada de almoço – apenas sanduíches na grama. Ele pode fumar à vontade, porque temos uma visão privilegiada de tudo ao nosso redor. Podemos observar quem vem e quem vai. Chego decidida a ser honesta: depois das formalidades de praxe (tempo, trabalho, "como foi a boate?", "vou hoje à noite"), a primeira coisa que pergunto é se está sendo chantageado por causa de, digamos, uma relação extraconjugal.

Ele não fica surpreso. Apenas me pergunta se está falando com uma jornalista ou com uma amiga.

No momento, com uma jornalista. Se confirmar, posso dar minha palavra de que o jornal irá apoiá-lo. Não publicaremos nada de sua vida pessoal, mas iremos em cima dos chantageadores.

– Sim, tive um caso com a mulher de um amigo, que imagino que você deva conhecer por causa do trabalho. Foi ele que a incentivou, pois ambos estavam entediados no casamento. Entende o que estou dizendo?

O marido a incentivou? Não, não entendo, mas faço um sinal afirmativo com a cabeça e me lembro do que aconteceu há três noites, quando tive orgasmos múltiplos.

E o caso continua?

– O interesse se perdeu. Minha mulher já sabe. Há coisas que não se podem esconder. O pessoal da Nigéria nos fotografou juntos e está ameaçando divulgar as imagens, mas isso não é novidade para ninguém.

Nigéria é onde se encontra a tal empresa metalúrgica. Sua mulher não ameaçou pedir o divórcio?

– Ficou chateada por dois ou três dias, não mais que isso. Ela tem grandes planos para o nosso casamento e imagino que a fidelidade não faça necessariamente parte deles. Demonstrou um pouco de ciúme, apenas para fingir que era importante, mas é uma péssima atriz. Poucas horas depois de eu ter confessado, já tinha voltado sua atenção para outra coisa.

Pelo visto Jacob vive em um mundo bem diferente do meu. As mulheres não sentem ciúmes, os maridos incentivam as esposas a terem casos. Será que estou perdendo muito?

– Não há nada que o tempo não resolva. Não acha?

Depende. Em muitos casos o tempo pode agravar o problema. É o que está acontecendo comigo. Entretanto, vim aqui para entrevistar, e não para ser entrevistada, por isso não falo nada. Ele prossegue:

– Os nigerianos não sabem disso. Acertei com o Ministério das Finanças para pegá-los em uma armadilha. Com tudo gravado, exatamente como fizeram comigo.

Naquele instante vejo ir pelos ares minha matéria, aquela que seria minha grande chance de subir numa indústria cada vez mais decadente. Não há nada de novo para contar – nem adultério, nem chantagem, nem corrupção. Tudo está

seguindo os padrões suíços de qualidade e excelência.

– Já perguntou tudo o que queria? Podemos passar para outro assunto?

Sim, perguntei tudo. E na verdade não tenho outro assunto.

– Acho que faltou perguntar por que eu quis vê-la de novo? Por que quis saber se é feliz? Acha que estou interessado em você como mulher? Não somos mais adolescentes. Confesso que fiquei surpreso com sua atitude no meu gabinete e adorei gozar na sua boca, mas isso não é motivo suficiente para estarmos aqui, ainda mais levando-se em conta que aquilo não pode acontecer em um lugar público. Então, não quer saber por que eu quis me encontrar de novo com você?

A caixinha de surpresas que me pegou desprevenida com aquela pergunta sobre minha felicidade continua jogando sua luz em outros cantos obscuros. Será que ele não entende que essas coisas não se perguntam?

Só se você quiser me contar – respondo para provocá-lo e para tentar destruir de vez seu ar prepotente que me deixa tão insegura.

E acrescento: claro que quer me levar para a cama. Não será o primeiro a ouvir um "não".

Ele balança a cabeça. Finjo que estou à vontade e comento as marolas no normalmente pacífico lago a nossa frente. Ficamos olhando para aquilo como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

Até ele conseguir encontrar as palavras certas:

– Como já deve ter notado, perguntei se era feliz porque me reconheci em você. Os semelhantes se atraem. Talvez você não tenha visto o mesmo em mim, mas não importa. Talvez esteja mentalmente exausta, convencida de que seus problemas inexistentes, e você sabe que são inexistentes, estão sugando sua energia.

Eu havia pensado a mesma coisa em nosso almoço: almas penadas se identificam e se atraem para assustar os vivos.

– Sinto a mesma coisa – continua. – Com a diferença de que meus problemas talvez sejam mais concretos. De todo modo, me pego odiando a mim mesmo por não ter conseguido resolver isso ou aquilo, já que dependo da aprovação de tantas outras pessoas. E isso me faz sentir inútil. Pensei em buscar ajuda médica, mas minha mulher foi contra. Ela disse que, se descobrissem, isso poderia arruinar minha carreira. Concordei com ela.

Então ele conversa sobre essas coisas com a esposa. Talvez hoje à noite eu faça o mesmo com meu marido. Em vez de ir a uma boate, posso me sentar diante dele e contar tudo. Como reagiria?

– Claro que já fiz muitas coisas erradas. No momento estou me forçando a olhar o mundo de outro modo, mas não está funcionando. Quando vejo alguém como você, e olhe que já encontrei muitas pessoas nessa mesma situação, procuro me aproximar e entender como estão lidando com o problema. Entenda, preciso de ajuda e essa é a única maneira de conseguir.

Então é isso. Nada de sexo, nada de uma grande aventura romântica que torne ensolarada esta tarde cinzenta de Genebra. É apenas uma terapia de apoio, como os alcoólatras e os dependentes químicos fazem entre si.

Eu me levanto.

Olhando em seus olhos, digo que na verdade sou muito feliz e que ele deveria

procurar um psiquiatra. Sua mulher não pode controlar tudo em sua vida. Além do mais, ninguém ficaria sabendo, por causa do sigilo médico. Tenho uma amiga que ficou curada depois que começou a tomar remédios. Ele quer mesmo passar o resto da vida enfrentando o fantasma da depressão só para ser reeleito? É isso que deseja para seu futuro?

Ele olha em volta para ver se alguém está me ouvindo. Eu já tinha feito isso, sei que estamos sozinhos – exceto por um grupo de traficantes na parte superior do parque, atrás do restaurante. Mas eles não têm o menor interesse em se aproximar de nós.

Não consigo parar. À medida que vou falando, me dou conta de que estou escutando a mim mesma e me ajudando. Digo que a negatividade se autoalimenta. Que ele deve procurar algo que lhe dê ao menos um pouco de alegria, como velejar, ir ao cinema, ler.

– Não é isso. Você não está me entendendo. – Ele parece desnorteado com minha reação.

Estou entendendo, sim. Todos os dias recebemos milhares de informações – cartazes nos quais adolescentes maquiadas se fingem de mulheres e oferecem produtos milagrosos de beleza eterna; a notícia de que um casal de idosos escalou o monte Everest para celebrar o aniversário de casamento; anúncios de novas máquinas de massagem; vitrines de farmácia abarrotadas de produtos para emagrecer; filmes que passam uma ideia falsa da vida; livros que prometem resultados fantásticos; especialistas em dar conselhos sobre como subir na carreira ou encontrar a paz interior. E tudo isso faz com que nos sintamos velhos, levando uma vida sem aventura, enquanto a pele fica flácida, os quilos se acumulam descontroladamente, e somos obrigados a reprimir as emoções e os desejos, porque eles não se encaixam no que chamamos de "maturidade".

Selecione as informações que chegam a você. Coloque um filtro nos seus olhos e nos seus ouvidos e só permita que entre aquilo que não vai deixá-lo para baixo, porque, para isso, já basta nosso dia a dia. Acha que também não sou julgada e criticada no trabalho? Pois sou, e muito! Só que optei por dar ouvidos apenas ao que me incentiva a melhorar, ao que me ajuda a corrigir meus erros. O resto simplesmente finjo que não escuto ou jogo fora.

Vim até aqui em busca de uma história complicada que envolvia adultério, chantagem e corrupção. Mas você lidou com tudo da melhor maneira possível. Será que não consegue enxergar isso?

Sem pensar muito, sento-me de novo a seu lado, seguro sua cabeça para que não possa escapar, e lhe dou um longo beijo. Ele hesita por uma fração de segundo, mas logo retribui. Imediatamente todos os meus sentimentos de impotência, fragilidade, fracasso e insegurança são substituídos por uma euforia imensa. De uma hora para outra me tornei sábia, recuperei o controle da situação e me atrevo a fazer algo que antes apenas imaginava. Aventuro-me em terras desconhecidas e mares perigosos, destruindo pirâmides e construindo santuários.

Voltei a ser dona dos meus pensamentos e das minhas ações. O que parecia impossível de manhã é real à tarde. Voltei a sentir, posso amar algo que não possuo, o vento deixou de me incomodar e passou a ser uma bênção, o afago de

um deus na minha face. Meu espírito está de volta.

Centenas de anos parecem ter se passado naquele pouco tempo em que o beijei. Nossos rostos se afastam lentamente, ele acaricia minha cabeça com doçura, olhamos bem fundo nos olhos um do outro.

E reencontramos o que estava ali havia menos de um minuto.

Tristeza.

Agora somada à estupidez e à irresponsabilidade de um gesto que – pelo menos no meu caso – irá agravar tudo.

Ainda ficamos meia hora juntos, conversando sobre a cidade e seus habitantes, como se nada tivesse acontecido. Parecíamos muito próximos quando chegamos ao Parc des Eaux-Vives, nos transformamos em um só no momento do beijo, e agora somos como dois completos estranhos, tentando manter uma conversa apenas pelo tempo necessário para que cada um siga seu caminho sem muito constrangimento.

Ninguém nos viu – não estamos em um restaurante. Nossos casamentos estão a salvo.

Penso em pedir desculpas, mas sei que não é necessário. Afinal, um beijo não é nada de mais.

Não posso dizer que me sinto vitoriosa, mas pelo menos recuperei algum controle sobre mim mesma. Em casa tudo continua igual: antes eu estava péssima, agora estou melhor e ninguém me perguntou nada.

Vou fazer como Jacob König: conversar com meu marido sobre meu estranho estado de espírito. Confiarei nele e tenho certeza de que poderá me ajudar.

Entretanto, está tudo tão bem hoje! Por que estragar isso com confissões de coisas que nem sei direito do que se trata? Continuo lutando. Não acredito que o que estou passando tenha qualquer relação com falta de determinados elementos químicos no meu corpo, como dizem as páginas de internet que falam de "tristeza compulsiva".

Não estou triste hoje. São fases normais da vida. Lembro-me de quando minha turma do ensino médio organizou sua festa de despedida: rimos durante duas horas e choramos compulsivamente no final, porque aquilo significava que estávamos nos separando para sempre. A tristeza durou alguns dias ou algumas semanas, não lembro bem. Mas o simples fato de não lembrar já diz algo muito importante: passou por completo. Cruzar os 30 anos é duro e talvez eu não estivesse pronta para isso.

Meu marido sobe para pôr as crianças na cama. Sirvo-me de uma taça de vinho e vou até o jardim.

Continua ventando. Todos nós aqui conhecemos esse vento, que sopra durante três, seis ou nove dias. Na França, mais romântica que a Suíça, ele é chamado de Mistral e traz sempre tempo claro e temperatura fria. Já era hora de ver estas nuvens se afastarem – amanhã teremos um dia de sol.

Fico pensando na conversa no parque, no beijo. Nenhum sinal de arrependimento. Fiz algo que nunca tinha feito antes, e com isso comecei a derrubar os muros que me aprisionavam.

Pouco importa o que Jacob König pense. Não posso passar a vida tentando agradar às pessoas.

Termino a taça de vinho, torno a enchê-la e saboreio as primeiras horas, em muitos meses, em que experimento alguma coisa diferente de apatia e sensação de inutilidade.

Meu marido desce vestido para uma festa e pergunta em quanto tempo consigo me aprontar. Eu tinha me esquecido de que combinamos sair para dançar esta noite.

Subo correndo para me arrumar.

Quando desço, vejo que nossa babá filipina já chegou e espalhou seus livros sobre a mesa da sala. As crianças já foram dormir e não irão dar trabalho, portanto ela aproveita seu tempo para estudar – parece ter horror de televisão.

Estamos prontos para sair. Pus meu melhor vestido, mesmo correndo o risco de parecer uma perua deslocada em um ambiente descontraído. Mas o que importa? Preciso celebrar.

Acordo com o barulho do vento sacudindo a janela. Penso que meu marido deveria tê-la fechado melhor. Preciso me levantar e cumprir meu ritual noturno: ir até o quarto das crianças ver se está tudo bem.

No entanto, alguma coisa me impede. Será o efeito da bebida? Começo a pensar nas marolas que vi mais cedo no lago, nas nuvens que já se dissiparam e na pessoa que estava comigo. Pouco me lembro da boate: nós dois achamos as músicas horríveis, o ambiente chatíssimo e, meia hora depois, estávamos de volta aos nossos computadores e tablets.

E todas aquelas coisas que falei para Jacob hoje à tarde? Será que não devo aproveitar esse momento para pensar um pouco em mim?

Mas este quarto me sufoca. Meu marido perfeito dorme ao meu lado; pelo visto não escutou o barulho do vento. Penso em Jacob deitado ao lado da esposa, contando tudo o que sente (tenho certeza de que não dirá nada a meu respeito), aliviado por ter alguém que o ajuda quando se sente mais solitário. Não acredito muito na maneira como a descreveu – se fosse verdade, já teria se separado. Afinal eles nem têm filhos!

Pergunto-me se o Mistral também o acordou e sobre o que devem estar conversando agora. Onde moram? Não é difícil descobrir. Tenho todas essas informações a minha disposição no jornal. Fizeram amor esta noite? Ele a penetrou com paixão? Ela gemeu de prazer?

Meu comportamento com ele é sempre uma surpresa. Sexo oral, conselhos sensatos, beijo no parque. Nem pareço eu mesma. Quem é a mulher que me domina quando estou com Jacob?

A adolescente provocadora. Aquela que tinha a segurança de uma rocha e a força do vento que hoje agitava o normalmente calmo lago Léman. É curioso como, quando nos encontramos com colegas de escola, sempre achamos que eles continuam os mesmos – ainda que o que era franzino tenha se tornado forte, que a mais linda tenha arranjado o pior marido possível, que os que viviam grudados tenham se afastado e não se vejam há anos.

Mas com Jacob, pelo menos nesse início de reencontro, ainda posso voltar no tempo e ser a garota que não teme as consequências, porque tem apenas 16 e o retorno de Saturno, que trará o amadurecimento, ainda está longe.

Tento dormir, mas não consigo. Passo mais uma hora pensando nele de maneira obsessiva. Lembro-me do vizinho lavando o carro e de ter julgado sua vida "sem sentido", ocupado em fazer coisas inúteis. Não era inútil: provavelmente estava se divertindo, fazendo exercício, contemplando as coisas simples da vida como uma bênção, e não como uma maldição.

É isto que me falta: relaxar um pouco e aproveitar mais a vida. Não posso ficar pensando em Jacob. Estou substituindo minha falta de alegria por uma coisa mais concreta, um homem. E essa não é a questão. Se eu fosse a um psiquiatra, iria escutar que meu problema é outro. Falta de lítio, baixa produção de serotonina, coisas do tipo. Isso não começou com a chegada de Jacob e não terminará com sua partida.

Mas não consigo esquecer. A mente repete dezenas, centenas de vezes o momento do beijo.

E percebo que meu inconsciente está transformando um problema imaginário

em um problema real. É sempre assim. É por isso que surgem as doenças.

Nunca mais quero ver aquele homem na minha vida. Foi enviado pelo demônio para desestabilizar algo que já estava frágil. Como pude me apaixonar tão rapidamente por alguém que nem sequer conheço? E quem disse que estou apaixonada? Estou com problemas desde a primavera, nada mais. Se até então as coisas funcionavam bem, não vejo motivo para que não voltem a funcionar.

Repito o que já me disse antes: é uma fase, nada mais.

Não posso manter o foco e ficar atraindo coisas que não me fazem bem. Não foi isso que falei para ele à tarde?

Devo aguentar firme e esperar que a crise passe. Do contrário, corro o risco de me apaixonar de verdade, sentir de modo permanente o que senti por uma fração de segundo quando almoçamos juntos da primeira vez. E, se isso acontecer, as coisas já não se passarão apenas dentro de mim. Em vez disso, o sofrimento e a dor se espalharão por toda parte.

Rolo na cama durante um tempo que me parece infinito, caio no sono e, no que parece apenas um instante depois, meu marido me acorda. O dia está claro; o céu, azul; e o Mistral continua soprando.

– Hora do café da manhã. Deixe que eu arrumo as crianças. Que tal trocarmos de papéis pelo menos uma vez na vida? Você vai para a cozinha e eu apronto as crianças para o colégio.

– É um desafio? Pois você terá o melhor café da manhã que já experimentou em muitos anos.

Não é um desafio, é apenas uma tentativa de variar um pouco. E não acha meu café da manhã bom o bastante?

– Escute, é muito cedo para discutir. Sei que ontem à noite nós dois bebemos mais do que deveríamos, boates não são mais para a nossa idade. Sim, arrume as crianças.

Ele sai antes que eu possa responder. Pego o celular e verifico as tarefas que terei de enfrentar neste novo dia.

Consulto a lista de compromissos que precisam ser cumpridos impreterivelmente. Quanto maior a lista, mas produtivo considero meu dia. Acontece que muitas das anotações são coisas que prometi fazer no dia anterior, ou durante a semana, e que ainda não fiz. E assim a lista vai aumentando, até que, de tempos em tempos, aquilo me deixa tão nervosa que decido jogar tudo fora e começar de novo. E aí me dou conta de que nada era importante.

Mas há algo que não está ali e de que não vou me esquecer de jeito nenhum: descobrir onde Jacob König mora e achar um momento para passar de carro diante de sua casa.

Quando desço, a mesa está posta e perfeita – salada de frutas, azeite de oliva, queijos, pão integral, iogurte, ameixas. Há também um exemplar do jornal em que trabalho, delicadamente colocado do meu lado esquerdo. Meu marido abandonou a imprensa escrita há tempos e neste momento consulta seu iPad. Nosso filho mais velho pergunta o que significa “chantagem”. Não entendo por que quer saber, até que meus olhos batem na matéria principal. Ali está uma grande foto de Jacob, uma das muitas que deve ter enviado para a imprensa. Tem o ar pensativo, reflexivo. Ao lado da imagem, a manchete: “Deputado denuncia tentativa de chantagem”.

Não fui eu quem a escreveu. Aliás, quando eu ainda estava na rua, o redator-chefe ligou dizendo que podia cancelar meu encontro porque tinham acabado de receber um comunicado do Ministério das Finanças e estavam trabalhando no caso. Expliquei que o encontro já tinha acontecido, que fora mais rápido do que eu havia imaginado que seria e que não precisei usar os “procedimentos de rotina”. Na mesma hora fui enviada a um bairro próximo (que se considera “cidade” e tem até prefeitura) para cobrir os protestos contra a mercearia que tinha sido descoberta vendendo alimentos com prazo de validade vencido. Ouvi o dono da mercearia, os vizinhos, os amigos dos vizinhos e tenho certeza de que esse assunto é mais interessante para o público do que o fato de um político ter denunciado o que quer que seja. Aliás, a matéria também estava na primeira página, mas sem tanto destaque: “Mercearia multada. Não há relatos de vítimas de intoxicação”.

Aquela foto de Jacob na mesa do café da manhã me incomoda profundamente.

Digo a meu marido que precisamos conversar à noite.

– Deixaremos as crianças com a minha mãe e sairemos para jantar – responde ele. – Também estou precisando passar algum tempo com você. Só com você. E sem o barulho daquela música terrível que não entendemos como faz sucesso.

Era uma manhã de primavera.

Eu estava no canto do parquinho, uma área aonde ninguém costumava ir. Contemplava os tijolos da parede da escola. Sabia que havia alguma coisa errada comigo.

As outras crianças me achavam “superior” e eu não me esforçava para desmentir isso. Pelo contrário! Pedia a minha mãe que continuasse me comprando roupas caras e me levasse ao colégio em seu carro importado.

Até aquele dia no parquinho, quando me dei conta de que estava sozinha. E que talvez ficasse assim o resto da vida. Embora tivesse apenas 8 anos, parecia-me muito tarde para mudar e dizer aos outros que eu era como eles.

Era verão.

Eu estava no ensino médio e os meninos sempre encontravam um jeito de dar em cima de mim, por mais que eu tentasse me manter distante. As outras garotas morriam de inveja, mas não assumiam – pelo contrário, procuravam ser minhas amigas e estar sempre comigo, para pegar as sobras que eu rejeitava.

E eu rejeitava praticamente tudo, porque sabia que, se alguém conseguisse entrar no meu mundo, não descobriria nada de interessante. Era melhor manter o ar de mistério e insinuar aos outros possibilidades de que nunca iriam desfrutar.

No caminho de volta para casa, notei alguns cogumelos que tinham crescido por causa da chuva. Estavam ali, intactos, porque todos sabiam que eram venenosos. Por uma fração de segundo considerei comê-los. Não estava especialmente triste ou alegre – só queria chamar a atenção dos meus pais.

Não toquei nos cogumelos.

Hoje é o primeiro dia de outono, a estação mais linda do ano. Em breve as folhas mudarão de cor e as árvores ficarão diferentes umas das outras. No caminho para o estacionamento resolvo pegar uma rua pela qual nunca passo.

Paro em frente à escola onde estudei. A parede de tijolos continua lá. Nada mudou, exceto o fato de que já não estou sozinha. Trago comigo a lembrança de dois homens: um que jamais terei e outro com quem irei jantar esta noite em um lugar bonito, especial, escolhido com cuidado.

Um pássaro corta o céu, brincando ao vento. Vai de um lado para outro, sobe e desce, como se seus movimentos tivessem alguma lógica que não consigo entender. Talvez a única lógica seja mesmo se divertir.

Não sou um pássaro. Não conseguiria passar a vida apenas brincando, embora tenha muitos amigos, com menos dinheiro que nós, que vivem de viagem em viagem, de restaurante em restaurante. Já tentei ser assim, mas é impossível. Graças à influência de meu marido, consegui meu emprego. Trabalho, ocupo meu tempo, sinto-me útil e justifico minha vida. Um dia meus filhos terão orgulho da mãe e minhas amigas de infância estarão mais frustradas do que

nunca, porque consegui construir alguma coisa concreta enquanto elas se dedicavam apenas a cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Não sei se todos sentem esta mesma vontade de impressionar os outros. Eu sinto, e não nego – porque isso só tem feito bem a minha vida, empurrando-me adiante. Desde que não corra riscos desnecessários, é claro. Desde que consiga manter meu mundo exatamente como ele é hoje.

Assim que chego ao jornal, vasculho os arquivos digitais do governo. Em menos de um minuto tenho o endereço de Jacob König, bem como informações de quanto ganha, onde estudou, o nome de sua mulher e o lugar onde ela trabalha.

Meu marido escolheu um restaurante que fica entre o meu trabalho e a nossa casa. Já estivemos lá antes. Gostei da comida, da bebida e do ambiente – mas sempre acho que as refeições caseiras são melhores. Só janto fora quando minha “vida social” exige e, sempre que posso, evito. Adoro cozinhar. Adoro estar com a minha família, sentir que os protejo e sou protegida ao mesmo tempo.

Entre as coisas que não fiz da minha lista de tarefas matinal está “passar de carro diante da casa de Jacob König”. Consegui resistir ao impulso. Já tenho problemas imaginários suficientes para agora acrescentar a eles problemas reais de amor não correspondido. Aquilo que senti já passou. Não voltará a acontecer. E assim caminhamos em direção a um futuro de paz, esperança e prosperidade.

– Dizem que o dono mudou e a comida já não é a mesma – comenta meu marido.

Não tem importância. Comida de restaurante é *sempre* igual: muita manteiga, pratos bem decorados e – por vivermos em uma das cidades mais caras do mundo – um preço exorbitante por algo que realmente não vale.

Mas jantar fora é um ritual. Somos cumprimentados pelo maître, que nos conduz à nossa mesa de sempre (embora já tenha bastante tempo que não aparecemos por aqui), pergunta se queremos o mesmo vinho (claro que sim) e nos entrega o menu. Eu o leio do princípio ao fim e escolho a mesma coisa de sempre. Meu marido também opta pelo tradicional cordeiro assado com lentilhas. O maître vem nos explicar os pratos especiais do dia: ouvimos com educação, dizemos uma ou duas palavras gentis e pedimos os pratos a que já estamos acostumados.

A primeira taça de vinho – que não precisou ser provado e analisado cuidadosamente, já que estamos casados há dez anos – desce rápido, entre conversas de trabalho e reclamações sobre o encarregado de verificar a calefação da casa, que não apareceu.

– E como vão as matérias sobre as eleições do próximo domingo? – pergunta meu marido.

Fui encarregada de um assunto que me é particularmente interessante: “Um político pode ter sua vida privada escrutinada pelos eleitores?” O artigo dá seguimento à matéria de capa do outro dia, a que falava sobre o deputado ter sido chantageado por nigerianos. A opinião geral dos entrevistados é: não nos interessa. Não estamos nos Estados Unidos e temos muito orgulho disso.

Conversamos sobre outros assuntos recentes: a taxa de votantes cresceu em torno de 38 por cento desde a última eleição para o Conselho de Estado. Os condutores do TPG (Transports Publics Genevois – Transportes Públicos de Genebra) estão cansados, mas contentes com seu trabalho. Uma mulher foi atropelada atravessando a faixa de pedestres. Um trem enguiçou e acabou atrapalhando a circulação por mais de duas horas. E outros temas cotidianos.

Parto logo para a segunda taça, sem esperar a entrada oferecida pela casa e sem perguntar a meu marido como foi seu dia. Ele escuta polidamente tudo o que acabo de contar. Deve estar se perguntando o que estamos fazendo aqui.

– Você hoje parece mais alegre – diz, depois que o garçom chega com o prato principal. Então me dou conta de que estou falando sem parar há vinte minutos. – Aconteceu alguma coisa de especial?

Se tivesse feito essa mesma pergunta no dia em que estive no Parc des Eaux-Vives, eu teria ruborizado e listado a série de desculpas que deixara engatilhada. Mas não, meu dia tinha sido o tédio de sempre, embora eu tente me convencer de que sou muito importante para o mundo.

– E sobre o que você queria conversar comigo?

Preparo-me para confessar tudo, já partindo para a terceira taça de vinho. Então o garçom chega e me flagra quando estou prestes a saltar no abismo. Trocamos mais algumas palavras sem sentido, preciosos minutos da minha vida sendo desperdiçados com gentilezas mútuas.

Meu marido pede outra garrafa de vinho. O maître nos deseja bom apetite e sai para buscá-la. Então começo.

Você dirá que estou precisando de um médico. Não estou. Cumpro com todos os meus deveres em casa e no trabalho. Mas faz alguns meses que ando triste.

– Não foi o que achei. Acabo de comentar que está mais alegre.

Claro. Minha tristeza se tornou rotina, ninguém percebe mais. Estou feliz por ter alguém com quem conversar. Mas o que quero dizer não tem nada a ver com essa aparente alegria. Não consigo mais dormir direito. Sinto-me egoísta. Continuo tentando impressionar as pessoas como se ainda fosse criança. Choro sozinha e sem motivo no banho. Só fiz amor com vontade mesmo uma vez em muitos meses – e você sabe bem de que dia estou falando. Já considerei que tudo isso seja um rito de passagem, consequência de eu ter passado dos 30 anos, mas essa explicação não basta. Sinto que estou desperdiçando minha vida, que um dia vou olhar para trás e me arrepender de tudo o que fiz. Menos de ter me casado com você e tido nossos lindos filhos.

– Mas isso não é o mais importante?

Para muitas pessoas, sim. Mas para mim não é o suficiente. E está ficando cada vez pior. Quando finalmente concluo as tarefas do dia, começa um questionamento interminável na minha cabeça. Tenho pavor de que as coisas mudem, mas ao mesmo tempo sinto uma grande vontade de viver algo diferente. Os pensamentos se repetem, não consigo mais ter controle sobre nada. Você não tem noção disso porque já está dormindo. Notou o Mistral ontem à noite sacudindo a janela?

– Não. Mas elas estavam bem fechadas.

É isso que quero dizer. Até um simples vento que já soprou milhares de vezes desde que estamos casados é capaz de me acordar. Noto quando você se mexe na cama e quando fala dormindo. Não leve isso para o lado pessoal, por favor, mas parece que estou cercada de coisas que não têm absolutamente nenhum sentido. Só para deixar claro: amo nossos filhos. Amo você. Adoro meu trabalho. E tudo isso me faz sentir ainda pior, porque estou sendo injusta com Deus, com a vida, com vocês.

Ele mal toca no prato. É como se estivesse diante de uma estranha. Mas dizer essas palavras já me fez sentir uma paz imensa. Meu segredo foi revelado. O vinho está fazendo efeito. Não estou mais sozinha. Obrigada, Jacob König.

– Você acha que está precisando de um médico?

Não sei. Mas, mesmo que estivesse, não quero fazer isso de jeito nenhum. Preciso aprender a resolver meus problemas sozinha.

– Imagino que seja muito difícil guardar essas emoções por tanto tempo. Obrigado por confiar em mim. Por que não me contou antes?

Porque só agora as coisas se tornaram insuportáveis. Hoje me lembrei de minha infância e adolescência. Será que a semente já estava ali? Acho que não. A menos que minha mente tenha me traído por todos esses anos, o que considero praticamente impossível. Venho de uma família normal, tive uma educação normal, levo uma vida normal. O que há de errado comigo?

Não contei nada antes, digo entre lágrimas, porque achava que ia passar logo e porque não queria preocupá-lo.

– Você não é louca. Nem um instante sequer deixou isso transparecer. Não se tornou mais irritadiça nem perdeu peso. Se existe controle, existe saída.

Por que ele falou em perder peso?

– Posso pedir a nosso médico que receite alguns ansiolíticos para ajudá-la a dormir. Direi que é para mim. Acredito que, se você conseguir descansar, aos poucos voltará a dominar seus pensamentos. Talvez devêssemos fazer mais exercícios. As crianças iriam adorar. Estamos muito voltados para o nosso trabalho, e isso não é bom.

Não estou muito voltada para o trabalho. Ao contrário do que pensa, essas reportagens idiotas me ajudam a manter a mente ocupada e conseguem evitar o pensamento selvagem que toma conta de mim assim que fico sem ter o que fazer.

– De qualquer maneira, estamos precisando de exercício, ficar ao ar livre. Correr até não aguentar mais, até cair de cansaço. Quem sabe devemos receber mais gente em casa...

Isso seria o pesadelo completo! Ter que conversar, entreter as pessoas, manter um sorriso forçado nos lábios, ouvir opiniões sobre ópera e trânsito e, no fim, ainda ter que lavar toda a louça.

– Vamos até o parque do Jura no fim de semana. Faz tempo que não andamos por lá.

No fim de semana tem as eleições. Estarei de plantão no jornal.

Comemos em silêncio. O garçom já veio duas vezes ver se tínhamos terminado, e os pratos nem tinham sido tocados. A segunda garrafa de vinho acaba depressa. Imagino o que ele está pensando agora: “Como ajudar minha mulher? O que posso fazer para deixá-la feliz?” Nada. Nada além do que já faz. Qualquer outra coisa, como chegar com uma caixa de bombons ou um buquê de flores, seria considerado uma overdose de carinho e eu morreria de enjoo.

Chegamos à conclusão de que ele não poderá voltar dirigindo, teremos que deixar o carro no restaurante e vir buscá-lo amanhã. Telefono para minha sogra, peço que passe a noite com as crianças. Amanhã cedo estarei lá para levá-las ao colégio.

– Mas o que exatamente está faltando na sua vida?

Por favor, não me pergunte isso. Porque a resposta é: nada. Nada! Quem dera eu tivesse sérios problemas para resolver. Não conheço absolutamente ninguém

que esteja vivendo essa mesma situação. Até uma amiga minha, que passou anos deprimida, agora está se tratando. Não acho que eu precise disso, porque não tenho todos os sintomas que ela citou, tampouco quero entrar no perigoso terreno das drogas lícitas. Quanto aos outros, eles podem estar irritados, estressados, chorando por causa de um coração partido. E neste último caso, podem até mesmo achar que estão deprimidos, que precisam de médico e remédios. Mas não é nada disso: é apenas um coração partido, que acontece desde que o mundo é mundo, desde que o homem descobriu esta coisa misteriosa chamada Amor.

– Se você não quer ir a um médico, por que não procura ler sobre o assunto?

Claro que já tentei isso. Passei um tempo lendo sites de psicologia. Dediquei-me com mais afinco à ioga. Não reparou que os livros que tenho levado para casa mostram uma mudança de gosto literário? Achou que agora eu estivesse mais voltada para o lado espiritual?

Não! Estou procurando uma resposta que não encontro. Depois de ler uns dez livros com palavras de sabedoria, vi que não me levavam a lugar nenhum. Faziam efeito imediato, mas deixavam de funcionar assim que eu os fechava. São frases, palavras descrevendo um mundo ideal que não existe nem para quem as criou.

– E agora, no jantar, sente-se melhor?

Claro. Mas não se trata disso. Preciso saber no que me transformei. Eu sou isso, não é uma coisa exterior a mim.

Vejo que ele está tentando desesperadamente me ajudar, mas está tão perdido quanto eu. Insiste nos sintomas e digo que não é esse o problema, que tudo é um sintoma. Entende a ideia de um buraco negro, esponjoso?

– Não.

Pois é isso.

Ele me garante que vou sair dessa situação. Não devo me julgar. Não devo me culpar por nada disso. Ele está ao meu lado.

– Há luz no fim do túnel.

Quero acreditar, mas meus pés estão grudados no concreto. Entretanto não se preocupe, continuarei lutando. Tenho lutado todos esses meses. Já enfrentei períodos semelhantes, que acabaram passando. Um dia vou acordar e tudo isso terá sido apenas um pesadelo. Tenho plena confiança nisso.

Ele pede a conta, segura minha mão, chamamos um táxi. Alguma coisa melhorou. Confiar em quem se ama sempre dá bons resultados.

Jacob König, o que está fazendo no meu quarto, na minha cama, nos meus pesadelos? Deveria estar trabalhando duro, afinal faltam menos de três dias para as eleições do Conselho Municipal e você perdeu horas preciosas de sua campanha comigo, almoçando no La Perle du Lac e conversando no Parc des Eaux-Vives.

Não basta? O que está fazendo nos meus sonhos e pesadelos? Fiz exatamente o que você sugeriu: conversei com meu marido, entendi o amor que ele sente por mim. E aquela sensação de que a felicidade tinha sido sugada da minha vida desapareceu quando fizemos amor como não fazíamos havia algum tempo.

Por favor, afaste-se de meus pensamentos. Amanhã vai ser um dia difícil. Terei que acordar cedo para levar as crianças à escola, ir ao mercado, encontrar um lugar para estacionar, pensar em um artigo original sobre algo tão pouco original quanto a política... Deixe-me em paz, Jacob König.

Estou feliz no meu casamento. E você nem sabe, nem sonha que estou pensando em você. Gostaria de ter alguém aqui esta noite para me contar histórias com finais felizes, cantar uma música que me fizesse pegar no sono, mas não. Só consigo pensar em você.

Estou perdendo o controle. Embora faça uma semana que não nos vemos, você insiste em estar presente.

Se não desaparecer, serei obrigada a ir até sua casa, tomar um chá com você e sua esposa, entender que são felizes, que não tenho chance, que mentiu ao dizer que se via refletido em meus olhos, que permitiu conscientemente que eu me ferisse com aquele beijo que nem sequer foi solicitado.

Eu espero que me compreenda, rezo por isso, porque nem eu mesma consigo entender o que estou pedindo.

Levanto, vou para o computador fazer uma pesquisa sobre "como conquistar seu homem". Em vez disso, porém, digito "depressão". Preciso ter absoluta certeza do que está acontecendo comigo.

Entro em uma página que permite ao leitor fazer um autodiagnóstico: "Descubra se você tem algum problema psíquico". Há uma lista de perguntas, e minha resposta à maioria delas é não.

Resultado: "Você pode estar passando por um momento difícil, mas nada que se aproxime do estado clínico do indivíduo depressivo. Não há necessidade de procurar um médico."

Não disse? Eu sabia. Não estou doente. Pelo visto estou inventando tudo isso só para chamar atenção. Ou para enganar a mim mesma, tornar minha vida um pouco mais interessante, já que tenho *problemas*! Problemas sempre exigem soluções, e posso dedicar minhas horas, meus dias, minhas semanas a buscá-las.

Talvez seja mesmo uma boa ideia meu marido pedir ao nosso médico alguma coisa para me ajudar a dormir. Quem sabe não é o estresse no trabalho, sobretudo nesta época de eleições, que está me deixando muito tensa? Vivo querendo ser melhor que os outros tanto no trabalho quanto na vida pessoal, e não é fácil equilibrar as duas coisas.

Hoje é sábado, véspera das eleições. Tenho um amigo que diz odiar os fins de semana porque a bolsa de valores não funciona e ele não tem com que se distrair.

Meu marido me convenceu de que precisamos sair. Seu argumento foi levar as crianças para passear um pouco. Não podemos ficar dois dias fora, porque amanhã estarei de plantão no jornal.

Ele me pede que vista calça de moletom. Sinto-me constrangida de sair assim, sobretudo para ir até Nyon, a antiga e gloriosa cidade que um dia abrigou os romanos e que agora tem menos de 20 mil habitantes. Digo que moletom é algo para se usar perto de casa, quando todos têm certeza de que estamos fazendo exercício, mas ele insiste.

Como não quero discutir, faço o que pede. Aliás, não quero discutir nada com ninguém – esta é a minha condição atual. Quanto mais quieta, melhor.

Enquanto vou para um piquenique em uma cidadezinha que fica a menos de trinta minutos de carro daqui, Jacob deve estar visitando eleitores, conversando com assessores e amigos, agitado e talvez um pouco estressado, mas contente porque alguma coisa acontece em sua vida. As pesquisas de opinião na Suíça não contam muito, porque aqui o voto secreto é levado a sério, mas, ao que parece, ele será reeleito.

Sua mulher deve ter passado a noite em claro, mas por motivos muito diferentes dos meus. Está planejando como irá receber os amigos depois que o resultado for oficialmente anunciado. Agora pela manhã deve estar na feira na Rue de Rive, onde toda semana barracas de legumes, verduras e carnes são montadas na frente da porta do Banco Julius Baer e das vitrines da Prada, da Gucci, da Armani e de outras grifes de luxo. Escolhe o que há de melhor, sem se preocupar com o preço. Em seguida talvez pegue o carro e dirija até Satigny, para visitar um dos muitos vinhedos que são o orgulho da região, provar algumas safras diferentes e decidir por algo que seja capaz de agradar os que de fato entendem de vinho – como parece ser o caso de seu marido.

Voltará para casa cansada, mas feliz. Oficialmente, Jacob ainda está em campanha, mas por que não deixar as coisas prontas de véspera? Meu Deus, agora ela se dá conta que tem menos queijo do que imaginava! Pega o carro de novo e volta à feira. Entre as dezenas de variedades expostas ali, escolhe as que são o orgulho do estado de Vaud: Gruyère (as três variações possíveis: doce, meio salgado e o mais caro de todos, que demora de 9 a 12 meses para estar no ponto), Tomme Vaudoise (interior macio, para ser consumido fundido ou ao natural), e L’Etivaz (leite de vaca alpina, cozido lentamente em fogo de lenha).

Vale a pena passar em uma das lojas e comprar algo novo para vestir? Talvez seja muita ostentação. É melhor tirar do armário o Moschino que comprou em Milão, quando teve que acompanhar o marido numa conferência sobre leis trabalhistas.

E como deve estar Jacob?

Telefona para a mulher de hora em hora para perguntar se deve dizer isto ou aquilo, se é melhor visitar tal rua ou tal bairro, se a *Tribune de Genève* publicou algo novo no site. Conta com ela e com seus conselhos, libera um pouco a tensão de cada visita que está fazendo hoje, pergunta qual a estratégia que estudaram

juntos e para onde deve ir em seguida. Como insinuou em nossa conversa no parque, continua na política para não decepcioná-la. Embora deteste tudo o que está fazendo, o amor dá um aspecto diferente aos seus esforços. Se continuar a carreira brilhante, acabará se tornando presidente da República. O que, na Suíça, não quer dizer nada, porque todos sabemos que os presidentes mudam a cada ano e são eleitos pelo Conselho Federal. Mas quem não gostaria de poder dizer que seu "marido foi presidente da Confederação Helvética, conhecida no resto do mundo como Suíça"?

Isso lhe abrirá portas. Acarretará convites para conferências em lugares distantes. Alguma grande empresa o chamará para seu Conselho Administrativo. O futuro do casal König é brilhante, enquanto eu, neste exato momento, tenho à minha frente a estrada e a perspectiva de um piquenique, vestida com um moletom horroroso.

A primeira coisa que fazemos é visitar o Museu Romano e logo em seguida subimos a pequena colina para ver algumas ruínas. Nossos filhos brincam. Agora que meu marido sabe de tudo, sinto-me aliviada: não preciso ficar fingindo o tempo todo.

– Vamos correr um pouco na beira do lago.

Mas e as crianças?

– Não se preocupe. São educadas o bastante para nos obedecerem se pedirmos que esperem quietas.

Descemos até a margem do lago Léman, que todos os estrangeiros chamam de lago de Genebra. Ele compra sorvete para as crianças, pede que se sentem em um banco e fiquem ali enquanto papai e mamãe vão correr um pouco para se exercitar. O mais velho reclama que não trouxe o iPad. Meu marido vai até o carro buscar o maldito aparelho. A partir daquele momento, a tela será a melhor babá possível. Eles não irão se mexer até terem matado uns quantos terroristas em jogos que parecem feitos para adultos.

Começamos a correr. De um lado estão os jardins, do outro as gaivotas e os barcos que aproveitam o Mistral. O vento não parou no terceiro dia, nem no sexto, e já deve estar chegando ao nono, quando vai desaparecer por um período, levando com ele o céu azul e o tempo bom. Seguimos pela pista durante quinze minutos. Nyon já ficou para trás e é melhor voltarmos daqui.

Há tempos não faço exercício. Quando completamos vinte minutos correndo, eu paro. Não aguento mais. Posso fazer o restante do percurso caminhando.

– Claro que aguenta! – incentiva meu marido, saltando no mesmo lugar, sem perder o ritmo. – Não faça isso. Vá até o fim.

Dobro o corpo para a frente, com as mãos nas pernas. Meu coração está disparado; culpa das noites insones. Ele não para de correr ao meu redor.

– Vamos, você consegue! Este é o problema: parar. Faça isso por mim, pelas crianças. Não é apenas uma corrida para se exercitar. É saber que existe uma linha de chegada e que não se pode desistir no meio.

Será que ele está falando da minha tristeza compulsiva?

Aproxima-se de mim. Segura minhas mãos e me sacode gentilmente. Estou exausta para correr, no entanto sinto-me ainda mais cansada para resistir. Faço o que me pede. Continuaremos juntos os dez minutos que faltam.

Passo pelos cartazes dos candidatos ao Conselho de Estado, que não tinha notado na ida. Entre as muitas fotos, ali está Jacob König, sorrindo para a câmera.

Aumento a velocidade. Meu marido se surpreende e também acelera o passo. Chegamos em sete minutos, em vez dos dez previstos. As crianças não se moveram. Apesar da bela paisagem ao redor, com as montanhas, as gaivotas, os Alpes no horizonte, elas têm os olhos grudados na tela daquele aparelho devorador de almas.

Meu marido vai até elas, mas eu passo direto. Ele me olha surpreso e feliz ao mesmo tempo. Deve imaginar que suas palavras surtiram efeito, estou enchendo

meu corpo com a tão necessária endorfina, despejada no sangue sempre que fazemos uma atividade física um pouco mais intensa, como quando corremos ou temos um orgasmo. As principais características desse hormônio são melhorar o humor, melhorar o sistema imunológico, evitar a velhice precoce, mas, *sobretudo*, provocar sensação de euforia e prazer.

Porém não é nada disso que a endorfina está fazendo comigo. Apenas me deu força extra para seguir adiante, correndo até sumir no horizonte, deixando tudo para trás. Por que tive filhos tão maravilhosos? Por que fui conhecer meu marido e me apaixonar por ele? Se ele não tivesse cruzado minha vida, eu não seria agora uma mulher livre?

Estou louca. Deveria continuar correndo até o hospício mais próximo, porque isso não são coisas que se pense. Mas continuo pensando.

Corro mais alguns minutos e volto. No meio do caminho fiquei aterrorizada com a possibilidade de que meu desejo de liberdade se tornasse real e eu não encontrasse mais ninguém quando voltasse ao parque em Nyon.

Mas eles estão ali, sorrindo para a chegada da mãe e esposa amorosa. Eu os abraço. Estou suada, sinto que meu corpo e minha mente estão sujos, mas mesmo assim os aperto com força contra o peito.

Apesar do que sinto. Ou melhor, apesar do que não sinto.

Você não escolhe sua vida: é ela que o escolhe. E se o que lhe foi reservado são alegrias ou tristezas, isso está além da sua compreensão. Aceite e siga em frente.

Não escolhemos nossa vida, mas decidimos o que fazer com as alegrias e tristezas que recebemos.

Nesta tarde de domingo, estou na sede do partido por dever profissional (consegui convencer meu chefe disso e agora tento convencer a mim mesma). São 17h45 e as pessoas comemoram. Ao contrário do que imaginei em meus pensamentos doentios, nenhum dos candidatos eleitos dará uma recepção. Portanto, não será desta vez que terei a oportunidade de conhecer a casa de Jacob e Marianne König.

Assim que cheguei, recebi as primeiras informações. Mais de 45 por cento das pessoas do estado votaram, o que é um recorde. Uma mulher ficou em primeiro lugar e Jacob conquistou um honroso terceiro, o que lhe dará o direito de entrar no governo – caso o partido assim decida.

A sala principal está enfeitada com balões amarelos e verdes, as pessoas já começaram a beber e algumas fazem o sinal de vitória para mim, talvez na esperança de que amanhã isso seja publicado no jornal. Mas os fotógrafos ainda não chegaram, hoje é domingo e o dia está lindo.

Jacob me vê e logo olha para o outro lado à procura de alguém com quem conversar sobre assuntos que só posso imaginar quão desinteressantes devem ser.

Preciso trabalhar ou pelo menos fingir. Saco um gravador, um bloco de notas e uma caneta de ponta de feltro. Ando de um lado para outro coletando declarações do tipo "agora podemos aprovar o decreto sobre a imigração", ou "os eleitores entenderam que fizeram a escolha errada da vez anterior e agora me trouxeram de volta".

A grande vencedora afirma que "o voto feminino foi fundamental para mim".

Léman Bleu, a televisão local, montou um estúdio no salão principal. Sua apresentadora política, o obscuro objeto de desejo de nove entre dez homens ali, faz perguntas inteligentes, mas recebe como resposta apenas as frases prontas e aprovadas pelos assessores.

Num determinado momento, Jacob König é chamado à cena, e tento me aproximar para ouvir o que diz, mas alguém bloqueia meu caminho.

– Oi, sou Madame König. Jacob tem me falado muito de você.

Que mulher! Loura, de olhos azuis, vestindo um elegante cardigã preto com uma echarpe vermelha de Hermès. Por sinal, essa é a única peça de marca que se nota. As demais devem ter sido feitas com exclusividade pelo melhor estilista de Paris, cujo nome deve ser mantido em segredo para evitar cópias.

Eu a cumprimento, tentando transparecer um ar de surpresa.

Jacob tem falado de mim? Entrevistei-o e, alguns dias depois, almoçamos juntos. Embora jornalistas não devam dar opinião sobre entrevistados, acho seu marido um homem corajoso por ter exposto a tentativa de chantagem.

Marianne – ou Madame König, como se apresentou – finge estar interessada em minhas palavras. Deve saber mais do que seus olhos demonstram. Será que Jacob comentou sobre nosso encontro no Parc des Eaux-Vives? Devo tocar no assunto?

A entrevista com a TV Léman Bleu já começou, mas ela parece não ter

nenhum interesse em acompanhar o que o marido diz, pois sem dúvida já sabe tudo de cor. Deve ter sido ela a escolher a camisa azul-clara e a gravata cinza, o paletó de flanela de corte perfeito, o relógio que ele está usando – nem muito caro, para não parecer ostentação, nem tão barato a ponto de demonstrar desprezo por uma das principais indústrias do país.

Pergunto se tem alguma declaração a dar. Ela diz que, se eu estiver me referindo ao seu trabalho como professora-assistente de filosofia na Universidade de Genebra, será um prazer. Mas, como esposa de um político reeleito, seria um absurdo.

Acho que está me provocando e resolvo pagar na mesma moeda.

Comento que admiro sua dignidade. Soube que o marido teve um caso com a mulher de um amigo e mesmo assim não fez escândalo. Nem mesmo quando tudo isso foi parar nos jornais pouco antes das eleições.

– Muito pelo contrário. Quando se trata de sexo consensual no qual o amor não tem espaço, sou a favor de liberdade nas relações.

Será que está insinuando algo? Não consigo olhar diretamente para aqueles faróis azuis que são seus olhos. Deu apenas para notar que não usa muita maquiagem. Não precisa.

– E digo mais – acrescenta. – Foi ideia minha notificar seu jornal através de um informante anônimo e revelar tudo isso na semana das eleições. As pessoas logo esquecerão a infidelidade, mas se lembrarão para sempre da coragem com que ele denunciou a corrupção, mesmo correndo o risco de criar um problema em sua família.

Ela ri de sua última frase e avisa que são declarações em off, ou seja, não devem ser publicadas.

Digo que, pelas regras do jornalismo, as pessoas devem pedir off antes de falar qualquer coisa. O jornalista pode ou não concordar. Pedir depois é como tentar parar uma folha que caiu no rio e já está viajando para onde as águas quiserem levá-la. A folha já não tem mais decisão própria.

– Mas você vai aceitar, não é? Não tem o menor interesse em prejudicar meu marido.

Em menos de cinco minutos de conversa já existe uma clara hostilidade entre nós. Demonstrando certo desconforto, aceito deixar as declarações em off. Ela registra em sua memória prodigiosa que da próxima vez deve avisar antes. A cada minuto aprende algo novo. A cada minuto se aproxima mais de sua ambição. Sim, *sua* ambição, pois Jacob demonstrou estar infeliz com a vida que leva.

Ela não tira os olhos de mim. Resolvo voltar ao meu papel de jornalista e pergunto se tem algo mais a acrescentar. Preparou alguma festa em casa para os amigos íntimos?

– Claro que não! Imagine o trabalho que daria. E, além do mais, ele já está eleito. Festas e jantares devem ser dados antes, para angariar votos.

De novo me sinto uma completa imbecil, mas preciso fazer pelo menos mais uma pergunta.

Jacob está feliz?

E então vejo que cheguei ao fundo do poço. Madame König faz um ar

condescendente e responde pausadamente, como se fosse uma professora me dando uma lição:

– Mas *claro* que ele está feliz. Você poderia imaginar que não estivesse?

Essa mulher merece ser morta e esquartejada.

Somos abordadas ao mesmo tempo – eu, por um assessor que quer me apresentar à vencedora; ela, por alguém que veio cumprimentá-la. Digo que foi um prazer conhecê-la. Quero acrescentar que, em outra oportunidade gostaria de explorar mais – em off, claro – o que quis dizer com sexo consensual com a mulher de um amigo, mas não dá tempo. Entrego-lhe meu cartão, caso precise de alguma coisa, e não sou correspondida. Antes que eu me afaste, porém, na frente do assessor da vencedora e do homem que veio cumprimentá-la pela vitória do marido, ela me segura pelo braço e diz:

– Estive com aquela nossa amiga que almoçou com meu marido. Ela me dá pena. Vive se fazendo de forte, quando na verdade é frágil. Finge que é segura, quando deve ficar o tempo todo se perguntando o que os outros pensam dela e do seu trabalho. Deve ser uma pessoa extremamente solitária. Como sabe, querida, nós mulheres temos um sexto sentido aguçadíssimo para detectar quem está querendo ameaçar nossa relação. Não é mesmo?

Claro que é verdade, respondo sem emoção alguma. O assessor faz uma cara de contrariedade. A vencedora está me esperando.

– Mas ela não tem a menor chance – completa Marianne.

Então me estende a mão, eu a cumprimento e a vejo se afastar sem mais explicações.

Durante toda a manhã de segunda-feira, ligo insistentemente para o celular particular de Jacob. Não recebo resposta. Ativo o bloqueio de número, deduzindo que ele tenha meu telefone gravado. Tento outras vezes, mas continuo sem resposta.

Ligo para seus assessores. Sou informada de que ele está ocupadíssimo neste dia seguinte às eleições. Bem, preciso falar com ele de qualquer maneira e vou continuar insistindo.

Uso um estratagema ao qual recorro com certa frequência: ligar do celular de outra pessoa, que não esteja em seus contatos.

O telefone toca duas vezes e Jacob atende.

Sou eu. Preciso encontrá-lo com urgência.

Jacob responde com educação, diz que talvez hoje seja impossível, mas que tornará a me ligar.

– Este é seu novo número?

Não, é um celular emprestado. Porque você não estava atendendo às minhas chamadas.

Ele ri, como se estivesse falando sobre o assunto mais engraçado do mundo. Imagino que esteja cercado de gente, e disfarça bem.

Alguém tirou uma foto no parque e está querendo me chantagear, minto. Irei dizer que a culpa foi dele, que me agarrou. As pessoas que o elegeram pensando que aquilo só tinha acontecido uma vez ficarão muito decepcionadas. Embora tenha sido eleito para o Conselho de Estado, pode perder a chance de se tornar ministro.

– Está tudo bem com você?

Digo que sim e desligo. Peço que me envie uma mensagem informando onde e a que horas nos encontraremos amanhã.

Estou ótima.

Como poderia não estar? Finalmente tenho algo com que me preocupar em minha vida entediante. E minhas noites insones já não são mais repletas de pensamentos perdidos e descontrolados: agora sei o que quero. Tenho uma inimiga a quem destruir e um objetivo a alcançar.

Um homem.

Não é amor – ou talvez até seja, mas isso não vem ao caso. Meu amor me pertence e sou livre para oferecê-lo a quem eu bem entender, mesmo que não seja correspondida. Claro, seria ótimo que isso acontecesse, mas, se não acontecer, paciência. Não vou desistir de cavar este poço em que estou, porque sei que lá no fundo tem água, a água viva.

Alegro-me com o que acabo de pensar: sou livre para amar qualquer pessoa no mundo. Posso decidir isso sem ter que pedir permissão a ninguém. Quantos homens já foram apaixonados por mim sem ser correspondidos? E mesmo assim me enviavam presentes, me cortejavam, se humilhavam na frente dos amigos. E nunca ficaram irritados comigo.

Quando me viam de novo, ainda havia em seus olhos o brilho da conquista inalcançada, mas também do desejo de continuar tentando pelo resto da vida.

Se eles agiam assim, por que não posso fazer a mesma coisa? É interessante lutar por um amor não correspondido.

Pode não ser divertido. Pode deixar marcas profundas e irreparáveis. Mas é interessante – sobretudo para uma pessoa que há alguns anos passou a ter medo de correr riscos e começou a experimentar momentos de terror diante da possibilidade de que as coisas pudessem mudar sem que lhe fosse possível controlá-las.

Não vou reprimir mais nada. Este desafio está me salvando.

Há seis meses, compramos uma nova máquina de lavar e, por isso, precisamos trocar o encanamento da área de serviço. Tivemos que mudar o piso e repintar a parede. No fim, a área estava mais bonita que a cozinha.

Para evitar o contraste, reformamos a cozinha. Então notamos como a sala estava velha. Refizemos a sala, que ficou mais acolhedora do que o escritório, que não via mudanças havia quase dez anos.

Mexemos no escritório. Aos poucos, a reforma foi se estendendo pela casa inteira.

Espero que o mesmo aconteça na minha vida. Que as pequenas coisas levem a grandes transformações.

Passo um bom tempo pesquisando a vida de Marianne, que se apresenta formalmente como Madame König. Nasceu em uma família rica, sócios de uma das maiores companhias farmacêuticas do mundo. Suas fotos na internet sempre a mostram elegante – seja em eventos sociais ou esportivos. Nunca está nem mais nem menos bem-vestida do que exige a ocasião. Jamais iria de moletom para Nyon ou de vestido Versace a uma boate cheia de jovens, como eu fiz.

Possivelmente é a mulher mais invejável de Genebra e arredores. Embora seja herdeira de uma fortuna e tenha se casado com um político promissor, tem sua própria carreira como professora-assistente de filosofia. Escreveu duas teses, sendo uma de doutorado, "Vulnerabilidade e psicose depois da aposentadoria", publicada pela Editions Université de Genève. Teve dois trabalhos divulgados na respeitada revista *Les Rencontres*, em cujas páginas já figuraram, entre outros, Adorno e Piaget. Tem seu próprio verbete na versão francesa da Wikipedia, embora não seja atualizado com muita frequência. Ali é descrita como "especialista em agressão, conflito e assédio nas casas de repouso da Suíça Romanda".

Deve entender das agonias e dos êxtases do ser humano – uma compreensão tão profunda que foi incapaz de ficar chocada com o "sexo consensual" do marido.

É uma estrategista brilhante, porque levou um jornal tradicional a acreditar em informantes anônimos, que nunca devem ser levados a sério e que não existem em profusão na Suíça. Duvido que tenha se identificado como uma fonte.

Manipuladora: foi capaz de transformar algo que poderia ser devastador em uma lição de tolerância e cumplicidade entre o casal e uma luta contra a corrupção.

Visionária: inteligente o bastante para esperar antes de ter filhos. Ainda há tempo. Até lá, pode construir tudo o que deseja sem ser perturbada por choros no meio da noite ou por vizinhos dizendo que deveria largar o trabalho e prestar mais atenção nas crianças. (Porque é exatamente isso que meus vizinhos fazem.)

Excelente instinto: não me vê como um ameaça. Apesar das aparências, não sou perigo para ninguém, apenas para mim mesma.

Eis o tipo de mulher que quero destruir sem a menor piedade.

Porque não é a pobre coitada que acorda às cinco da manhã para vir trabalhar no centro da cidade, sem visto de residência, morrendo de medo de que algum dia descubram que está aqui ilegalmente. Não é a dondoca casada com um alto funcionário das Nações Unidas, sempre em festas, fazendo o possível para mostrar quanto é rica e feliz, embora todos saibam que seu marido tem uma amante vinte anos mais nova que ela. Não é a amante desse mesmo alto funcionário das Nações Unidas, que trabalha na organização e, por mais que trabalhe bem e se esforce, ninguém jamais reconhecerá o que faz, porque "tem um caso com o chefe".

Não é a executiva solitária e poderosa que precisou se mudar para Genebra por causa da sede da Organização Mundial do Comércio, onde todos levam muito a sério o assédio sexual no trabalho e não ousam cruzar olhares com ninguém. E que à noite fita as paredes da imensa mansão que alugou e, vez por outra, contrata um garoto de programa para distraí-la e fazê-la esquecer que passará o

resto da vida sem marido, filhos e amantes.

Não, Marianne não se enquadra em nenhum desses casos. É uma mulher plena.

Tenho dormido melhor. Devo me encontrar com Jacob antes do fim da semana. Pelo menos foi o que ele prometeu, e duvido que tenha coragem de mudar de ideia. Estava nervoso em nossa única conversa ao telefone, na segunda-feira.

Meu marido acredita que o sábado em Nyon me fez bem. Mal sabe ele que foi justamente nesse dia que descobri o que realmente estava me causando tanto mal: a falta de paixão, de aventura.

Um dos sintomas que percebi em mim mesma foi uma espécie de autismo psicológico. Meu mundo, antes amplo e cheio de possibilidades, começou a ficar reduzido à medida que aumentava a necessidade de segurança. Por que isso? Deve ser uma herança que carregamos desde o tempo de nossos ancestrais que moravam em cavernas: os grupos se protegem, os solitários são dizimados.

Mesmo sabendo que, ainda que estejamos em grupo, é impossível controlar tudo, como por exemplo o cabelo que cai ou uma célula que enlouquece e se transforma em tumor.

Mas a falsa segurança nos faz esquecer disso. Quanto mais pudermos enxergar as paredes de nossa vida, melhor. Mesmo que seja apenas um limite psicológico, mesmo que no fundo saibamos que cedo ou tarde a morte vai entrar sem pedir licença, é bom fingir que temos tudo sob controle.

Nos últimos tempos, meu espírito tem estado bastante revoltoso e conturbado, como o mar. Fiz um resumo do meu percurso até aqui e parece que estou fazendo uma viagem transoceânica num jangada rudimentar, em plena época das tempestades. Sobreviverei?, pergunto-me, agora que já não há volta.

Sobreviverei, claro.

Já enfrentei tempestades antes. Também fiz uma lista das coisas nas quais devo me concentrar quando sentir que estou correndo o risco de cair de novo no buraco negro:

• Brincar com meus filhos. Ler histórias que sirvam de lição tanto para eles quanto para mim – porque histórias nao têm idade.

• Olhar o céu.

• Beber copos de água mineral gelada. Pode ser extremamente simples, mas sinto-me revigorada sempre que faço isso.

• Cozinhar. Eis a mais bela e mais completa arte. Ela mexe com nossos cinco sentidos e mais um – a necessidade de dar o melhor que há em nós. É minha terapia preferida.

• Escrever minha lista de reclamações. Isso foi uma descoberta e tanto! Cada vez que me irrito com alguma coisa, reclamo e depois anoto. No fim do dia me dou conta de que me irritei à toa.

• Sorrir, mesmo que tenha vontade de chorar. Este é o mais díficil de todos os itens da lista, mas nos acostumamos. Dizem os budistas que um sorriso pregado no rosto, por mais falso que seja, acaba iluminando a alma.

• Tomar dois banhos por dia, em vez de um. Resseca a pele por causa do alto nível de calcário e cloro na água da cidade. Mas compensa, porque lava a alma.

Isso tudo, porém, só funciona porque agora tenho um objetivo: conquistar um homem. Sou um tigre acuado, sem ter para onde fugir. A única coisa que me resta é atacar com fúria.

Finalmente tenho uma data: amanhã à 15h, no restaurante do Clube de Golfe de Cologny. Poderia ter sido em qualquer bistrô da cidade ou num bar em qualquer uma das transversais que dão na principal (e poderia dizer única) rua comercial da cidade, mas ele escolheu o restaurante do Clube de Golfe.

No meio da tarde.

Porque a essa hora o restaurante estará vazio e teremos mais privacidade. Preciso encontrar uma desculpa decente para o meu chefe, mas isso não é um grande problema. Afinal, escrevi uma matéria sobre as eleições que acabou sendo reproduzida em muitos outros jornais do país.

Um lugar discreto, é o que ele deve ter em mente. Um lugar romântico, é o que eu penso, com essa minha mania de acreditar em tudo o que quero. O outono pintou as árvores de distintas cores de dourado e talvez eu convide Jacob para dar um passeio. Penso melhor quando estou em movimento. E ainda melhor quando corro, como aconteceu em Nyon, mas não creio que isso será possível.

Rá rá rá.

Esta noite o jantar aqui em casa foi raclette, um queijo derretido, com fatias de carne de bisão crua e a tradicional batata rosti – raspada e grelhada – com creme de leite. Minha família perguntou se estávamos celebrando alguma coisa especial e eu disse que sim: o fato de estarmos juntos e podermos desfrutar um jantar tranquilo. Em seguida tomei o segundo banho do dia, deixando que a água lavasse toda a minha ansiedade. Enchi-me de cremes e fui até o quarto das crianças ler uma história para elas. Encontrei-as grudadas em seus tablets. Isso deveria ser proibido para menores de 15 anos!

Mandei que os desligassem – eles obedeceram a contragosto –, peguei um livro de contos tradicionais, abri ao acaso e li:

Durante a era glacial, muitos animais morriam por causa do frio. Então os porcos-espinhos resolveram se juntar em grupo, assim aqueciam e protegiam uns aos outros.

Mas os espinhos feriam os companheiros mais próximos – justamente os que forneciam mais calor. Por causa disso eles tornaram a se afastar.

E voltaram a morrer congelados.

Então precisaram fazer uma escolha: ou eram dizimados da face da Terra, ou aceitavam os espinhos do próximo.

Com sabedoria, decidiram se unir mais uma vez. Aprenderam a conviver com as pequenas feridas que uma relação muito próxima pode causar, já que o mais importante era o calor do outro. E assim sobreviveram.

As crianças querem saber quando poderão ver um porcoespinho de verdade.

– Tem no zoológico?

Não sei.

– O que é era glacial?

Um período em que fazia muito frio.

– Como no inverno?

Sim, mas um inverno que não terminava nunca.

– E por que eles não arrancaram seus espinhos antes de se abraçarem?

Meu Deus! Eu deveria ter escolhido outra história. Apago a luz e resolvo cantar uma música tradicional de uma aldeia nos Alpes, enquanto afago os dois. Em

pouco tempo já estão dormindo.

Meu marido trouxe Valium para mim. Sempre me recusei a tomar remédio, pois tenho medo de me tornar dependente, mas preciso estar em forma para o dia seguinte.

Engulo 10 mg do tranquilizante e caio em um sono profundo, sem sonhos. Não acordo no meio da noite.

Chego antes da hora, passo direto pelo casarão que abriga o Clube de Golfe e vou para o jardim. Caminho até as árvores em sua extremidade, decidida a aproveitar ao máximo esta bela tarde.

Melancolia. Esta é a primeira palavra que me vem à cabeça quando chega o outono. Porque sei que o verão terminou, os dias ficarão cada vez menores e não vivemos no mundo encantado dos porcos-espinhos em sua era glacial: ninguém suporta o menor ferimento provocado pelos outros.

Sim, em outros países começamos a ver pessoas morrendo por causa da temperatura, engarrafamentos nas estradas, aeroportos fechados. As lareiras são acesas, os cobertores saem do armário. Mas isso só acontece no mundo que construímos.

Na natureza a paisagem é magnífica: as árvores, antes tão parecidas umas com as outras, ganham personalidade e resolvem pintar as florestas com mil tons diferentes. Uma parte do ciclo da vida chega ao fim. Tudo descansará por um período e ressuscitará na primavera, na forma de flores.

Não há melhor momento que o outono para começar a esquecer as coisas que nos incomodam. Deixar que se soltem de nós como as folhas secas, pensar em voltar a dançar, aproveitar cada migalha de um sol que ainda esquenta, aquecer o corpo e o espírito com seus raios, antes que ele vá dormir e se transforme apenas em uma fraca lâmpada nos céus.

De longe posso ver que ele chegou. Procura-me no restaurante, no terraço, e vai até o encarregado do bar, que faz um sinal na minha direção. Agora Jacob já me viu e acena. Começo a caminhar lentamente para a sede do clube. Quero que ele aprecie meu vestido, meus sapatos, meu casaco de meia-estação, meu modo de andar. Mesmo que esteja com o coração disparado, não posso perder o ritmo.

Fico procurando as palavras. Por que misteriosa razão tornamos a nos encontrar? Por que ambos nos controlamos, mesmo sabendo que existe alguma coisa entre nós? Será que temos medo de tropeçar e cair, como já aconteceu tantas vezes?

Enquanto caminho, parece que estou entrando em um túnel que nunca atravessei: aquele que leva do cinismo à paixão, da ironia à entrega.

O que ele pensa enquanto me vê caminhar em sua direção? Preciso explicar que não devemos ficar assustados e que, “se o Mal existe, está escondido em nossos medos”?

Melancolia. A palavra que agora está me transformando em uma mulher romântica e me rejuvenescendo a cada passo.

Continuo procurando as palavras certas para dizer assim que estiver diante dele. O melhor é não procurar, mas deixar que fluam naturalmente. Elas estão aqui comigo. Posso não reconhecê-las, não aceitá-las, mas elas são mais poderosas do que minha necessidade de controlar tudo.

Por que não quero escutar minhas próprias palavras antes de dizê-las a ele?

Será o medo? O que pode ser pior do que uma vida cinzenta, triste, em que os

dias são todos iguais? Do que o terror de que tudo desapareça – incluindo minha própria alma – e eu fique absolutamente sozinha neste mundo, depois de ter tido tudo para ser feliz?

Vejo, contra o sol, as sombras de folhas das árvores caindo. O mesmo está acontecendo dentro de mim: a cada passo que dou, cai uma barreira, uma defesa é destruída, uma parede desmorona, e o meu coração, escondido atrás de tudo isso, começa a ver a luz do outono e a se alegrar com ela.

Sobre o que conversaremos hoje? Sobre a música que ouvi no carro, a caminho daqui? O vento nas árvores? A condição humana com todas as suas contradições, escuridão e redenção?

Falaremos de melancolia e ele dirá que é uma palavra triste. Direi que não, que é nostálgica, trata de algo esquecido e frágil, como somos todos quando fingimos não ver o caminho para o qual a vida nos conduziu sem nos pedir permissão, quando negamos nosso destino porque ele nos leva em direção à felicidade e tudo o que queremos mesmo é segurança.

Mais alguns passos. Mais barreiras ruem. Mais luz entra no meu coração. Já não me passa pela cabeça controlar seja o que for, apenas viver esta tarde que nunca mais voltará a acontecer. Não preciso convencê-lo de nada. Se ele não entender agora, entenderá mais tarde. É apenas uma questão de tempo.

Apesar do frio, nos sentaremos na varanda. Assim ele pode fumar. No começo estará na defensiva, querendo saber da foto que alguém tirou no parque.

Mas conversaremos sobre a possibilidade de haver vida em outros planetas, a presença de Deus, muitas vezes esquecida por causa da maneira como nos comportamos. Falaremos de fé, de milagres e de encontros traçados antes mesmo que tivéssemos nascido.

Discutiremos a eterna luta entre ciência e religião. Falaremos do amor, sempre visto ao mesmo tempo como um desejo e uma ameaça. Ele insistirá em que minha definição de melancolia não é correta, mas me limitarei a tomar meu chá em silêncio, olhando o pôr do sol nas montanhas do Jura, contente por estar viva.

Ah, também conversaremos sobre as flores, mesmo que as únicas visíveis sejam as que estão dentro do bar, provenientes de alguma estufa que as produz em série. Mas é bom falar de flores no outono. Isso nos dá a esperança da primavera.

Faltam poucos metros. As paredes ruíram completamente. Acabo de renascer.

Chego ao seu lado e o cumprimento com os convencionais três beijinhos no rosto, como manda a tradição suíça (sempre que viajo e dou o terceiro, as pessoas se assustam). Percebo quanto está nervoso e sugiro que fiquemos no terraço – teremos mais privacidade e ele poderá fumar. O garçom já o conhece. Jacob pede Campari com tônica e eu peço chá, como planejei.

Para ajudá-lo a relaxar, começo a falar da natureza, das árvores e da beleza que é perceber como tudo é diferente o tempo todo. Por que buscamos repetir o mesmo padrão? É impossível. É antinatural. Não seria melhor ver esses desafios

como fonte de conhecimento, e não como nossos inimigos?

Ele continua nervoso. Responde de maneira automática, como se quisesse encerrar logo a conversa, mas não vou deixar. Este é um dia único na minha vida e merece ser respeitado como tal. Continuo falando sobre coisas que me ocorreram enquanto caminhava, aquelas tais palavras sobre as quais não tenho controle. Fico maravilhada ao vê-las sair com tanta precisão.

Falo sobre animais domésticos. Pergunto se ele entende por que as pessoas gostam tanto deles. Jacob dá uma resposta convencional qualquer e passo para o próximo assunto: por que é tão difícil aceitar que as pessoas são diferentes? Por que tantas leis tentando criar novas tribos em vez de simplesmente aceitarmos que as diferenças culturais podem tornar nossa vida mais rica e mais interessante? Mas ele diz que está cansado de falar de política.

Então conversaremos sobre um aquário que vi hoje na escola das crianças, quando fui deixá-las. Ali dentro havia um peixe, que ficava dando voltas junto ao vidro, e eu dizia para mim mesma: ele não lembra onde começou a girar e jamais chegará ao fim. É por isto que gostamos de peixes em aquários: eles nos fazem lembrar de nossa vida, bem alimentados, mas sem poder ir além das paredes de cristal.

Ele acende mais um cigarro. Vejo que já há dois apagados no cinzeiro. Então percebo que estou falando há muito tempo, em um transe de luz e paz, sem lhe dar espaço para expressar o que sente. Sobre o que gostaria de falar?

– Sobre a foto que você mencionou – responde com cuidado, porque já notou que estou num momento muito sensível.

Ah, a foto. Claro que ela existe! Está gravada a ferro e fogo no meu coração e só poderei apagá-la quando Deus permitir. Mas entre e veja com seus próprios olhos, porque todas as barreiras que protegiam meu coração foram ruindo à medida que eu me aproximava de você.

Não, não me diga que não conhece o caminho, porque já entrou nele várias vezes – tanto no passado como no presente. Entretanto eu me recusava a aceitar isso e entendo que também esteja relutante. Somos iguais. Não se preocupe, eu o conduzirei.

Depois que digo tudo isso, ele pega minha mão com delicadeza, sorri e crava o punhal:

– Não somos mais adolescentes. Você é uma pessoa maravilhosa e, pelo que sei, tem uma família linda. Já pensou em fazer terapia de casal?

Por um tempo fico desnorteada. Mas me levanto e caminho direto para o meu carro. Sem lágrimas. Sem dizer adeus. Sem olhar para trás.

Não sinto nada. Não penso em nada. Passo direto pelo meu carro e sigo pela estrada, sem saber exatamente aonde devo ir. Ninguém está me esperando no fim da caminhada. A melancolia se transformou em apatia. Preciso me arrastar para seguir adiante.

Até que, cinco minutos depois, estou diante de um castelo. Sei o que aconteceu ali: alguém deu vida a um monstro conhecido até hoje, embora poucos saibam o nome da mulher que o criou.

A porta para o seu jardim está fechada, mas e daí? Posso entrar pela cerca viva. Posso sentar-me no banco gelado e ficar imaginando o que ocorreu em 1817. Preciso me distrair, esquecer tudo o que me inspirava antes e me concentrar em algo diferente.

Imagino um dia qualquer daquele ano, quando seu morador, o poeta inglês Lord Byron, resolveu se exilar aqui. Era odiado em sua terra, assim como em Genebra, onde o acusavam de promover orgias e embriagar-se em público. Devia morrer de tédio. Ou de melancolia. Ou de raiva.

Pouco importa. O que importa é que nesse dia qualquer de 1817 chegaram dois convidados de seu país. Outro poeta, Percy Bysshe Shelley, e sua "esposa" de 18 anos, Mary.

Um quarto convidado se juntou ao grupo, mas não consigo lembrar o nome dele.

Devem ter discutido literatura. Devem ter reclamado do tempo, das chuvas, do frio, dos habitantes de Genebra, dos compatriotas ingleses, da falta de chá e uísque. Possivelmente leram poemas uns para os outros e se deliciaram com os elogios mútuos.

E julgavam-se tão especiais e importantes que decidiram fazer uma aposta: deveriam voltar àquele mesmo lugar dentro de um ano, cada um trazendo um livro que falasse da condição humana.

É óbvio que, passado o entusiasmo dos planos e dos comentários sobre como o ser humano é uma aberração completa, esqueceram-se do que tinham combinado.

Mary estava presente durante a conversa. Não foi convidada a participar da aposta. Primeiro porque era mulher, e ainda tinha o agravante de ser jovem. Entretanto, aquilo deve tê-la marcado profundamente. Por que não escrevia algo só para passar o tempo? Tinha o tema, precisava apenas desenvolvê-lo – e guardar o livro para si mesma quando tivesse terminado.

No entanto, quando voltaram à Inglaterra, Shelley leu o manuscrito e encorajou-a a publicá-lo. Mais que isso: como já era famoso, decidiu que a apresentaria a um editor e escreveria o prefácio. Mary relutou, mas acabou aceitando, com uma condição: seu nome não deveria figurar na capa.

A tiragem inicial, de quinhentos exemplares, esgotou-se rapidamente. Mary achou que devia ser por causa do prefácio de Shelley, mas, na segunda edição, concordou em incluir seu nome. Desde então o título *nunca* deixou de ser encontrado nas livrarias do mundo inteiro. Inspirou escritores, produtores teatrais, diretores de cinema, festas de Halloween, bailes de máscaras. Recentemente foi descrito por um crítico importante como o "trabalho mais criativo do Romantismo, ou talvez dos últimos duzentos anos".

Ninguém consegue explicar por quê. A maioria nunca o leu, mas praticamente todo mundo já ouviu falar dele.

Conta a história de Victor, um cientista suíço, nascido em Genebra e educado pelos pais para entender o mundo por meio da ciência. Ainda criança, ele vê um raio cair em um carvalho e se pergunta: será que é daí que vem a vida? A condição humana pode ser criada pelo homem?

E como uma versão moderna de Prometeu, a figura mitológica que roubou o fogo dos céus para ajudar o homem – a autora usou "O moderno Prometeu" como subtítulo, mas ninguém lembra –, começa a trabalhar para repetir a façanha de Deus. É óbvio que, apesar de toda a sua dedicação, a experiência foge do seu controle.

O título do livro: *Frankenstein*.

Ó meu Deus, em quem pouco penso todos os dias, mas em quem tanto confio nas horas de aflição, será que vim parar aqui por acaso? Ou foi Sua invisível e implacável mão que me conduziu a este castelo e me fez relembrar essa história?

Mary conheceu Shelley quando tinha 15 anos – embora ele fosse casado, não se deixou deter pelas convenções sociais e foi atrás do homem que julgava ser o amor de sua vida.

Quinze anos! E já sabia exatamente o que queria. E sabia como consegui-lo. Tenho 31 anos, a cada hora desejo uma coisa e sou incapaz de conquistá-la, embora possa caminhar por uma tarde de outono cheia de melancolia e romantismo, inspirando-me para aquilo que iria dizer quando chegasse o momento.

Não sou Mary Shelley. Sou Victor Frankenstein e seu monstro.

Procurei dar vida a algo inanimado e o resultado será o mesmo do livro: espalhar terror e destruição.

Não há mais lágrimas. Não existe mais desespero. Sinto-me como se meu coração tivesse desistido de tudo e meu corpo agora refletisse isso, porque não consigo me mover. É outono, então a tarde vai caindo depressa, o lindo pôr do sol logo é substituído pelo crepúsculo. Chega a noite e ainda estou ali sentada, olhando o castelo e vendo seus frequentadores escandalizarem a burguesia de Genebra no início do século XIX.

Onde está o raio que deu vida ao monstro?

O raio não vem. O trânsito, que é fraco na região, fica mais escasso ainda. Meus filhos aguardam o jantar e meu marido – que sabe da minha condição – em breve ficará preocupado. Mas parece que tenho uma bola de ferro atada aos pés e ainda não sou capaz de me mexer.

Sou uma perdedora.

Alguém pode ser obrigado a pedir perdão por despertar um amor impossível?
Não, de maneira nenhuma.
Porque o amor de Deus por nós também é impossível. Nunca será correspondido à altura, e mesmo assim Ele continua a nos amar. E nos amou tanto a ponto de enviar seu único filho para explicar que o amor é a força que move o Sol e as estrelas. Em uma de suas epístolas aos Coríntios (que nossa escola nos obrigava a saber de cor), o apóstolo Paulo diz:
Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver Amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.
E todos nós sabemos por quê. Muitas vezes escutamos o que parecem ser grandes ideias para transformar o mundo. Mas são palavras ditas sem emoção, vazias de Amor. Por mais lógicas e inteligentes que possam ser, não nos tocam.
Paulo compara o Amor com a Profecia, com os Mistérios, com a Fé e com a Caridade.
Por que o Amor é mais importante que a Fé?
Porque a Fé é apenas uma estrada que nos conduz ao Amor Maior.
Por que o Amor é mais importante que a Caridade?
Porque a Caridade é apenas uma das manifestações do Amor. E o todo é sempre mais importante que a parte. Além disso, a Caridade também é apenas uma das muitas estradas que o Amor utiliza para fazer com que o homem se una a seu próximo.
E todos sabemos que existe por aí muita caridade sem Amor. Todas as semanas há um baile de "caridade" aqui perto. As pessoas pagam uma fortuna para comprar uma mesa, participam e se divertem, com suas joias e roupas caríssimas. Saímos acreditando que o mundo está melhor por causa do montante arrecadado naquela noite para os desabrigados da Somália, os excluídos do Iêmen, os que passam fome na Etiópia. Deixamos de nos sentir culpados pelo cruel espetáculo da miséria, porém jamais nos perguntamos para onde vai esse dinheiro.
Os que não têm contatos para ir ao baile ou não têm condições de bancar tal extravagância passam por um mendigo e deixam uma moeda. Pronto. É muito fácil jogar uma moeda para um pedinte na rua. Em geral, é mais fácil do que não jogá-la.
Que grande alívio por apenas uma moeda! É barato para nós e resolve o problema do mendigo.
Entretanto, se realmente o amássemos, faríamos muito mais por ele.
Ou não faríamos nada. Não daríamos a moeda e – quem sabe? – nossa culpa por aquela miséria poderia despertar o verdadeiro Amor.
Paulo então compara o Amor com o sacrifício e o martírio.
Hoje entendo melhor suas palavras. Mesmo que eu seja a mulher mais bem-sucedida do mundo, mesmo que eu seja mais admirada e mais desejada que Marianne König, se não tiver amor em meu coração, não adianta nada. *Nada*.
Nas entrevistas com artistas e políticos, com assistentes sociais e médicos, com estudantes e funcionários públicos, sempre pergunto: "Qual o objetivo do seu trabalho?" Alguns respondem: formar uma família. Outros dizem: progredir na carreira. Mas quando vou mais fundo e insisto na pergunta, a resposta quase

automática é: melhorar o mundo.

Tenho vontade de ir para a Pont du Montblanc com um manifesto impresso em letras douradas e entregá-lo a cada carro ou pessoa que passar por ali. Nele estará escrito:

Suplico àqueles que desejam algum dia trabalhar para o bem da humanidade: jamais esqueçam que, mesmo que seus corpos sejam queimados em nome de Deus, se não tiverem Amor, não adianta nada. Nada!

Não há nada mais importante que possamos doar do que o reflexo do Amor em nossa vida. Esta é a verdadeira linguagem universal, que nos permite falar chinês ou os dialetos da Índia. Na minha juventude viajei muito – fazia parte do rito de passagem de qualquer estudante. Conheci países pobres e ricos. Na maioria das vezes, não falava o idioma local. Mas em todos esses lugares a eloquência silenciosa do Amor ajudou-me a me fazer entender.

A mensagem do Amor está na maneira como levo a vida, e não nas minhas palavras ou nos meus atos.

Na epístola aos Coríntios, Paulo nos diz, em três versos pequenos, que o Amor é composto de muitas outras coisas. Assim como a luz. Aprendemos na escola que, se pegarmos um prisma e fizermos com que um raio de sol o atravesse, este raio se divide nas cores do arco-íris.

Paulo nos mostra o arco-íris do Amor, da mesma forma que o prisma atravessado por um raio nos mostra o arco-íris da luz.

E quais são esses elementos? São virtudes das quais ouvimos falar todos os dias e que podemos praticar a qualquer momento.

Paciência: *O Amor é paciente,*

Bondade: *é benigno,*

Generosidade: *o Amor não arde em ciúmes,*

Humildade: *não se vangloria, não se orgulha,*

Delicadeza: *O amor não se conduz inconvenientemente,*

Entrega: *não procura seus interesses,*

Tolerância: *não se exaspera,*

Inocência: *não se ressente do mal,*

Sinceridade: *não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade.*

Todos esses dons estão relacionados com nossa vida diária, com o hoje e com o amanhã, com a Eternidade.

O grande problema é que as pessoas costumam relacionar isso com o Amor a Deus. Mas como se manifesta o amor a Deus? Pelo amor ao homem.

Para encontrar a paz nos céus, é preciso encontrar o amor na Terra. Sem ele, não valemos nada.

Eu amo e ninguém pode me tirar isso. Amo meu marido, que sempre me apoiou. Acredito também amar um homem que conheci na adolescência. E enquanto caminhava até ele, numa linda tarde de outono, deixei minhas defesas caírem por terra e já não consigo reerguê-las. Estou vulnerável, mas não me arrependo.

Hoje de manhã, enquanto tomava uma xícara de café, olhei a luz suave do lado de fora, lembrei-me de novo dessa caminhada e me perguntei pela última

vez: será que estou tentando criar um problema real para afastar meus problemas imaginários? Estou realmente apaixonada ou apenas transferi todas as sensações desagradáveis desses últimos meses para uma fantasia?

Não. Deus não é injusto e jamais permitiria que eu me apaixonasse dessa maneira se não houvesse a possibilidade de ser correspondida.

No entanto, às vezes o amor exige que se lute por ele. E é o que farei. Na busca da justiça terei que afastar o mal sem exasperação ou impaciência. Quando Marianne estiver longe e ele junto de mim, Jacob irá me agradecer pelo resto da vida.

Ou partirá de novo, mas deixará comigo a sensação de que lutei até onde podia.

Sou uma nova mulher. Vou em busca de algo que não virá até mim de livre e espontânea vontade. Ele é casado e acredita que qualquer passo em falso possa comprometer sua carreira.

Portanto em que tenho que me concentrar? Em descasá-lo sem que perceba.

Terei meu primeiro encontro com um traficante!

Vivo em um país que decidiu se isolar do mundo e está muito contente com isso. Quando se decide visitar os vilarejos ao redor de Genebra, uma coisa fica imediatamente clara: não existe lugar para estacionar, a menos que se use a garagem de algum conhecido.

A mensagem é: não venha aqui, estrangeiro, porque a vista do lago lá embaixo, a imponência dos Alpes no horizonte, as flores do campo durante a primavera e o tom dourado dos vinhedos quando chega o outono, tudo isso é herança dos nossos antepassados, que viveram aqui sem nunca terem sido perturbados. Queremos que continue assim, então não venha, estrangeiro. Mesmo que você tenha nascido e crescido em uma cidade vizinha, não estamos interessados no que tem a nos contar. Se quiser estacionar seu carro, procure uma cidade grande, cheia de lugares próprios para isso.

Estamos tão isolados do mundo que ainda acreditamos na ameaça de uma grande guerra nuclear. É obrigatório que todas as construções do país tenham abrigos antinucleares. Recentemente um deputado tentou anular essa lei e o Parlamento foi contra: sim, pode ser que jamais haja uma guerra nuclear, mas e a ameaça de armas químicas? Precisamos proteger nossos cidadãos. Portanto, os caríssimos abrigos antinucleares continuam a ser construídos. E transformados em adegas e depósitos enquanto o Apocalipse não chega.

Entretanto há coisas que, apesar de todo o nosso esforço para permanecermos como uma ilha de paz, não conseguimos impedir que atravessem a fronteira.

Como as drogas, por exemplo.

Os governos dos estados tentam controlar os pontos de venda e fecham os olhos para quem compra. Apesar de vivermos em um paraíso, não estamos todos estressados pelo trânsito, pelas responsabilidades, pelos prazos e pelo tédio? As drogas estimulam a produtividade (como a cocaína) e diminuem a tensão (como o haxixe). Portanto, para não darmos mau exemplo ao mundo, proibimos e toleramos ao mesmo tempo.

No entanto, sempre que o problema começa a tomar proporções maiores, por "coincidência" alguma celebridade ou pessoa pública é presa com "entorpecentes", como dizemos em linguagem jornalística. O caso vai parar na mídia para servir de exemplo, desencorajar os jovens, dizer à população que o governo tem tudo sob controle, e ai de quem se recusar a cumprir a lei!

Isso acontece no máximo uma vez por ano. E não acredito que somente uma vez por ano alguém importante resolva sair da rotina e ir até a passagem subterrânea na Pont du Montblanc para comprar algo com os traficantes que batem ponto ali diariamente. Se fosse assim, eles já teriam desaparecido por falta de clientela.

Chego ao local. Famílias vão e vêm, os tipos suspeitos continuam ali sem se deixarem incomodar e sem perturbar os outros. Exceto quando passa um casal de jovens conversando em língua estrangeira, ou quando um executivo de terno atravessa a passagem subterrânea e volta no instante seguinte, olhando direto nos olhos daqueles homens.

Passo a primeira vez, vou até o outro lado, tomo uma água mineral e reclamo do frio com uma pessoa que nunca vi. Ela não responde, imersa em seu mundo.

Volto e ali estão os mesmos homens. Fazemos contato visual, mas tem muita gente passando, o que é raro. É a hora do almoço e as pessoas deviam estar nos restaurantes caríssimos espalhados pela área, tentando fechar algum negócio importante ou seduzir a turista que chegou à cidade em busca de emprego.

Espero um pouco e passo pela terceira vez. Faço contato visual novamente e um deles, com um simples gesto de cabeça, me pede que o siga. Nunca na vida imaginei que faria isso, mas este ano tem sido tão diferente que já não estranho minhas atitudes.

Finjo um ar de despreocupação e vou atrás dele.

Andamos dois ou três minutos até o Jardim Inglês. Passamos pelos turistas que tiram fotos diante do relógio de flores, um dos marcos da cidade. Cruzamos a pequena estação do trem que gira em torno do lago, como se vivêssemos na Disneylândia. Enfim chegamos à amurada e olhamos a água. Como um casal contemplando o Jet d'Eau, o gigantesco chafariz que pode atingir 100 metros de altura e que há muito tempo se tornou o símbolo de Genebra.

Ele espera que eu diga alguma coisa. Mas não sei se minha voz sairá firme, apesar de toda a minha pose de autoconfiança. Fico quieta e o obrigo a quebrar o silêncio:

– Ganja, queijo, papel ou pólvora?

Pronto. Estou perdida. Não sei o que responder e o traficante percebe que está diante de uma novata. Fui testada e não passei na prova.

Ele ri. Pergunto se acha que sou da polícia.

– Claro que não. A polícia saberia imediatamente do que estou falando.

Explico que é a primeira vez que faço isso.

– Dá para notar. Uma mulher vestida como você jamais se daria ao trabalho de vir até aqui. Poderia pedir a um sobrinho ou a algum colega o que restou de seu consumo pessoal. Por isso resolvi trazê-la até a beira do lago. Poderíamos ter feito a transação enquanto andávamos, e eu não estaria perdendo tanto tempo, mas quero saber exatamente o que está buscando ou se precisa de alguma recomendação.

Ele não está perdendo tempo. Devia era estar morrendo de tédio parado naquela passagem subterrânea. Nas três vezes que passei por ali não havia nenhum cliente interessado.

– Muito bem, vou repetir em uma linguagem que talvez você entenda: haxixe, anfetaminas, LSD ou cocaína?

Pergunto se tem crack ou heroína. Ele diz que essas são drogas proibidas. Tenho vontade de dizer que todas as que mencionou também são proibidas, mas me contenho.

Não é para mim, explico. É para uma inimiga.

– Está falando de vingança? Pretende matar alguém com uma overdose? Por favor, senhora, procure outra pessoa.

Ele começa a se afastar, mas o detenho e peço que me ouça. Noto que meu interesse pelo assunto já deve ter feito o preço dobrar.

Pelo que sei, a pessoa em questão não usa drogas, explico. Mas tem prejudicado seriamente minha relação amorosa. Só quero pegá-la numa armadilha.

– Isso vai contra a ética de Deus.
Vejam só: um vendedor de produtos que causam dependência e podem matar tentando me pôr no caminho certo!
Conto-lhe "minha história". Sou casada há dez anos, tenho dois filhos maravilhosos. Eu e meu marido usamos o mesmo modelo de celular e há dois meses peguei o dele sem querer.
– Não usam código de segurança?
Claro que não. Confiamos um no outro. Ou será que o dele tinha bloqueio, mas estava desativado naquele momento? O fato é que descobri cerca de quatrocentas mensagens de texto e uma série de fotos de uma mulher atraente, loura, pelo visto muito bem de vida. Fiz o que não devia: um escândalo. Perguntei a ele quem era e ele não negou – disse que era a mulher por quem estava apaixonado. Ficou contente que eu tivesse descoberto antes que precisasse me contar.
– Isso acontece com muita frequência.
O traficante passou de evangelizador a conselheiro matrimonial! Mas eu continuo – porque estou inventando tudo isso na hora e me sinto animada com a história que conto. Pedi-lhe que saísse de casa. Ele concordou e, no dia seguinte, me deixou com nossos dois filhos para ir viver com o amor de sua vida. Mas ela o recebeu muito mal, já que achava muito mais interessante ter uma relação com um homem casado do que ser obrigada a conviver com um marido que não escolheu.
– Mulheres! É impossível entender vocês.
Também acho. Continuo minha história: ela disse que não estava preparada para morar com ele e terminou tudo. Como imagino que aconteça na maioria dos casos, ele voltou para casa me pedindo perdão. Perdoei. Aliás, tudo que eu queria mesmo era que ele voltasse. Sou uma mulher apaixonada e não saberia viver sem a pessoa que amo.
Só que agora, passadas algumas semanas, noto que ele mudou de novo. Já não é tolo o bastante para deixar o celular à mão, então não tenho como saber se voltaram a se encontrar. Mas desconfio que sim. E a mulher – a tal executiva loura, independente, cheia de charme e poder – está me tirando o que há de mais importante na vida: o amor. Ele sabe o que é amor?
– Entendo o que está querendo. Mas é muito perigoso.
Como entende, se ainda não acabei de explicar?
– Pretende criar uma armadilha para a tal mulher. Não temos a mercadoria que a senhora pediu. Mas, para executar seu plano, seriam necessários no mínimo 30 gramas de cocaína.
Ele pega o celular, digita algo e me mostra. É uma página do portal CNN Money, com o preço das drogas. Fico surpresa, mas descubro que se trata de uma reportagem recente, sobre as dificuldades que os grandes cartéis vêm enfrentando.
– Como pode ver, irá gastar 5 mil francos suíços. Vale a pena? Não é mais barato ir à casa dessa mulher e fazer um escândalo? Além do mais, pelo que entendi, talvez ela não tenha culpa de nada.
De evangelizador, passara a conselheiro matrimonial. E, de conselheiro

matrimonial, evoluiu para consultor financeiro, tentando evitar que eu gaste inutilmente meu dinheiro.

Digo que aceito o risco. Sei que estou certa. E por que 30 gramas em vez de 10?

– É a quantidade mínima para a pessoa ser enquadrada como traficante. A pena é muito mais pesada que a de usuários. Tem certeza de que quer fazer isso? Porque, no caminho até a sua casa ou a casa da tal mulher, pode ser presa e não terá como explicar a posse da droga.

Será que todos os traficantes são assim ou caí nas mãos de alguém especial? Eu adoraria ficar horas conversando com este homem, bastante vivido e experiente. Mas pelo visto ele é muito ocupado. Pede que eu volte em meia hora com o dinheiro em espécie. Vou até um caixa eletrônico, surpresa com minha ingenuidade. É óbvio que traficantes não carregam grandes quantidades. Do contrário seriam considerados traficantes!

Volto e ali está ele. Entrego-lhe o dinheiro discretamente e ele me indica uma lata de lixo que podemos ver de onde estamos.

– Por favor, não deixe a mercadoria ao alcance da tal mulher, pois ela pode se confundir e acabar ingerindo. Seria um desastre.

Esse homem é único; pensa em tudo. Se fosse diretor de uma multinacional, estaria ganhando uma fortuna em bonificações de acionistas.

Quando penso em continuar a conversa, ele já se afastou. Olho de novo o local indicado. E se não houver nada lá? Mas esses homens têm uma reputação a zelar e não fariam uma coisa dessas.

Vou até lá, olho para os lados, pego um envelope de papel pardo, coloco-o na bolsa e imediatamente tomo um táxi para a redação do jornal. Vou chegar atrasada de novo.

Tenho a prova do crime. Paguei uma fortuna por algo que não pesa quase nada.

Mas como saber se o tal homem não me enganou? Preciso descobrir por mim mesma.

Alugo dois ou três filmes cujos personagens principais são viciados. Meu marido fica surpreso com meu novo interesse.

– Você não está pensando em fazer isso, está?

Claro que não! É apenas uma pesquisa para o jornal. Por sinal, amanhã devo chegar tarde. Resolvi escrever um artigo sobre o castelo de lorde Byron e preciso dar uma passada lá. Ele não deve se preocupar.

– Não estou preocupado. Acho que as coisas melhoraram muito desde que fomos passear em Nyon. Precisamos viajar mais, talvez no réveillon. Da próxima vez deixaremos as crianças com a minha mãe. Estive conversando com pessoas que entendem desse assunto.

O “assunto” deve ser aquilo que considera meu estado de depressão. Com quem exatamente andou falando? Algum amigo que pode acabar dando com a língua nos dentes a primeira vez que beber demais?

– Nada disso. Um terapeuta de casal.

Que horror! Terapia de casal foi a última coisa que ouvi naquela tarde terrível no Clube de Golfe. Será que os dois estão se falando às escondidas?

– Talvez o seu problema tenha sido provocado por mim. Não lhe dou a atenção que merece. Estou sempre falando de trabalho ou das coisas que precisamos fazer. Perdemos o romantismo necessário para manter uma família feliz. Preocupar-se apenas com os filhos não é o suficiente. Precisamos de mais enquanto ainda somos jovens. Quem sabe não voltamos a Interlaken, a primeira viagem que fizemos juntos depois que nos conhecemos? Podemos subir parte do Jungfrau e desfrutar a paisagem lá do alto.

Terapeuta de casal! Só faltava essa.

A conversa com meu marido me faz lembrar de um velho provérbio: o pior cego é aquele que não quer ver.

Como pode pensar que fui abandonada por ele? De onde tirou essa ideia maluca, se sou eu quem normalmente não o recebo na cama com os braços e as pernas abertas.

Já faz um tempo que não temos uma relação sexual intensa. Em um relacionamento saudável, isso é mais necessário para a estabilidade do casal do que fazer planos para o futuro ou falar sobre as crianças. Interlaken me lembra de uma época em que passeávamos pela cidade no final da tarde – porque durante a maior parte do tempo estávamos trancados no hotel, fazendo amor e bebendo vinho barato.

Quando amamos alguém, não nos contentamos em conhecer apenas sua alma; queremos saber como é seu corpo. Necessário? Não sei, mas o instinto nos leva a isso. E não tem hora para que aconteça, nem regra que mereça ser respeitada. Nada melhor que a descoberta, a timidez perdendo espaço para a ousadia, os gemidos baixos se transformando em gritos ou palavrões. Sim, palavrões – tenho uma necessidade enorme de escutar coisas proibidas e "sujas" enquanto estou com um homem dentro de mim.

Nesses momentos, surgem as perguntas de sempre: "Estou apertando muito?" "Devo ir mais rápido ou mais devagar?" São questões fora de hora, que incomodam, mas fazem parte da iniciação, do conhecimento e do respeito mútuo. É muito importante falar durante essa construção da intimidade perfeita. O oposto seria uma frustração silenciosa e mentirosa.

Então vem o casamento. Tentamos manter o mesmo comportamento e conseguimos – no meu caso durou até eu engravidar pela primeira vez, o que aconteceu logo. E de repente nos damos conta de que as coisas mudaram.

• Sexo, agora, só à noite, de preferência um pouco antes de dormir. Como se fosse uma obrigação que ambos aceitam, sem questionarem se o outro está com vontade. Se falta sexo, as suspeitas aparecem, portanto é melhor manter o ritual.

• Se não foi bom, não diga nada, porque amanhã pode ser melhor. Afinal, estamos casados, temos a vida inteira pela frente.

• Não há mais nada para ser descoberto e tentamos tirar o máximo prazer das mesmas coisas. O que equivale a comer chocolate todos os dias, sem variar a marca e o sabor: não é nenhum sacrifício, mas será que não existe nada além disso?

Claro que existe: brinquedinhos que podem ser comprados em sex shops, clubes de swing, chamar uma terceira pessoa para participar, arriscar-se em festas ousadas na casa de amigos menos convencionais.

Para mim, tudo isso é muito arriscado. Não sabemos quais serão as consequências, é melhor deixar como está.

E assim passam-se os dias. Ao conversar com amigos, descobrimos que essa história de orgasmo simultâneo – de ficar excitados juntos, ao mesmo tempo, acariciando as mesmas partes e gemendo em uníssono – é um mito. Como posso ter prazer se tenho que ficar prestando atenção no que estou fazendo? O mais natural seria: toque meu corpo, me deixe louca e depois farei o mesmo com você.

Mas na maioria das vezes não é assim. A comunhão tem que ser "perfeita". Ou seja, inexistente.

E cuidado com os gemidos, para não acordar as crianças.

Ah, que bom que terminou, estava cansadíssimo(a) e não sei como consegui. Só você mesmo(a)! Boa noite.

Até que chega o dia em que os dois se dão conta de que é preciso quebrar a rotina. Mas, em vez de ir aos clubes de swing, às sex shops cheias de aparelhos que não sabemos direito como funcionam, ou à casa de amigos loucos que não param de descobrir coisas novas, decidimos... passar um tempo sem as crianças.

Planejar uma viagem romântica. Sem surpresa alguma. Na qual tudo será absolutamente previsto e organizado.

E achamos que essa é uma ótima ideia.

Criei uma conta de e-mail falsa. Tenho a droga, devidamente experimentada (ao que se seguiu um juramento de *nunca mais* fazer isso, porque a sensação é ótima).

Sei como entrar na universidade sem ser vista e plantar a prova na mesa de Marianne. Falta descobrir que gaveta ela não abrirá tão cedo, o que talvez seja a parte mais arriscada do plano. Mas foi isso que o traficante sugeriu e preciso ouvir a voz da experiência.

Não posso pedir ajuda a nenhum aluno, preciso fazer tudo sozinha. Não tenho mais nada a fazer além de alimentar o "sonho romântico" do meu marido e encher o telefone de Jacob com minhas mensagens de amor e de esperança.

A conversa com o traficante me deu uma ideia, que logo pus em prática: mandar mensagens de texto todos os dias, com frases de amor e de incentivo. Isso pode funcionar de duas maneiras. A primeira é ele se dar conta de que tem meu apoio e de que não fiquei nem um pouco chateada com o encontro no Clube de Golfe. A segunda, se a primeira não funcionar, é que Madame König um dia se dê ao trabalho de vasculhar o celular do marido.

Acesso a internet, copio algo que me parece inteligente e aperto o botão de "enviar".

Desde as eleições, não aconteceu mais nada de importante em Genebra. Jacob não é mais citado na imprensa e não tenho ideia do que está se passando com ele. Apenas uma coisa tem mobilizado a opinião pública nestes dias: se a cidade deve ou não cancelar a festa de réveillon.

Segundo alguns deputados, os gastos são exorbitantes. Fiquei responsável por apurar o que exatamente significa "exorbitantes". Fui até a prefeitura e descobri o montante exato: 115 mil francos suíços, o que duas pessoas – eu e a colega que trabalha ao meu lado, por exemplo – pagamos de impostos.

Ou seja, com o dinheiro do imposto de dois cidadãos, que ganham um salário razoável, porém não extraordinário, eles poderiam deixar milhares de pessoas felizes. Mas não. É preciso economizar, porque ninguém sabe o que o futuro nos reserva. Enquanto isso os cofres da cidade se enchem. Pode faltar sal no inverno para despejar nas ruas e evitar que a neve se transforme em gelo e provoque acidentes, as calçadas estão sempre precisando de reparos, por toda parte se veem obras que absolutamente ninguém sabe para que servem.

A alegria pode esperar. O importante é manter as aparências. E entenda-se por isso: não deixar ninguém perceber que somos riquíssimos.

Preciso acordar cedo amanhã para trabalhar. O fato de Jacob ter ignorado minhas mensagens acabou me aproximando de meu marido. Ainda assim, existe uma vingança que pretendo executar.

É verdade que já quase não tenho vontade de levá-la a cabo, mas detesto largar meus projetos no meio. Viver é tomar decisões e aguentar as consequências. Há muito tempo não faço isso, e talvez essa seja uma das razões para eu estar aqui de novo, de madrugada, olhando o teto.

Essa história de ficar mandando mensagens para um homem que me rejeita é perda de tempo e dinheiro. Não estou mais interessada em sua felicidade. Na verdade quero que seja bem infeliz, porque lhe ofereci o melhor de mim e ele me sugeriu que fizesse terapia de casal.

E para isso preciso colocar aquela bruxa na cadeia, mesmo que minha alma arda no purgatório por muitos séculos.

Preciso? De onde tirei essa ideia? Estou cansada, muito cansada, e não consigo dormir.

“Mulheres casadas sofrem mais de depressão do que as solteiras”, dizia um artigo publicado hoje no jornal.

Não li. Mas este ano está sendo muito, muito estranho.

Minha vida está indo superbem, tudo anda como planejei quando era adolescente, estou feliz... mas de repente alguma coisa acontece.

É como se um vírus tivesse infectado o computador. Então a destruição começa, lenta, porém implacável. Tudo anda mais devagar. Alguns programas importantes requerem muita memória para serem abertos. Certas arquivos – fotos, textos – desaparecem sem deixar rastro.

Procuramos a razão e não encontramos nada. Perguntamos a amigos que entendem mais do assunto, mas eles tampouco conseguem detectar o problema. Mas o computador vai ficando vazio, lento, e já não é mais seu. Quem o possui agora é o vírus indetectável. Claro, sempre podemos trocar a máquina, mas e as coisas guardadas ali, que levaram tantos anos para serem postas em ordem? Perdidas para sempre?

Não é justo.

Não tenho o menor controle sobre o que está acontecendo. A paixão absurda por um homem que, a esta altura, deve achar que o estou assediando. O casamento com um homem que parece próximo, mas que nunca me mostra suas fraquezas e vulnerabilidades. A vontade de destruir alguém que só vi uma vez, sob o pretexto de que isso exterminará meus fantasmas interiores.

Muita gente diz: o tempo cura tudo. Mas não é verdade.

Pelo visto, o tempo cura apenas aquelas coisas boas que gostaríamos de guardar para sempre. Ele nos diz: “Não se deixe iludir, a realidade é esta.” Por isso as coisas que leio para me levantar o moral não ficam comigo por muito tempo. Existe um buraco em minha alma que drena toda energia positiva, deixando apenas o vazio. Conheço o buraco – tenho convivido com ele há meses –, mas não sei como escapar da armadilha.

Jacob acha que preciso de terapia de casal. Meu chefe me considera uma excelente jornalista. Meus filhos notam a mudança em meu comportamento, mas não perguntam nada. Meu marido só compreendeu o que eu estava sentindo quando fomos a um restaurante e tentei abrir minha alma para ele.

Pego o iPad na cabeceira da cama. Multiplico 365 por 70. O resultado é 25.350. É a média de dias que uma pessoa normal vive. Quantos já desperdicei?

As pessoas a minha volta vivem se queixando de tudo. “Trabalho oito horas por dia e, se for promovido, passarei a trabalhar 12.” “Desde que me casei não tenho mais tempo para mim mesmo.” “Procurei Deus e sou obrigado a ir a cultos, missas e cerimônias religiosas.”

Tudo aquilo que buscamos com muito entusiasmo assim que atingimos a idade adulta – amor, trabalho, fé – acaba se transformando em um fardo pesado demais.

Só existe uma maneira de escapar disso: pelo amor. Amar é transformar a escravidão em liberdade.

Mas, no momento, não consigo amar. Apenas sinto ódio.

E, por mais absurdo que pareça, isso dá algum sentido aos meus dias.

Chego ao lugar onde Marianne dá suas aulas de filosofia – um anexo que, para minha surpresa, fica em um dos campus do Hospital Universitário de Genebra. Então começo a me perguntar: será que este famoso curso que consta em seu currículo não passa de algo extracurricular sem a menor validade acadêmica?

Estacionei o carro em um supermercado e andei cerca de um quilômetro até chegar aqui, um amontoado de edifícios baixos no meio de um belo campo verde, com um pequeno lago no meio, e setas indicando direções. Ali estão as instalações de instituições que, embora pareçam desconectadas, se pensarmos bem, são complementares: a ala hospitalar para idosos e um asilo de lunáticos. O manicômio está em um lindo prédio do início do século XX, e ali vão se formar psiquiatras, enfermeiras, psicólogos e psicoterapeutas vindos de toda a Europa.

Passo por uma coisa estranha, parecida com as balizas que encontramos no final de uma pista de aterrissagem em aeroportos. Para saber sua utilidade tenho que ler a placa ao seu lado. Trata-se de uma escultura chamada *Passagem 2000*, uma "música visual" formada de dez barreiras de passagem de nível equipadas com luzes vermelhas. Pergunto-me se a pessoa que fez aquilo era um dos internos, mas continuo a ler e descubro que a obra é de uma escultora famosa.

Respeitemos a arte, portanto. Mas não me venham com essa história de que todo mundo é normal.

É hora do almoço – meu único momento livre durante o dia. As coisas mais interessantes da minha vida sempre acontecem na hora do almoço – encontros com amigas, políticos, "fontes" e traficantes.

As salas de aula devem estar vazias. Não posso me dirigir ao restaurante comunitário, onde Marianne – ou Madame König – deve estar jogando seus cabelos louros para o lado de forma bem displicente, enquanto os garotos que estudam ali ficam imaginando o que fazer para seduzir aquela mulher tão interessante, e as meninas a olham como modelo de elegância, inteligência e bom comportamento.

Vou até a recepção e pergunto onde é a sala de Madame König. Sou informada de que é a hora do almoço (não é possível que eu não saiba). Digo que não quero interrompê-la em seu momento de descanso, por isso a esperarei na porta da sala.

Estou vestida como uma pessoa absolutamente normal, daquelas que se olha uma vez e se esquece no instante seguinte. A única coisa suspeita é que uso óculos escuros em um dia nublado. Deixo a recepcionista perceber alguns curativos por baixo da lente. Ela por certo concluirá que acabo de fazer uma plástica.

Caminho em direção ao lugar onde Marianne dá aulas, surpresa com meu autocontrole. Imaginei que estaria com medo, que poderia desistir no meio do caminho, mas não. Aqui estou e me sinto bem à vontade. Se algum dia tivesse que escrever sobre mim mesma, faria como Mary Shelley e seu Victor Frankenstein: queria apenas sair da rotina, buscar uma razão melhor para minha vida desinteressante e sem desafios. O resultado foi um monstro capaz de comprometer inocentes e salvar culpados.

Todo mundo tem um lado obscuro. Todos têm vontade de experimentar o poder absoluto. Leio histórias de tortura e de guerra e vejo que aqueles que

infligem sofrimento, no momento em que podem exercer o poder, são movidos por um monstro desconhecido, mas, quando voltam para casa, se transformam em dóceis pais de família, servidores da pátria e excelentes maridos.

Lembro-me de uma vez, ainda jovem, em que um namorado me pediu que tomasse conta do seu poodle. Eu detestava aquele cachorro. Tinha que dividir com ele a atenção do homem que eu amava. Eu queria *todo* o seu amor.

Nesse dia resolvi me vingar daquele animal irracional, que em nada colaborava para o crescimento da humanidade, mas cuja passividade despertava amor e carinho. Comecei a agredi-lo de uma maneira que não deixasse marca: espetando-o com um alfinete cravado na ponta de um cabo de vassoura. O cachorro gemia, latia, mas não parei até me cansar.

Quando meu namorado chegou, me abraçou e beijou como sempre. Agradeceu por ter cuidado de seu poodle. Fizemos amor e a vida continuou como era antes. Cachorros não falam.

Penso nisso enquanto sigo para a sala de Marianne. Como sou capaz disso? Porque todo mundo é. Já vi homens perdidamente apaixonados por suas esposas perderem a cabeça e espancá-las, para logo em seguida pedirem desculpas, aos prantos.

Somos animais incompreensíveis.

Mas por que fazer isso com Marianne, se tudo o que ela fez foi me dar uma esnobada em uma festa? Por que elaborar um plano, arriscar-me ao ir comprar a droga e ao tentar plantá-la em sua mesa?

Porque ela conseguiu o que eu não consegui: a atenção e o amor de Jacob.

Essa resposta basta? Se fosse assim, neste momento 99,9 por cento das pessoas estariam conspirando para destruírem umas às outras.

Porque cansei de me lamentar. Porque essas noites insones me enlouqueceram. Porque me sinto bem em minha loucura. Porque não serei descoberta. Porque quero parar de pensar nisso de maneira obsessiva. Porque estou seriamente doente. Porque não sou a única. Se *Frankenstein* jamais saiu de circulação, é porque todo mundo se reconhece no cientista e no monstro.

Paro. “Estou seriamente doente.” É uma possibilidade real. Talvez eu deva sair daqui agora mesmo e procurar um médico. Farei isso, mas antes preciso terminar a tarefa a que me propus, mesmo que depois o médico avise a polícia – protegendo-me por causa do sigilo profissional, mas ao mesmo tempo evitando uma injustiça.

Chego à porta da sala. Reflito sobre todos os “porquês” que listei no caminho. Mesmo assim, entro sem hesitar.

E deparo com uma mesa barata, sem nenhuma gaveta. Apenas um tampo de madeira sobre pés torneados. Algo que sirva para apoiar alguns livros, a bolsa e nada mais.

Eu devia ter imaginado isto. Sinto frustração e alívio ao mesmo tempo.

Os corredores, antes silenciosos, começam a dar sinal de vida outra vez: as pessoas estão voltando para as aulas. Saio sem olhar para trás, para a direção de onde eles vêm. Há uma porta no fim do corredor. Abro e saio em frente ao hospital de idosos, no alto de uma pequena elevação, as paredes maciças e –

tenho certeza – a calefação funcionando perfeitamente. Vou até lá e, na recepção, pergunto por alguém que não existe. Sou informada de que a pessoa deve estar em outro lugar, Genebra deve ser a cidade com mais asilos por metro quadrado. A enfermeira se oferece para fazer uma pesquisa. Digo que não precisa, mas ela insiste:

– Não me custa nada.

Para evitar mais suspeitas, concordo que faça uma busca. Enquanto ela se mostra ocupada com seu computador, pego um livro sobre o balcão e começo a folhear.

– Histórias para crianças – diz a enfermeira, sem desgrudar os olhos da tela. – Os internos adoram.

Faz sentido. Abro uma página ao acaso:

Um camundongo vivia deprimido com medo do gato. Um grande mago teve pena dele e o transformou em gato. Então ele passou a ter medo do cachorro e o mago transformou-o em cachorro.

Aí ele começou a temer o tigre. O mago, muito paciente, usou seus poderes para transformá-lo em tigre. Ele, então, passou a temer o caçador. O mago, por fim, desistiu e o transformou de novo em rato, dizendo:

– Nada do que eu fizer irá ajudá-lo, porque você jamais entendeu seu crescimento. É melhor voltar a ser quem sempre foi.

A enfermeira não consegue encontrar o paciente imaginário. Pede desculpas. Eu agradeço e me preparo para sair, mas, pelo visto, ela está feliz por ter alguém com quem conversar.

– A senhora acha que fazer plástica ajuda?

Fazer plástica? Ah, sim. Lembro-me dos pequenos esparadrapos embaixo de meus óculos escuros.

– A maioria dos pacientes aqui já fez plástica. Se eu fosse a senhora, evitaria isso. Provoca um desequilíbrio entre o corpo e a mente. – Não pedi sua opinião, mas ela parece imbuída de um dever humanitário, e continua: – A velhice é mais traumatizante para aqueles que acham que podem controlar o passar dos anos.

Pergunto qual é a sua nacionalidade: húngara. Claro. Os suíços jamais dariam opinião sem que fossem solicitados.

Agradeço o esforço e saio, tirando os óculos e os esparadrapos. O disfarce funcionou, mas o plano, não. O campus voltou a ficar vazio. Agora todos estão ocupados em aprender como se pensa, como se cuida, como se faz os outros pensarem.

Dou uma longa volta e retorno ao lugar onde estacionei meu carro. De longe posso ver o hospital psiquiátrico. Será que eu devia estar ali dentro?

Somos todos assim?, pergunto ao meu marido depois que as crianças já pegaram no sono e estamos nos preparando para dormir.

– Assim como?

Assim como eu, que ora me sinto ótima, ora péssima.

– Acho que sim. Vivemos exercendo o autocontrole para que o monstro não saia de seu esconderijo.

É verdade.

– Não somos aquilo que desejamos ser. Somos o que a sociedade exige. Somos o que nossos pais escolheram. Não queremos decepcionar ninguém, temos uma necessidade imensa de ser amados. Por isso sufocamos o melhor de nós. Aos poucos, o que era a luz de nossos sonhos se transforma no monstro de nossos pesadelos. São as coisas não realizadas, as possibilidades não vividas.

Pelo que sei, a psiquiatria chamava isso de psicose maníaco-depressiva, mas agora, para ser mais politicamente correta, passou a chamar de transtorno bipolar. De onde foi que tiraram esse nome? O polo norte e o polo sul por acaso têm alguma coisa de diferente? Deve ser uma minoria...

– Claro que é uma minoria que expressa essas dualidades. Mas aposto que quase todas as pessoas têm esse monstro dentro de si.

De um lado, a vilã que vai até uma faculdade para tentar incriminar um inocente, sem saber explicar direito o motivo de tanto ódio. De outro, a mãe que cuida da família com amor e trabalha duro para que nada falte aos seus entes queridos, também sem entender de onde tira forças para manter esse sentimento intacto.

– Lembra-se de Jekyll e Hyde?

Pelo visto, *Frankenstein* não é o único livro que continua a ser editado desde que foi publicado pela primeira vez: *O médico e o monstro*, que Robert Louis Stevenson escreveu em três dias, segue o mesmo caminho. A história se passa em Londres, no século XIX. O médico e pesquisador Henry Jekyll acredita que o bem e o mal coexistam em todas as pessoas. Ele está decidido a provar sua teoria, que é ridicularizada por quase todos que conhece, inclusive o pai de sua noiva, Beatrix. Após trabalhar incansavelmente em seu laboratório, consegue elaborar uma fórmula. Sem querer pôr em risco a vida de ninguém, ele usa a si mesmo como cobaia.

Como resultado, seu lado demoníaco – que ele chama de Mr. Hyde – é revelado. Jekyll acredita poder controlar as idas e vindas de Hyde, mas logo se dá conta de que está redondamente enganado: quando soltamos o nosso lado mau, ele acaba ofuscando por completo o que há de melhor em nós.

Isso vale para todos os indivíduos. É assim com os tiranos, que em geral têm excelentes intenções a princípio, mas que, pouco a pouco, para fazer aquilo que julgam ser o bem, lançam mão do que há de pior na natureza humana: o terror.

Estou confusa e assustada. Isso pode acontecer com qualquer um de nós?

– Não. Só uma minoria não tem uma noção muito clara do que é certo ou errado.

Não sei se essa minoria é tão pequena assim: já passei por algo parecido na escola. Tinha um professor que podia ser a melhor pessoa do mundo, mas que de

repente se transformava e me deixava completamente desorientada. Todos os alunos viviam com medo dele, porque era impossível prever como estaria a cada dia.

Mas quem ousaria reclamar? Afinal de contas, professores sempre têm razão. Além do disso, todos achavam que ele tinha algum problema em casa, que logo se resolveria. Até que um dia seu Mr. Hyde se descontrolou e ele agrediu um de meus colegas. O caso chegou à diretoria e ele foi afastado.

Desde aquela época me tornei receosa com as pessoas que demonstram carinho excessivo.

– Como as *tricoteuses*.

Sim, como aquelas mulheres trabalhadoras, que queriam justiça e pão para os pobres e que lutaram para libertar a França dos excessos cometidos por Luís XVI. Quando foi instalado o reinado do Terror, iam cedo para a praça da guilhotina, guardavam seus lugares na primeira fila e faziam tricô enquanto esperavam os condenados à morte. Possivelmente eram mães de família que durante o resto do dia cuidavam dos filhos e do marido.

Tricotando para passar o tempo entre uma cabeça decepada e outra.

– Você é mais forte que eu. Sempre invejei isso. Talvez seja o motivo de eu nunca ter demonstrado tanto meus sentimentos: não parecer que sou fraco.

Ele não sabe o que está dizendo. Mas a conversa já terminou. Ele se vira para o lado e dorme.

E eu fico sozinha com minha "força", olhando para o teto.

Em uma semana faço aquilo que prometi a mim mesma que jamais faria: visitar psiquiatras.

Consegui três consultas com médicos diferentes. A agenda deles estava lotada – sinal de que há mais gente desequilibrada em Genebra do que imaginamos. Comecei dizendo que era urgente e as secretárias argumentaram que tudo é urgente, agradeceram meu interesse, lamentavam muito, mas não poderiam desmarcar outros pacientes.

Recorri ao trunfo que não falha nunca: dizer onde trabalho. A palavra mágica "jornalista", seguida do nome de um importante jornal, é capaz tanto de abrir portas quanto de fechá-las. Neste caso eu já sabia que o resultado seria favorável. As consultas foram marcadas.

Não avisei a ninguém – nem a meu marido, nem a meu chefe. Visitei o primeiro – um homem meio estranho, com sotaque britânico, que foi logo avisando que não aceitava seguro social. Desconfiei de que trabalhasse ilegalmente na Suíça.

Expliquei, com toda a paciência do mundo, o que estava acontecendo comigo. Usei os exemplos de Frankenstein e seu monstro, de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Implorei que me ajudasse a controlar o monstro que estava surgindo e ameaçava fugir ao meu controle. Ele me perguntou o que isso queria dizer. Eu não entraria em detalhes que pudessem me comprometer, como a tentativa de fazer com que certa mulher fosse presa injustamente por tráfico.

Resolvi contar uma mentira: expliquei que estava tendo ideias assassinas, pensando em matar meu marido enquanto ele dormia. Ele perguntou se um de nós dois tinha um amante e falei que não. Ele entendeu perfeitamente e achou aquilo normal. Um ano de tratamento, com três sessões por semana, iria diminuir em 50% esse instinto. Fiquei chocada! E se eu matar meu marido antes disso? Ele respondeu que o que estava acontecendo era uma "transferência", uma "fantasia", e que verdadeiros assassinos nunca procuram ajuda.

Antes de eu sair, ele me cobrou 250 francos suíços e pediu à secretária que marcasse consultas regulares a partir da próxima semana. Agradeci, disse que precisava consultar minha agenda e fechei a porta para nunca mais voltar.

A segunda consulta foi com uma mulher. Aceitava o seguro social e estava mais aberta a ouvir o que eu tinha a contar. Repeti a história sobre querer matar meu marido.

– Bem, às vezes também penso em matar o meu – disse-me ela, com um sorriso no rosto. – Mas nós duas sabemos que, se todas as mulheres realizassem seus desejos secretos, quase todas as crianças seriam órfãs de pai. Isso é um impulso normal.

Normal?

Depois de algum tempo de conversa, durante a qual me explicou que eu estava sendo "intimidada" pelo casamento, que sem dúvida "não tinha espaço para crescer" e minha sexualidade "provocava distúrbios hormonais amplamente conhecidos na literatura médica", ela pegou o receituário e escreveu o nome de um antidepressivo conhecido. Acrescentou que, até o medicamento fazer efeito, eu ainda enfrentaria um mês de inferno, mas em breve tudo isso não passaria de uma lembrança desagradável.

Desde que continuasse tomando os comprimidos, claro. Por quanto tempo?

– Varia muito. Mas acredito que em três anos já poderá diminuir a dose.

O grande problema com o uso do seguro social é que a conta é enviada para a casa do paciente. Paguei em dinheiro, fechei a porta e, mais uma vez, jurei jamais voltar àquele lugar.

Enfim fui à terceira consulta, de novo um homem em um consultório cuja decoração devia ter custado uma fortuna. Ao contrário dos dois primeiros, me escutou com atenção e pareceu me dar razão. Eu de fato corria o risco de matar meu marido. Era uma assassina em potencial. Estava perdendo o controle de um monstro que depois não conseguiria colocar de volta dentro da jaula.

Finalmente, com todo o cuidado do mundo, perguntou se eu usava drogas.

Só uma vez, respondi.

Ele não acreditou. Mudou de assunto. Falamos um pouco sobre os conflitos que todos somos obrigados a enfrentar no dia a dia, e então ele voltou à questão das drogas.

– Você precisa confiar em mim. Ninguém usa drogas apenas uma vez. Saiba que estamos protegidos pelo sigilo profissional. Perderei minha licença médica se comentar qualquer coisa sobre isso. É melhor falarmos abertamente, antes de você marcar a próxima consulta. Não é só você que tem de me aceitar como médico. Eu também preciso aceitá-la como paciente. É assim que funciona.

Não, insisti. Eu não uso drogas. Conheço as leis e não vim aqui para mentir. Quero apenas resolver este problema depressa, antes de causar algum mal a pessoas que amo ou que estão perto de mim.

Seu rosto compenetrado era barbado e bonito. Ele assentiu antes de responder:

– Você passou anos acumulando essas tensões e agora quer se livrar delas da noite para o dia. Isto não existe em psiquiatria ou em psicanálise. Não somos xamãs que, com um passe de mágica, expulsam o espírito maligno.

É claro que ele estava sendo irônico, mas tinha acabado de me dar uma excelente ideia. Meus dias de procurar ajuda psiquiátrica tinham acabado.

Post Tenebras Lux. Depois das trevas, a luz.

Estou diante da antiga muralha da cidade, um monumento de 100 metros de largura, com as estátuas imponentes de quatro homens, flanqueadas por outras estátuas menores. Um deles se destaca dos outros. Tem a cabeça coberta, uma barba longa e traz nas mãos aquilo que, em sua época, era mais poderoso que uma metralhadora: a Bíblia.

Enquanto aguardo, penso: se esse homem aí do meio tivesse nascido hoje, todos – sobretudo os franceses e os católicos do mundo inteiro – o chamariam de terrorista. Suas táticas para implementar o que imaginava ser a verdade suprema me faz associá-lo à mente pervertida de Osama bin Laden. Ambos tinham o mesmo objetivo: instalar um Estado teocrático no qual todos que descumprissem aquilo que se entendia ser a lei de Deus deveriam ser punidos.

E nenhum dos dois hesitou antes de lançar mão do terror para conseguir seus objetivos.

João Calvino é seu nome e Genebra foi seu campo de operações. Centenas de pessoas seriam sentenciadas à morte e executadas perto daqui. Não apenas os católicos que ousavam manter sua fé, mas também cientistas que, em busca da verdade e da cura de doenças, desafiavam a interpretação literal da Bíblia. O caso mais famoso é de Miguel Servet, que descobriu a circulação pulmonar e morreu na fogueira por causa disso.

Não é errado punir hereges e blasfemadores. Assim não nos transformamos em cúmplices de seus crimes (...). Não se trata aqui da autoridade do homem, é Deus que fala (...). Portanto, se Ele exigir de nós algo de tão extrema gravidade, para que mostremos que lhe pagamos a honra devida, estabelecendo o seu serviço acima de toda consideração humana, que não poupamos parentes, nem de qualquer sangue, e esquecemos toda a humanidade, quando o assunto é o combate pela Sua glória.

A destruição e a morte não se limitaram a Genebra: apóstolos de Calvino, possivelmente representados pelas estátuas menores deste monumento, espalharam sua palavra e sua intolerância por toda a Europa. Em 1566 várias igrejas foram destruídas na Holanda e "rebeldes" – ou seja, pessoas de fé diferente – foram assassinados. Uma imensa quantidade de obras de arte foi parar na fogueira, sob o pretexto de "idolatria". Parte do patrimônio histórico e cultural do mundo foi destruída e perdida para sempre.

E hoje em dia meus filhos estudam Calvino no colégio como se fosse o grande iluminista, o homem com ideias novas que nos "libertou" do jugo católico. Um revolucionário que merece ser reverenciado pelas gerações seguintes.

Depois das trevas, a luz.

O que se passava na cabeça desse homem?, pergunto-me. Será que teve noites de insônia por saber que famílias estavam sendo dizimadas, filhos eram separados dos pais e que sangue inundava o calçamento? Ou estaria tão convencido de sua missão que não havia espaço para dúvidas?

Achava que tudo o que fazia podia ser justificado em nome do amor? Porque essa também é minha dúvida, o cerne de meus problemas atuais.

Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Depoimentos de pessoas que o conheceram diziam que,

na intimidade, Calvino era um homem bom, capaz de seguir as palavras de Jesus e ter surpreendentes gestos de humildade. Era temido, mas também amado – e podia inflamar multidões com esse amor.

Como a história é escrita pelos vitoriosos, ninguém se lembra mais de suas atrocidades. Hoje em dia é visto como o médico de almas, o grande reformador, aquele que nos salvou da heresia católica, com seus anjos, santos, virgens, ouro, prata, indulgências e corrupção.

O homem que estou esperando chega e interrompe minhas reflexões. É um xamã cubano. Explico-lhe que convenci meu editor de que precisamos fazer uma matéria sobre maneiras alternativas de combater o estresse. O mundo dos negócios está cheio de gente que uma hora se comporta com extrema generosidade e logo em seguida desconta sua raiva nos mais fracos. As pessoas estão cada vez mais imprevisíveis.

Os psiquiatras e psicanalistas estão com a agenda lotada e já não conseguem atender a todos os pacientes. E ninguém pode esperar meses ou anos para tratar a depressão.

O cubano escuta sem dizer nada. Pergunto se podemos continuar nossa conversa em um café, já que estamos ao ar livre e a temperatura caiu muito.

– É a nuvem – diz ele, aceitando meu convite.

A famosa nuvem fica nos céus da cidade até fevereiro ou março e só é afastada de vez em quando pelo Mistral, que limpa o céu, mas faz a temperatura cair ainda mais.

– Como chegou a mim?

Um segurança do jornal falou de você. O chefe da redação queria que eu entrevistasse psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas, mas isso já foi feito centenas de vezes.

Preciso de algo original e ele pode ser a pessoa certa.

– Não pode publicar meu nome. O que faço não é coberto pelo seguro social.

Imagino que na verdade está querendo dizer: “O que faço é ilegal.”

Falo por quase vinte minutos, tentando deixá-lo à vontade, mas o cubano fica o tempo todo me estudando. Tem a pele morena, os cabelos grisalhos, é baixo e usa terno e gravata. Nunca imaginei um xamã vestido assim.

Explico que tudo o que me disser será mantido em segredo. Só estamos interessados em saber se muita gente procura seus serviços. Pelo que ouvi dizer, ele tem a capacidade de curar.

– Não é verdade. Não sou capaz de curar. Só Deus pode fazer isso.

Está bem, estamos de acordo. Mas todos os dias encontramos alguém que, de uma hora para outra, apresenta um comportamento estranho. E ficamos imaginando: o que aconteceu com aquela pessoa que sempre achei que conhecia tão bem? Por que está agindo de forma tão agressiva? Será o estresse do trabalho?

E no dia seguinte a pessoa está normal de novo. Você fica aliviado, para logo depois sentir o tapete sendo puxado debaixo dos pés quando menos imagina. E dessa vez, no lugar de perguntar o que há de errado com a pessoa, você se pergunta o que fez de errado.

O cubano não diz nada. Ainda não confia em mim.

Isso tem cura?

– Cura há, mas ela pertence a Deus.

Sim, sei disso, mas como é que Deus cura?

– Varia muito. Olhe nos meus olhos.

Obedeço e parece que estou entrando em uma espécie de transe sem que possa controlar aonde vou.

– Em nome das forças que guiam meu trabalho, pelo poder a mim conferido, peço aos espíritos que me protegem que destruam sua vida e a de seus familiares se resolver me entregar à polícia ou me denunciar ao serviço de imigração.

Faz alguns passes com a mão em volta da minha cabeça. Aquilo me parece a coisa mais surreal do mundo e tenho vontade de me levantar e ir embora. Mas, quando me dou conta, ele já voltou ao normal – nem muito simpático, nem distante.

– Pode perguntar. Agora confio em você.

Estou um pouco assustada. Mas não é mesmo minha intenção prejudicar este homem. Peço mais uma xícara de chá e explico exatamente o que desejo: os médicos que "entrevistei" dizem que a cura demora muito. O segurança do jornal comentou que – peso bem as palavras – Deus foi capaz de usar o cubano como canal para acabar com um problema grave de depressão.

– Somos nós que criamos a confusão em nossa cabeça. Ela não vem de fora. Basta pedir o auxílio de um espírito protetor, que entra na sua alma e ajuda a arrumar a casa. Entretanto, ninguém mais acredita em espíritos protetores. Eles ficam nos observando, loucos para ajudar, mas ninguém os invoca. Meu trabalho é trazê-los para perto de quem está precisando e esperar até que façam seu trabalho. Só isso.

Digamos, hipoteticamente, que num de seus momentos de agressividade a pessoa conceba um plano maquiavélico para destruir outra. Como difamá-la no trabalho, por exemplo.

– Acontece todos os dias.

Eu sei, mas quando essa agressividade passar, quando a pessoa voltar ao normal, não irá ser consumida pela culpa?

– Claro. E isso, com o passar dos anos, só piora sua condição.

Então o moto de Calvino está errado: depois das trevas, a luz.

– O quê?

Nada. Estava divagando sobre o monumento no parque.

– Sim, há luz no fim do túnel, se é isso que quer dizer. Mas às vezes, quando a pessoa atravessou a escuridão e chegou ao outro lado, deixou atrás de si um enorme rastro de destruição.

Perfeito, voltemos ao assunto: seu método.

– Não é meu método. Vem sendo usado ao longo dos anos para estresse, depressão, irritabilidade, tentativas de suicídio e as muitas outras maneiras que o

homem encontrou para fazer mal a si mesmo.
Meu Deus, estou diante da pessoa certa. Preciso manter o sangue-frio.
Podemos chamar de...
– ... transe autoinduzido. Auto-hipnose. Meditação. Cada cultura tem um nome para isso. Mas lembre-se de que a Sociedade de Medicina da Suíça não vê essas coisas com bons olhos.
Explico que faço ioga e mesmo assim não consigo chegar a esse estado em que os problemas são organizados e resolvidos.
– Estamos falando de você ou de uma reportagem para o jornal?
De ambos. Abro a guarda porque sei que não tenho segredos para aquele homem. Tive certeza disso no momento em que ele me pediu que olhasse em seus olhos. Explico que sua preocupação com o anonimato é absolutamente ridícula – muita gente sabe que atende em sua casa, em Vervyer. E muitas pessoas, entre elas policiais encarregados de segurança de prisões, recorrem aos seus serviços. Foi isso que me explicou o sujeito lá no jornal.
– Seu problema é com a noite – diz ele.
Sim, meu problema é esse. Por quê?
– A noite, simplesmente por ser noite, é capaz de reviver em nós os pavores da infância, o medo da solidão, o terror do desconhecido. Entretanto, se conseguimos vencer esses fantasmas, venceremos com facilidade os que aparecem durante o dia. Se não temos medo das trevas, é porque somos parceiros da luz.
Sinto-me diante de um professor primário, me explicando o óbvio. Será que posso ir até sua casa para que faça...
– ... um ritual de exorcismo?
Não tinha pensado nesse nome, mas é exatamente disso que preciso.
– Não há necessidade. Vejo em você muitas trevas, mas também muita luz. E, neste caso, tenho certeza de que, no fim, a luz vencerá.
Estou quase chorando, porque o homem está de fato entrando em minha alma, sem que eu possa explicar exatamente como.
– Procure se deixar levar pela noite de vez em quando, olhar as estrelas e tentar se embriagar com a sensação de infinito. A noite, com todos os seus sortilégios, também é um caminho para a iluminação. Assim como o poço escuro tem em seu fundo a água que mata a sede, a noite, cujo mistério nos aproxima de Deus, traz escondida em suas sombras a chama capaz de acender nossa alma.
Conversamos durante quase duas horas. Ele insiste que não preciso de nada além de me deixar levar – e mesmo os meus maiores receios são infundados. Explico meu desejo de vingança. Ele escuta sem tecer nenhum comentário nem julgar palavra alguma. À medida que falo, vou me sentindo melhor.
Ele sugere que saiamos dali e caminhemos pelo parque. Em um de seus portões existem vários quadrados brancos e pretos pintados no chão, e imensas peças de xadrez de plástico. Algumas pessoas estão jogando, apesar do frio.
Ele já não diz praticamente nada – sou eu quem continua falando sem parar, às vezes agradecendo, outras maldizendo a vida que levo. Paramos em frente a um dos gigantescos tabuleiros de xadrez. Ele parece mais atento ao jogo do que a

minhas palavras. Paro com as lamentações e também começo a acompanhar o jogo, embora aquilo não me interesse nem um pouco.

– Vá até o fim – diz ele.

Vá até o fim? Traio meu marido, ponho a cocaína na bolsa da minha rival e chamo a polícia?

Ele ri.

– Está vendo esses jogadores? Eles sempre têm que fazer o próximo movimento. Não podem parar no meio, porque isso significa aceitar a derrota. Chega um momento em que ela é inevitável, mas ao menos lutaram até o fim. Nós já temos tudo de que precisamos. Não há nada a melhorar. Achar que somos bons ou maus, justos ou injustos, tudo isso é bobagem. Sabemos que hoje Genebra está coberta com uma nuvem que talvez demore meses para ir embora, mas, cedo ou tarde, partirá. Portanto, siga em frente e deixe-se levar.

Nenhuma palavra para me impedir de fazer o que não devo?

– Nenhuma. Ao fazer o que não deve, você mesma se dará conta disso. Como falei no restaurante, a luz em sua alma é maior que as trevas. Mas para isso você tem que ir até o fim do jogo.

Acho que nunca, em toda a minha vida, ouvi um conselho tão disparatado. Agradeço pelo tempo que me concedeu, pergunto se lhe devo alguma coisa, e ele diz que não.

Na volta para o jornal o redator pergunta por que demorei tanto. Explico que, por se tratar de um tema não muito ortodoxo, custei a conseguir a explicação de que precisava.

– E já que não é tão ortodoxo assim, será que estamos estimulando uma prática ilícita?

Será que estamos estimulando uma prática ilícita quando bombardeamos os jovens com incentivos ao consumo exagerado? Será que estamos estimulando acidentes quando falamos de novos carros que podem chegar a 250 quilômetros por hora? Estamos estimulando a depressão e as tendências suicidas quando publicamos matérias sobre pessoas bem-sucedidas, sem explicar direito como chegaram ali e fazendo com que todos os outros se convençam de que não valem nada?

O redator-chefe não quer discutir muito. Talvez seja mesmo interessante para o jornal, cuja matéria principal do dia foi “Cadeia da Felicidade consegue levantar 8 milhões de francos para país asiático”.

Escrevo uma matéria de seiscentas palavras – espaço máximo que me foi dado –, toda tirada de pesquisas na internet, porque não consegui aproveitar nada da conversa com o xamã, que se transformou em consulta.

Jacob!

Acaba de ressuscitar e enviar uma mensagem me convidando para um café – como se não houvesse tantas outras coisas interessantes na vida para se fazer. Onde está o sofisticado provador de vinhos? Onde está o homem que agora tem o maior afrodisíaco do mundo, o poder?

Sobretudo, onde está o namorado de adolescência que conheci numa época em que tudo era possível para ambos?

Casou-se, mudou e manda uma mensagem me convidando para um café. Não podia ser mais criativo e propor uma corrida nudista em Chamonix? Talvez eu ficasse mais interessada.

Não tenho a menor intenção de responder. Fui esnobada, humilhada por seu silêncio durante semanas. Ele acha que vou sair correndo só porque me deu a honra de me convidar para fazer alguma coisa?

Depois de deitar, escuto (com fones de ouvido) uma das fitas que gravei com o cubano. Ainda na parte que estava fingindo que era só uma jornalista – e não uma mulher assustada consigo mesma –, eu havia perguntado se o autotranse (ou meditação, a palavra preferida por ele) era capaz de fazer com que alguém esquecesse outra pessoa. Abordei o assunto de modo que ele pudesse entender "amor" ou "trauma por agressão verbal", que era justamente sobre o que estávamos conversando naquele momento.

– Essa é uma área meio pantanosa – respondeu. – Sim, podemos induzir uma amnésia relativa, mas como essa pessoa está associada a outros fatos e eventos, seria praticamente impossível eliminá-la por completo. Além do mais, esquecer é a atitude errada. O correto é enfrentar.

Ouço a fita inteira, tento me distrair, faço promessas, anoto mais coisas na agenda, porém nada dá resultado. Antes de dormir envio uma mensagem para Jacob aceitando o convite.

Não consigo me controlar, esse é o meu problema.

– Não vou dizer que senti sua falta porque você não vai acreditar. Não vou dizer que não respondi às suas mensagens porque tenho medo de me apaixonar de novo.

Eu realmente não acreditaria em nada disso. Mas deixo que continue explicando o inexplicável. Aqui estamos em um café sem nada de especial em Collonges-sous-Salève, uma aldeia na fronteira da França, fica a quinze minutos do meu trabalho. Os outros parcos frequentadores são motoristas de caminhão e operários de uma pedreira localizada aqui perto.

Sou a única mulher, exceto pela encarregada do bar, que anda de um lado para outro, excessivamente maquiada e trocando gracejos com os clientes.

– Estou vivendo um inferno desde que você apareceu na minha vida. Desde aquele dia lá no meu gabinete, quando foi me entrevistar e trocamos intimidades.

"Trocamos intimidades" é força de expressão. Fiz sexo oral nele. Ele não fez nada comigo.

– Não posso dizer que sou infeliz, mas estou cada vez mais solitário, embora ninguém saiba disso. Mesmo quando estou entre amigos, o ambiente e a bebida estão ótimos, a conversa está animada e estou sorrindo, sem nenhum motivo não consigo prestar mais atenção na conversa. Digo que tenho um compromisso importante e vou embora. Sei o que me falta: você.

É hora de me vingar: você não acha que está precisando de uma terapia de casal?

– Acho. Mas teria que ir com Marianne, e não consigo convencê-la. Para ela, a filosofia explica tudo. Notou que estou diferente, mas atribui isso às eleições.

O cubano estava certo ao dizer que devemos levar certas coisas até o fim. Neste momento, Jacob acaba de salvar sua mulher de uma grave acusação por tráfico de drogas.

– Minhas responsabilidades aumentaram demais e ainda não me acostumei com isso. Segundo ela, em pouco tempo já estarei habituado. E você?

E eu o quê? O que exatamente quer saber?

Meus esforços para resistir caíram por terra no momento em que o vi sentado sozinho em uma mesa do canto, um Campari com soda na mesa e um sorriso que se abriu assim que me viu entrar. Somos de novo adolescentes, desta vez com direito de tomar bebida alcoólica sem estar infringindo nenhuma lei. Seguro suas mãos geladas – não sei se de frio ou de medo.

Está tudo bem, respondo. Sugiro que da próxima vez nos encontremos mais cedo – o horário de verão acabou e está anoitecendo rápido. Ele concorda e me dá um beijo discreto nos lábios, preocupado em não chamar a atenção dos homens à nossa volta.

– Uma das piores coisas para mim são os lindos dias de sol neste outono. Abro a cortina do meu gabinete, vejo as pessoas lá fora, algumas caminham de mãos dadas sem precisarem se preocupar com as consequências. E eu não posso demonstrar meu amor.

Amor? Será que o xamã cubano sentiu pena de mim e pediu alguma ajuda de espíritos misteriosos?

Eu esperava tudo deste encontro, menos um homem capaz de abrir sua alma como ele está fazendo. Meu coração bate cada vez mais forte – de alegria, de

surpresa. Não vou perguntar nem a ele nem a mim por que isso está ocorrendo.

– Veja bem, não é inveja da felicidade alheia. Simplesmente não entendo por que as outras pessoas podem ser felizes e eu não.

Ele paga a conta em euros, atravessamos a fronteira a pé e caminhamos na direção dos nossos carros que ficaram estacionados do outro lado da rua – ou seja, na Suíça.

Já não há mais espaço para demonstrações de afeto. Despedimo-nos com os três beijinhos no rosto e seguimos cada um para o seu destino.

Assim como ocorreu no Clube de Golfe, não consigo dirigir quando chego a meu carro. Coloco um capuz para me proteger do frio e começo a andar por aquele vilarejo, sem rumo. Passo por um posto de correios e um cabeleireiro. Vejo um bar aberto, mas prefiro andar para espairecer. Não tenho o menor interesse em entender o que está acontecendo. Quero apenas que aconteça.

"Abro a cortina do meu gabinete, vejo as pessoas lá fora, algumas caminham de mãos dadas sem precisarem se preocupar com as consequências. E eu não posso demonstrar meu amor", dissera ele.

E quando eu sentia que ninguém, absolutamente ninguém, era capaz de entender o que se passava dentro de mim – nem xamãs, nem psicanalistas, nem meu marido –, você apareceu para me explicar...

É solidão, apesar de eu viver cercada por pessoas queridas, que se preocupam comigo e desejam o melhor para mim, mas que talvez tentem me ajudar apenas porque sintam a mesma coisa – solidão – e porque, no gesto de solidariedade, está gravado a ferro e fogo "Eu sou útil, mesmo que esteja sozinho".

Embora o cérebro diga que está tudo bem, a alma está perdida, confusa, sem saber direito por que está sendo injusta com a vida. Mas acordamos de manhã e vamos cuidar dos nossos filhos, do nosso marido, do nosso amante, do nosso chefe, dos nossos funcionários, dos nossos alunos, daquelas dezenas de pessoas que enchem de vida um dia normal.

E temos sempre um sorriso no rosto e uma palavra de encorajamento, porque ninguém pode explicar aos outros a solidão, sobretudo quando se está sempre bem acompanhado. Mas essa solidão existe e vai corroendo o que há de melhor em nós, porque precisamos usar toda a nossa energia para parecermos felizes, embora jamais consigamos enganar a nós mesmos. Porém insistimos em mostrar apenas a rosa que se abre todas as manhãs e em esconder dentro de nós o caule cheio de espinhos que nos fere e nos faz sangrar.

Mesmo sabendo que todo mundo, em algum momento, sentiu-se total e absolutamente só, é humilhante dizer "Estou só, preciso de companhia, necessito matar este monstro que, assim como os dragões dos contos de fada, todos acham que é fantasia, mas não é". Estou esperando um cavaleiro puro e virtuoso que venha com sua glória para derrotá-lo e empurrá-lo definitivamente para o abismo, mas o cavaleiro não aparece.

E mesmo assim não podemos perder a esperança. Começamos a fazer coisas que não costumamos fazer, a ousar além daquilo que é justo e necessário. Os espinhos dentro de nós ficam maiores e mais devastadores e ainda assim não podemos desistir no meio. Como se a vida fosse um imenso jogo de xadrez, todos estão olhando para ver o resultado. Fingimos que não é importante ganhar ou

perder, o importante é competir, torcemos para que nossos verdadeiros sentimentos estejam opacos e escondidos, mas então...

… Em vez de procurar companhia, nos isolamos mais, para poder lamber nossas feridas em silêncio. Ou então vamos a jantares e almoços com gente que nada tem a ver com nossa vida e passam o tempo todo falando de coisas que não têm a menor importância. Até nos distraímos por algum tempo, bebemos e celebramos, mas o dragão continua vivo. Até que as pessoas realmente próximas veem que há alguma coisa errada e começam a se culpar por não conseguirem nos fazer felizes. Perguntam qual é o problema. Respondemos que está tudo bem, mas não está...

Está tudo péssimo. Por favor, me deixem em paz porque já não tenho lágrimas para chorar ou coração para sofrer, tenho apenas insônia, vazio, apatia e vocês estão sentindo a mesma coisa, podem perguntar a si mesmos. Mas elas insistem e dizem que isso é apenas uma fase difícil, ou uma depressão, porque temem usar a verdadeira e maldita palavra: solidão.

Enquanto isso continuamos a buscar incessantemente a única coisa que nos faria felizes: o cavaleiro de armadura resplandecente que mate o dragão, colha a rosa e lhe arranque os espinhos.

Muitos alegam que somos injustos com a vida. Outros ficam contentes, porque acham que merecemos isto mesmo: a solidão, a infelicidade, porque temos tudo, e eles, não.

Mas um dia aqueles que estão cegos começam a ver. Aqueles que estão tristes são consolados. Aqueles que sofrem são salvos. O cavaleiro chega e nos resgata, e a vida se justifica de novo...

Mas ainda assim você precisa mentir e enganar, porque a esta altura as circunstâncias são diferentes. Quem nunca teve vontade de largar tudo e ir em busca do sonho? O sonho é sempre arriscado, existe um preço a pagar, e esse preço é a condenação por apedrejamento em certos países, em outros pode ser o ostracismo social ou a indiferença. Mas sempre existe um preço a pagar. Embora você continue mentindo e as pessoas finjam que continuam acreditando e, em segredo, sintam inveja, façam comentários pelas suas costas, dizendo que você é o que há de pior, de mais ameaçador. Você não é um homem adúltero, que se tolera e muitas vezes se admira, mas uma *mulher* adúltera, aquela que está dormindo com outro, enganando o marido, seu pobre marido, sempre tão compreensivo e amoroso...

Mas só você sabe que esse marido foi incapaz de manter a solidão ao largo. Porque faltava alguma coisa que nem você mesma sabe explicar, pois o ama e não quer perdê-lo. No entanto, um cavaleiro fulgurante com a promessa de aventuras em terras distantes é muito mais forte que seu desejo de que tudo permaneça como está, mesmo que nas festas as pessoas olhem para você e comentem entre elas que melhor seria amarrar uma pedra de moinho no seu pescoço e atirá-la ao mar, porque é um péssimo exemplo.

E para piorar, seu marido aguenta tudo calado. Não reclama nem faz cenas. Entende que aquilo vai passar. Você também sabe que vai passar, porém agora é mais forte do que você.

E assim as coisas se estendem por um mês, dois meses, um ano... Todos

aguentando em silêncio.

Mas não se trata de pedir permissão. Você olha para trás e vê que também já pensou como essas pessoas que agora a acusam. Também condenou os que sabia que eram adúlteros e imaginou que, se vivesse em outro lugar, o castigo seria o apedrejamento. Até o dia em que acontece com você. Então, arranja um milhão de justificativas para o seu comportamento, dizendo que tem o direito de ser feliz, nem que seja por pouco tempo, porque os cavaleiros que matam dragões só existem nas histórias infantis. Os verdadeiros dragões não morrem nunca, mas mesmo assim você tem o direito e a obrigação de viver um conto de fadas adulto pelo menos uma vez na vida.

Então chega o momento que tentava evitar a todo custo, que foi adiado por tanto tempo: o momento de tomar a decisão de continuarem juntos ou se separarem para sempre.

Junto com esse momento, porém, vem o medo de errar, seja qual for a decisão que tome. E você torce para que alguém escolha em seu lugar, que a expulsem de casa ou da cama, pois é impossível continuar assim. Afinal, já não somos uma pessoa, somos duas ou muitas, completamente diferentes umas das outras. E, como nunca passou por isso, não sabe aonde vai dar. O fato é que agora se encontra diante desta situação que fará sofrer uma pessoa, ou duas, ou todas...

... Mas, sobretudo, irá destruir você, seja qual for sua escolha.

O trânsito está completamente parado. Logo hoje!

Genebra, com menos de 200 mil habitantes, se comporta como se fosse o centro do mundo. E há pessoas que acreditam nisso e voam de seus países até aqui para terem o que chamam de "reuniões de cúpula". Esses encontros costumam acontecer nos arredores e raramente o trânsito é afetado. No máximo, vemos alguns helicópteros sobrevoando a cidade.

Não sei o que houve hoje, mas fecharam uma de nossas vias principais. Li os jornais do dia, mas não as editorias da cidade, que trazem apenas notícias locais. Sei que grandes potências mundiais enviaram seus representantes para discutir, "em território neutro", a ameaça da proliferação de armas nucleares. E em que isso afeta a minha vida?

Em muito. Corro o risco de chegar atrasada. Devia ter usado o transporte público em vez de pegar este carro idiota.

Todos os anos são gastos na Europa aproximadamente 74 milhões de francos suíços (cerca de 80 milhões de dólares) na contratação de detetives particulares cuja especialidade é seguir, fotografar e dar às pessoas provas de que estão sendo traídas pelo cônjuge. Enquanto o resto do continente está em crise e as empresas estão falindo e demitindo funcionários, o mercado da infidelidade vive um grande crescimento.

E não são apenas os detetives que lucram. Técnicos de informática desenvolveram aplicativos para telefones, como o "SOS Alibi". O funcionamento é muito simples: na hora determinada, ele envia ao parceiro uma mensagem de amor diretamente do seu escritório. Assim, enquanto você está entre os lençóis, bebendo taças de champanhe, um torpedo chega no celular do parceiro, avisando que você sairá mais tarde do trabalho por causa de uma reunião inesperada. Outro aplicativo, "Excuse Machine", oferece uma série de desculpas em francês, alemão e italiano – e você pode escolher a mais conveniente naquele dia.

No entanto, além dos detetives e dos técnicos em informática, quem sai ganhando mesmo são os hotéis. Como um em cada sete suíços tem um caso extraconjugal (segundo as estatísticas oficiais), e considerando o número de pessoas casadas no país, estamos falando de 450 mil indivíduos à procura de um quarto discreto onde possam se encontrar. Para atrair a clientela, o gerente de um hotel de luxo certa vez declarou: "Temos um sistema que permite que o débito no cartão de crédito apareça como um almoço em nosso restaurante." O estabelecimento se tornou o favorito daqueles que podem pagar 600 francos suíços por uma tarde. É justamente para lá que me dirijo.

Depois de meia hora de estresse, consigo deixar o carro com o manobrista e subo correndo para o quarto. Graças ao serviço de mensagens eletrônicas, sei exatamente para onde devo ir sem precisar perguntar nada na recepção.

Do café na fronteira da França até o lugar onde estou agora não foi necessário mais nada – explicações, juras de amor, nem mesmo outro encontro – para termos certeza de que era isso mesmo que queríamos. Ambos tínhamos medo de

pensar muito e desistir, logo a decisão foi tomada sem muitas perguntas nem respostas.

Não é mais outono. É de novo primavera, voltei a ter 16 anos, ele está com 15. Misteriosamente recuperei a virgindade da alma (uma vez que a do corpo está perdida para sempre). Nós nos beijamos. Meu Deus, já tinha esquecido o que era isso, penso. Estava vivendo apenas em busca do que queria – o que e como fazer, quando parar – e aceitando a mesma atitude de meu marido. Estava tudo errado. Um já não se rendia por completo ao outro.

Talvez ele vá parar agora. Nunca fomos além dos beijos. Eram longos e saborosos, trocados em um canto escondido da escola. Mas a minha vontade era que todos vissem e me invejassem.

Ele não para. Sua língua tem um gosto amargo, uma mistura de cigarro e vodca. Estou com vergonha e tensa, devo fumar um cigarro e beber uma vodca para que estejamos em igualdade de condições!, penso. Empurro-o com delicadeza, vou até o minibar e, de uma golada só, viro uma pequena garrafa de gim. O álcool queima minha garganta. Peço um cigarro.

Ele me dá, não sem antes lembrar que é proibido fumar no quarto. Que prazer transgredir tudo, inclusive regras estúpidas como essa! Dou uma tragada e me sinto mal. Não sei se é por causa da vodca ou do cigarro, mas, na dúvida, vou ao banheiro e o atiro no vaso sanitário. Ele vem atrás de mim, me agarra por trás, beija minha nunca e minhas orelhas, cola seu corpo no meu e sinto sua ereção nas minhas nádegas.

Meus princípios morais, onde estão? Como ficará minha cabeça depois que eu sair daqui e retomar minha vida normal?

Ele me puxa de volta para o quarto. Giro e torno a beijar sua boca e sua língua com gosto de tabaco, saliva e vodca. Mordo seus lábios e ele toca meus seios pela primeira vez na vida. Tira meu vestido e o joga num canto. Por uma fração de segundo, sinto um pouco de vergonha do meu corpo – já não sou mais uma menina como naquela primavera na escola. Estamos ali em pé. As cortinas estão abertas e o lago Léman serve de barreira natural entre nós e as pessoas nos prédios na margem oposta.

Na minha imaginação, prefiro acreditar que alguém nos vê e isso me deixa ainda mais excitada, mais até que seus beijos em meus seios. Sou a vagabunda, a prostituta que um executivo contratou para trepar em um hotel, capaz de fazer qualquer coisa.

Mas essa sensação não dura muito. Mais uma vez volto a ter 15 anos, quando me masturbava várias vezes por dia pensando nele. Puxo sua cabeça contra meu peito e peço que morda o mamilo, com força, e grito um pouco de dor e de prazer.

Ele continua vestido, e eu estou completamente nua. Empurro sua cabeça para baixo e peço que me lamba o sexo. Neste momento, porém, ele me joga na cama, tira a roupa e vem para cima de mim. Suas mãos procuram algo na mesa de cabeceira. Isso nos faz perder o equilíbrio e caímos no chão. Coisa de principiante, sim – somos principiantes e não temos vergonha disso.

Ele encontra o que estava procurando: um preservativo. Pedeme que o ponha nele usando a boca. Faço isso, inexperiente e meio sem graça. Não entendo a necessidade disso. Não acredito que ele pense que sou doente ou que saio por aí transando com todo mundo. Mas respeito seu desejo. Sinto o gosto desagradável

do lubrificante que cobre o látex, mas estou determinada a aprender a fazer aquilo. Não deixo transparecer que é a primeira vez na vida que estou usando um daqueles.

Quando termino, ele me vira de costas e pede que me apoie na cama. Meu Deus, está acontecendo! E sou uma mulher feliz por causa disso, penso.

No entanto, em vez de penetrar meu sexo, começa a me possuir por trás. Isso me assusta. Pergunto o que está fazendo, mas ele não responde, apenas pega outra coisa na mesa de cabeceira, e a passa em meu ânus. Entendo que é vaselina ou algo semelhante. Em seguida, pede que eu me masturbe e, muito lentamente, vai entrando.

Sigo suas instruções e de novo me sinto uma adolescente para quem o sexo é um tabu, e dói. Ai, meu Deus, dói muito. Não consigo mais me masturbar, apenas agarro os lençóis e mordo os lábios para não gritar de dor.

– Fale que está doendo. Diga que nunca fez isso. Grite – ordena ele.

Mais uma vez o obedeço. É quase tudo verdade – já fiz isso umas quatro ou cinco vezes e jamais gostei.

Seus movimentos vão aumentando de intensidade. Ele geme de prazer. Eu, de dor. Ele me agarra pelos cabelos como se eu fosse um animal, uma égua, e a velocidade do galope aumenta. Sai de dentro de mim de uma vez só, arranca o preservativo, me vira e goza no meu rosto.

Procura conter os gemidos, mas eles são mais fortes que seu autocontrole. Aos poucos vai deitando sobre mim. Estou assustada e ao mesmo tempo fascinada com tudo aquilo. Ele vai até o banheiro, joga o preservativo no lixo e volta.

Deita-se ao meu lado, acende outro cigarro, usa o copo de vodca como cinzeiro, apoiado sobre a minha barriga. Passamos muito tempo olhando para o teto, sem dizer nada. Ele me acaricia. Já não é o homem violento de alguns minutos antes, mas o jovem romântico que, na escola, me falava de galáxias e de seu interesse pela astrologia.

– Não podemos deixar nenhum cheiro.

A frase me traz de volta à realidade de maneira brutal. Pelo visto não é sua primeira vez. Por isso o preservativo e as providências práticas para que tudo continue a ser como antes de entrarmos neste quarto. Silenciosamente o insulto e o odeio, mas disfarço com um sorriso e pergunto se ele tem alguma dica para eliminar os odores.

Diz que basta que eu tome um banho quando chegar em casa, antes de abraçar meu marido. Também aconselha que eu me desfaça da calcinha, porque a vaselina deixará marcas.

– Se ele estiver em casa, entre correndo e diga que está morrendo de vontade de ir ao banheiro.

Sinto-me enojada. Esperei tanto tempo para me comportar como uma tigresa e acabei sendo usada como uma égua. Mas a vida é assim: a realidade nunca chega perto de nossas fantasias românticas da adolescência.

Perfeito, farei isso.

– Gostaria de encontrá-la de novo.

Pronto. Bastou essa simples frase para transformar de novo em paraíso o que parecia um inferno, um erro, um passo em falso. Sim, eu também gostaria de

encontrar você de novo. Estava nervosa e tímida, mas da próxima vez será melhor.

– Na verdade, foi ótimo.

Sim, foi ótimo, mas só agora percebo isso. Sabemos que esta história está condenada ao fim, mas não interessa agora.

Não vou falar mais nada. Apenas aproveitar este momento ao seu lado, esperar que termine o cigarro, me vestir e descer antes dele.

Sairei pela mesma porta pela qual entrei.

Pegarei o mesmo carro e dirigirei para o mesmo lugar para onde volto todas as noites. Entrarei correndo, dizendo que estou com uma indigestão e preciso ir ao banheiro. Tomarei um banho, eliminando o pouco dele que ficou em mim.

Só então beijarei meu marido e meus filhos.

Não éramos duas pessoas com as mesmas intenções naquele quarto de hotel.

Eu estava atrás de um romance perdido; ele era movido pelo instinto de caçador.

Eu buscava o garoto da minha adolescência; ele queria a mulher atraente e ousada que foi entrevistá-lo antes das eleições.

Eu acreditei que minha vida poderia ter outro sentido; ele achou apenas que a tarde lhe traria algo diferente das discussões entediantes e sem fim no Conselho de Estado.

Para ele foi uma simples distração, embora perigosa. Para mim foi algo imperdoável, cruel, uma demonstração de narcisismo misturado com egoísmo.

Os homens traem porque está no seu sistema genético. A mulher o faz porque não tem dignidade suficiente, e além de entregar seu corpo acaba sempre entregando um pouco do seu coração. Um verdadeiro crime. Um roubo. Pior do que assaltar um banco, porque, se algum dia ela for descoberta (e sempre é), causará danos irreparáveis à família.

Para os homens, é apenas um "erro estúpido". Para as mulheres, é um assassinato espiritual de todos aqueles que a cercam de carinho e que a apoiam como mãe e esposa.

Assim como estou deitada ao lado de meu marido, imagino Jacob deitado ao lado de Marianne. Ele tem outras preocupações na cabeça: os encontros políticos de amanhã, as tarefas a cumprir, a agenda cheia de compromissos. Enquanto eu, a idiota, estou olhando para o teto e lembrando cada segundo que passei naquele hotel, revendo sem parar o mesmo filme pornô do qual fui protagonista.

Lembro-me do momento em que olhei pela janela e desejei que alguém estivesse assistindo a tudo aquilo com um binóculo – possivelmente se masturbando ao me ver submissa, humilhada, sendo penetrada por trás. Como essa ideia me excitou! Deixoume louca e me fez descobrir um lado meu que desconhecia por completo.

Tenho 31 anos. Não sou criança e achei que não havia mais novidades a meu respeito. Mas há. Sou um mistério para mim mesma, abri certas comportas e quero ir mais longe, experimentar tudo o que sei que existe – masoquismo, sexo grupal, fetiches, tudo.

E não consigo dizer: não quero mais, não o amo, foi tudo uma fantasia criada pela minha solidão.

Talvez não o ame de fato. Mas amo o que despertou em mim. Tratou-me sem respeito algum, me deixou sem dignidade, não se intimidou e fez exatamente o que queria, enquanto eu procurava, mais uma vez, tentar agradar alguém.

Minha mente viaja até um lugar secreto e desconhecido. Desta vez sou a dominadora. Posso tornar a vê-lo nu, mas agora sou eu que dou as ordens, amarro suas mãos e seus pés, sento-me em seu rosto e obrigo que beije meu sexo até eu não aguentar mais tantos orgasmos. Em seguida, viro-o de costas e o penetro com meus dedos: primeiro um, depois dois, três. Ele geme de dor e de prazer, enquanto o masturbo com a mão livre, sentindo o líquido quente escorrer pelos dedos, que levo à boca e lambo, um de cada vez, para então esfregá-los em sua cara. Ele pede mais. Digo que basta. Quem decide sou eu!

Antes de dormir, me masturbo e tenho dois orgasmos seguidos.

A mesma cena de sempre: meu marido lê as notícias do dia no iPad; as crianças já estão prontas para a escola; o sol entra pela janela; e eu finjo estar preocupada com alguma coisa, quando na verdade estou morrendo de medo de que alguém suspeite de algo.

– Você parece mais feliz hoje.

Pareço e estou, mas não devia. A experiência que tive ontem foi um risco para todo mundo, principalmente para mim. Será que existe alguma suspeita implícita nesse comentário? Duvido. Ele acredita em tudo que lhe digo. Não porque seja idiota – longe disso –, mas porque confia em mim.

E isso só me deixa ainda mais irritada. Não sou confiável.

Ou melhor: sou, sim. Fui levada àquele hotel por circunstâncias que desconheço. É uma boa desculpa? Não. É péssima, porque ninguém me obrigou a ir até lá. Sempre posso alegar que me sentia só, que não recebia a atenção de que precisava, apenas compreensão e tolerância. Posso dizer a mim mesma que preciso ser mais desafiada, confrontada e questionada a respeito do que faço. Posso alegar que isso acontece com todo mundo, mesmo que apenas em sonhos.

Mas, no fundo, o que aconteceu é muito simples: fui para a cama com um homem porque estava louca para fazer isso. Nada mais. Nenhuma justificativa intelectual ou psicológica. Queria trepar. Ponto final.

Conheço pessoas que se casaram por segurança, status, dinheiro. Amor era a última coisa da lista. Eu, porém, me casei por amor.

Então por que fiz o que fiz?

Porque me sinto só. E por quê?

– É muito bom ver você feliz – diz ele.

Respondo que sim, estou mesmo feliz. A manhã de outono está linda; a casa, arrumada; e estou com o homem que amo.

Ele se levanta e me dá um beijo. As crianças, mesmo sem entender direito nossa conversa, sorriem.

– Também estou com a mulher que amo. Mas por que isso agora?

E por que não?

– É de manhã. Quero que me diga isso de novo hoje à noite, quando estivermos juntos na cama.

Meu Deus, quem sou eu?! Por que estou dizendo essas coisas? Para que ele não desconfie de nada? Por que não me comporto como todas as manhãs: uma esposa eficiente cuidando do bemestar da família? Que demonstrações de afeto são essas? Se começar a ser muito carinhosa, talvez levante suspeitas.

– Não conseguiria viver sem você – diz ele, ao voltar para o seu lugar à mesa.

Estou perdida. Mas, curiosamente, não me sinto nem um pouco culpada pelo que aconteceu ontem.

Quando chego ao trabalho, o redator-chefe me elogia. A matéria que sugeri foi publicada esta manhã.

– Chegaram muitos e-mails para a redação, elogiando a história com o misterioso cubano. As pessoas querem saber quem é. Se ele nos permitir divulgar seu endereço, terá trabalho por um bom tempo.

O xamã cubano! Se ler o jornal, verá que não me disse nada daquilo. Tirei tudo de blogs sobre xamanismo. Pelo visto, minhas crises não se limitam a problemas matrimoniais: estou começando a deixar de ser uma boa profissional.

Explico ao redator-chefe o momento em que o cubano olhou nos meus olhos e me ameaçou caso revelasse quem era. Ele diz que não devo acreditar nesse tipo de coisa e pergunta se posso dar seu endereço para uma única pessoa: sua esposa.

– Ela anda meio estressada.

Todo mundo anda meio estressado, inclusive o xamã. Não prometo nada, mas vou falar com ele.

Pede que telefone *agora* mesmo. Faço isso e fico surpresa com a reação do cubano. Ele me agradece por ter sido honesta e ter mantido sua identidade em segredo e elogia meus conhecimentos sobre o assunto. Agradeço, falo da repercussão da matéria e pergunto se podemos marcar outro encontro.

– Mas conversamos durante duas horas! O material que você tem deve ser mais que suficiente!

Jornalismo não funciona assim, explico. Do que foi publicado, muito pouco foi extraído daquelas duas horas. A maior parte fui obrigada a pesquisar. Agora preciso abordar o assunto de maneira diferente.

Meu chefe continua ao lado, ouvindo a minha parte da conversa e gesticulando. Finalmente, quando o cubano está quase decidido a desligar, insisto que ficou faltando muita coisa no artigo. Preciso explorar mais o papel da mulher nessa busca "espiritual" e que a esposa do meu patrão gostaria de encontrá-lo. Ele ri. Nunca vou quebrar o acordo que fiz com ele, mas insisto que todos sabem onde mora e os dias em que atende.

Por favor, aceite ou recuse. Se não quiser levar a conversa adiante, encontrarei outra pessoa. O que não falta é gente se dizendo especialista em tratar pacientes à beira de um ataque de nervos. A única diferença é seu método, mas não é o único curandeiro espiritual que existe na cidade. Muitos outros nos procuraram esta manhã, a maior parte africanos, em busca de dar visibilidade ao seu trabalho, ganhar dinheiro e conhecer pessoas importantes que os protejam no caso de um possível processo de expatriação.

O cubano reluta por algum tempo, mas sua vaidade e o medo da concorrência enfim falam mais alto. Marcamos um encontro em sua casa, em Veyrier. Estou doida para ver como vive – dará mais graça à matéria.

Estamos na pequena sala transformada em consultório em sua casa, na aldeia de Veyrier. Na parede há alguns diagramas que parecem importados da cultura indiana: a posição dos centros energéticos, a sola dos pés com seus meridianos.

Em cima de um móvel estão alguns cristais.

Já tivemos uma conversa interessantíssima sobre o papel da mulher nos rituais xamanistas. Ele me explica que, no nascimento, todos temos momentos de revelação, e isso é ainda mais comum com as mulheres. Como qualquer estudioso pode notar, as deusas da agricultura eram sempre femininas, e as ervas medicinais foram introduzidas nas tribos que habitavam nas cavernas pelas mãos das mulheres. Elas são muito mais sensíveis ao mundo espiritual e emocional, e isso as torna propensas a crises que os antigos médicos chamavam de "histeria" e hoje são conhecidas por "bipolaridade" – tendência de passar da euforia absoluta à tristeza profunda várias vezes ao dia. Para o cubano, os espíritos estão muito mais inclinados a falar com mulheres do que com homens, porque elas entendem melhor uma língua que não se expressa por palavras.

Tento usar o que acredito ser a sua linguagem: Será que por causa da sensibilidade exagerada, não há a possibilidade de, digamos, um espírito maligno nos impelir a fazer coisas que não queremos?

Ele não entende minha pergunta. Eu a reformulo. Se mulheres são tão instáveis a ponto de passar da alegria à tristeza...

– Eu usei a palavra instável? Não usei. Muito pelo contrário. Apesar da sensibilidade extremamente aguçada, elas são mais perseverantes que os homens.

Como no amor, por exemplo. Ele concorda. Conto tudo o que aconteceu comigo e caio em prantos. Ele fica impassível. Mas seu coração não é de pedra.

– Quando se trata de adultério, meditar ajuda pouco ou nada. Nesse caso a pessoa está feliz com o que está acontecendo. Ao mesmo tempo que mantém a segurança, vive a aventura. É a situação ideal.

O que leva as pessoas a cometer adultério?

– Essa não é minha área. Tenho uma visão muito pessoal do tema, mas isso não deve ser publicado.

Por favor, me ajude.

Ele acende um incenso, pede que eu me sente de pernas cruzadas na sua frente e se acomoda na mesma posição. O homem rígido agora parece um sábio bondoso, tentando me ajudar.

– Se as pessoas casadas decidem, por qualquer que seja a razão, procurar um terceiro parceiro, isso não quer dizer necessariamente que a relação do casal vai mal. Também não acredito que a principal motivação seja o sexo. Tem mais a ver com tédio, com falta de paixão pela vida, com a escassez de desafios. É uma conjunção de fatores.

E por que isso acontece?

– Porque, desde que nos afastamos de Deus, vivemos uma existência fragmentada. Tentamos encontrar a unidade, mas não sabemos o caminho de volta, então estamos num estado de constante insatisfação. A sociedade proíbe e cria leis, mas isso não resolve o problema.

Estou me sentindo leve, como se tivesse adquirido um tipo diferente de percepção. Posso ver em seus olhos: ele sabe o que está dizendo porque já passou por isso.

– Conheci um homem que, sempre que se encontrava com a amante, ficava

impotente. Mesmo assim, adorava estar do lado dela, que também se sentia bem junto dele.

Não me controlo. Pergunto se esse homem é ele.

– Sim. Minha mulher me largou por causa disso. O que não é motivo para uma decisão tão radical.

E como reagiu?

– Eu poderia invocar ajuda espiritual, mas pagaria por isso em minha próxima vida. No entanto, precisava entender por que ela havia agido assim. Para resistir à tentação de trazê-la de volta usando o que conheço de magia, passei a estudar o assunto.

Meio a contragosto, o cubano assume um ar professoral.

– Pesquisadores da Universidade do Texas, em Austin, tentaram responder à pergunta que muita gente se faz: por que os homens traem mais que as mulheres, mesmo sabendo que esse comportamento é autodestrutivo e fará sofrer as pessoas que amam? A conclusão foi que homens e mulheres sentem exatamente o mesmo desejo de trair seu parceiro. Acontece que a mulher tem mais autocontrole.

Ele olha o relógio. Peço por favor que continue e percebo que talvez ele esteja contente por poder abrir sua alma.

– Encontros breves, com o único objetivo de satisfazer o instinto sexual e sem nenhum envolvimento emocional por parte do homem, possibilitaram a preservação e proliferação da espécie. Mulheres inteligentes não deveriam culpar os homens por isso. Eles tentam resistir, mas são biologicamente propensos a agir assim. Estou sendo técnico demais?

Não.

– Já reparou que o ser humano fica mais assustado com aranhas e cobras do que com automóveis, embora as mortes por acidentes de trânsito sejam muito mais frequentes? Isso acontece porque nossa mente ainda está no tempo das cavernas, quando cobras e aranhas eram letais. O mesmo acontece com a necessidade que o homem sente de ter muitas mulheres. Naqueles tempos ele ia à caça, e a natureza lhe ensinou: a preservação da espécie é prioridade; você precisa engravidar o máximo de mulheres possível.

E as mulheres também não pensavam em preservar a espécie?

– Claro que pensavam. Mas, enquanto para o homem esse compromisso com a espécie dura no máximo onze minutos, para a mulher cada filho significa pelo menos nove meses de gestação. Além de ter que cuidar da cria, alimentá-la e protegê-la dos perigos, das aranhas e das cobras. Então seu instinto foi se desenvolvendo de outra forma. O afeto e o autocontrole se tornaram mais importantes.

Ele está falando de si mesmo. Tenta justificar o que fez. Olho à minha volta e vejo aqueles mapas indianos, os cristais, os incensos. No fundo, somos todos iguais. Cometemos os mesmos erros e continuamos com as mesmas perguntas sem resposta.

O cubano olha o relógio mais uma vez e diz que nosso tempo acabou. Outro cliente vai chegar e ele procura evitar que seus pacientes se cruzem na sala de espera. Levanta-se e me conduz até a porta.

– Não quero ser grosseiro, mas, por favor, não me procure mais. Já lhe disse tudo o que tinha a dizer.

Está na Bíblia:

Certa noite, Davi se levantou da cama para passear no terraço de casa. Então viu uma mulher banhando-se, e ela era linda. Davi mandou perguntar quem era.

E responderam que era Bathsheba, casada com Urias. Então Davi enviou seus homens e eles a trouxeram. Eles se deitaram juntos, e ela voltou para casa. Depois mandou um recado para Davi: estou grávida.

Então Davi ordenou que Urias, um guerreiro fiel a ele, fosse enviado para a frente de batalha em uma missão perigosa. Ele foi morto e Bathsheba foi morar com o rei em seu palácio.

Davi – o grande exemplo, ídolo de gerações, o guerreiro destemido – não apenas cometeu adultério, como mandou assassinar seu rival, valendo-se de sua lealdade e boa vontade.

Não preciso de justificativas bíblicas para adultérios nem para assassinatos. Mas lembro-me dessa história dos tempos de escola – a mesma escola onde Jacob e eu nos beijávamos na primavera.

Esses beijos tiveram que esperar quinze anos para se repetirem e, quando enfim aconteceram, foi tudo exatamente como eu *não* imaginava. Pareceu sórdido, egoísta, sinistro. Mesmo assim adorei e quis que acontecesse de novo, o mais rápido possível. Em quinze dias eu e Jacob já nos encontramos quatro vezes. O nervosismo sumiu aos poucos. Tivemos tanto relações normais quanto outras não convencionais. Ainda não consegui realizar minha fantasia de amarrá-lo e fazer com que beije meu sexo até eu não aguentar mais de prazer, mas estou a caminho.

Aos poucos, Marianne vai perdendo a importância na minha história. Estive de novo com seu marido ontem e isso mostra quanto ela é insignificante e ausente em tudo isso. Não quero mais que Madame König descubra nem que pense em se divorciar, porque assim terei o prazer de um amante, sem precisar renunciar a tudo que conquistei com esforço e controlando meus sentimentos: meus filhos, meu marido, meu trabalho e esta casa.

O que farei com a cocaína que está guardada aqui e pode ser encontrada a qualquer momento? Gastei muito dinheiro com isso. Não posso tentar revendê-la. Seria um passo em direção ao presídio de Vandœuvres. Jurei nunca mais usá-la. Posso dar de presente a pessoas que sei que gostam, mas minha reputação seria afetada ou, o que é pior, elas poderiam perguntar se consigo arranjar mais.

Realizar o sonho de estar na cama com Jacob me levou às alturas e depois me trouxe de volta à realidade. Descobri que, embora achasse que era amor, o que sinto não passa de uma paixão, fadada a acabar a qualquer momento. E não faço a menor questão de mantê-la: já consegui a aventura, o prazer da transgressão, as novas experiências sexuais, a alegria. E tudo isso sem sentir um pingo de remorso. Estou me dando um presente que mereço depois de tantos anos de bom comportamento.

Estou em paz comigo mesma. Ou melhor, estava até hoje.

Depois de tantos dias dormindo bem, sinto que o dragão voltou a subir pelo abismo do qual tinha sido jogado.

O problema sou eu ou é o Natal que se aproxima? Esta é a época do ano que me deixa mais deprimida – e não estou me referindo a uma desordem hormonal ou à ausência de certos componentes químicos no organismo. Fico contente que em Genebra a coisa não seja tão escandalosa como em outros países. Uma vez passei as festas de fim de ano em Nova York. Por toda parte havia luzes, enfeites, corais de rua, vitrines decoradas, renas, sinos, flocos de neve falsos, árvores com bolas de todas as cores e tamanhos, sorrisos grudados nos rostos... E eu com aquela certeza absoluta de que sou uma aberração, a única a me sentir completamente estranha. Embora nunca tenha tomado LSD, imagino que seria necessária uma dose tripla para ver todas aquelas cores.

O máximo que vemos por aqui são algumas insinuações na rua principal, talvez por causa dos turistas. (Comprem! Levem algo da Suíça para seus filhos!) Mas ainda não passei por lá, então esta sensação estranha não pode ser o Natal. Não há nas redondezas nenhum Papai Noel pendurado em uma chaminé, nos lembrando de que devemos ficar felizes durante todo o mês de dezembro.

Viro de um lado para o outro na cama, como sempre. Meu marido dorme, como sempre. Fizemos amor. Isso tem sido mais frequente, não sei se para disfarçar ou por eu ter despertado minha libido. O fato é que ando sexualmente mais entusiasmada com ele. Não fez perguntas quando cheguei tarde, tampouco demonstra sentir ciúmes. Exceto pela primeira vez, quando tive que ir direto para o banheiro, seguindo as instruções para eliminar rastros de odores e roupas manchadas. Agora levo sempre uma calcinha extra, tomo banho no hotel e entro no elevador com a maquiagem impecável. Não demonstro mais tensão nem levanto suspeita. Duas vezes encontrei conhecidos, fiz questão de cumprimentá-los e deixar a dúvida no ar: "Será que ela está se encontrando com alguém?" Faz bem ao ego e é absolutamente seguro. Afinal, se estão no elevador de um hotel apesar de morarem na cidade, são tão culpados quanto eu.

Durmo e acordo de novo, poucos minutos depois. Victor Frankenstein criou seu monstro, Dr. Jekyll deixou que Mr. Hyde viesse à tona. Isso ainda não me assusta, mas talvez eu precise estabelecer desde já algumas regras de comportamento.

Tenho um lado que é honesto, gentil, carinhoso, profissional, capaz de reagir com frieza em momentos complicados, sobretudo durante entrevistas, quando alguns dos personagens se mostram agressivos ou tentam escapar das minhas perguntas.

Mas estou descobrindo um lado mais espontâneo, selvagem, impaciente, que não se limita ao quarto de hotel onde me encontro com Jacob e começa a afetar minha rotina. Irrito-me com mais facilidade quando o vendedor fica conversando com o cliente embora haja uma fila. Vou ao supermercado por obrigação e já parei de olhar preços e datas de validade. Quando alguém me diz algo com que não concordo, faço questão de responder. Discuto política. Defendo filmes que todos detestam e critico os que todos amam. Adoro surpreender as pessoas com opiniões absurdas e fora de lugar. Enfim, deixei de ser a mulher discreta que sempre fui.

As pessoas já começaram a notar. "Você está diferente!", comentam. Isso é um passo para "você está escondendo alguma coisa", que logo vira "se precisa

esconder, é porque está fazendo algo que não deveria”.

Pode ser apenas paranoia, claro. Mas hoje me sinto duas pessoas diferentes.

Tudo que Davi precisava fazer era ordenar que seus homens lhe levassem aquela mulher. Não devia explicações a ninguém. No entanto, quando o problema se apresentou, mandou o marido dela para a frente de batalha. No meu caso é diferente. Por mais discretos que os suíços sejam, há dois momentos em que não conseguimos reconhecê-los.

O primeiro é no trânsito. Se demoramos uma fração de segundo para arrancar com o carro depois que o sinal abre, eles imediatamente começam a buzinar. Se mudamos de faixa, apesar da seta piscando, vemos sempre uma cara feia no retrovisor.

O segundo caso é no assunto perigoso das mudanças, seja de casa, de trabalho ou de comportamento. Aqui tudo é estável, todos se comportam da maneira esperada. Por favor, não tente ser diferente e se reinventar de uma hora para outra ou estará ameaçando toda a sociedade. Esse país custou a chegar a seu estado de “obra concluída”, não queremos voltar para “em reforma”.

Eu e minha família inteira estamos no lugar onde William, o irmão de Victor Frankenstein, foi assassinado. Aqui, durante séculos, havia um pântano. Depois que, pelas mãos implacáveis de Calvino, Genebra virou uma cidade respeitável, os doentes eram trazidos para cá, onde geralmente morriam de fome e de frio, evitando assim que a cidade fosse contagiada por qualquer epidemia.

Plainpalais é um lugar imenso, o único ponto no centro da cidade onde praticamente não há vegetação. No inverno, o vento é de doer os ossos. No verão, o sol nos faz suar em bicas. Um absurdo. Mas desde quando as coisas precisam de boas razões para existir?

É sábado e há barracas de vendedores de antiguidades espalhadas por todo o espaço. Esta feira se tornou uma atração turística e até figura em guias e dicas de viagem como um "bom programa". Peças do século XVI se misturam a aparelhos de videocassete. Antigas esculturas de bronze, vindas da longínqua Ásia, são expostas ao lado de móveis horríveis dos anos 1980. O lugar fervilha de gente. Alguns conhecedores examinam pacientemente uma peça e conversam por muito tempo com os vendedores. A maioria, turistas e curiosos, encontra coisas de que nunca precisará, mas, como são muito baratas, acaba comprando. Eles voltam para casa, usam-nas uma vez e em seguida guardam na garagem, pensando: "Não serve para nada, mas o preço era irrisório."

Tenho que controlar as crianças o tempo todo, porque ficam querendo tocar em tudo, desde preciosos vasos de cristal até sofisticados brinquedos do início do século XIX. Mas ao menos estão descobrindo que existe vida inteligente além dos jogos eletrônicos.

Uma delas me pergunta se podemos comprar um palhaço de metal, com boca e membros articulados. Meu marido sabe que o interesse pelo brinquedo só vai durar até chegarmos em casa. Diz que é "velho" e que podemos comprar algo novo no caminho de volta. Na mesma hora a atenção delas é desviada para umas caixas com bolinhas de gude, com as quais os meninos de antigamente costumavam brincar no quintal de casa.

Meus olhos se fixam em um pequeno quadro: há uma mulher nua, deitada na cama, e um anjo se afastando. Pergunto ao vendedor quanto custa. Antes de me dizer o preço (uma ninharia), ele me explica que é uma reprodução, feita por algum pintor local desconhecido. Meu marido assiste a tudo sem dizer nada e, antes que eu possa agradecer a informação e seguir adiante, ele já pagou pelo quadro.

Por que fez isso?

– Representa um mito antigo. Quando voltarmos para casa eu lhe conto a história.

Sinto uma necessidade imensa de me apaixonar de novo por ele. Nunca deixei de amá-lo – sempre o amei e continuarei amando –, mas nossa convivência se transformou em algo muito próximo da monotonia. O amor pode resistir a isso, mas, para a paixão, é fatal.

Vivo um momento complicadíssimo. Sei que minha relação com Jacob não tem futuro e me afastei do homem com quem construí uma vida.

Quem diz que "o amor é suficiente" está mentindo. Não é nem nunca foi. O grande problema é que as pessoas acreditam nos livros e nos filmes – um casal

que caminha pela praia de mãos dadas, contempla o pôr do sol, faz amor apaixonadamente todos os dias em belos hotéis com vista para os Alpes. Eu e meu marido já fizemos isso tudo, mas a magia dura apenas um ou dois anos, no máximo.

Em seguida vem o casamento. A escolha e decoração da casa, o planejamento do quarto das crianças que virão, os beijos, os sonhos, o brinde com champanhe na sala vazia que logo estará exatamente como imaginamos – cada coisa em seu lugar. Dois anos depois já nasceu o primeiro filho, a casa não tem mais espaço para nada e, se acrescentarmos alguma coisa a ela, corremos o risco de parecer que vivemos para impressionar os outros e que passamos a vida comprando e limpando antiguidades (que mais tarde serão vendidas por uma ninharia por seus herdeiros e acabarão da feira no Plainpalais).

Após três anos de casamento, um já sabe exatamente o que o outro quer e pensa. Durante festas ou jantares, somos obrigados a escutar as mesmas histórias que já ouvimos várias vezes, sempre fingindo surpresa e, vez por outra, sendo forçados a confirmálas. O sexo passa da paixão à obrigação e por isso vai ficando cada vez mais espaçado. Em pouco tempo acontece apenas uma vez por semana – se tanto. As mulheres se encontram e falam do fogo insaciável de seus maridos, o que não passa de uma mentira deslavada. Todas sabem disso, mas nenhuma quer ficar para trás.

Então chega a hora dos casos extraconjugais. As mulheres comentam – sim, elas comentam! – sobre seus amantes e seu fogo insaciável. Aí já existe parte de verdade, porque na maioria das vezes acontece no mundo encantado da masturbação – tão real quanto o mundo das que ousaram se arriscar e se deixaram seduzir pelo primeiro que apareceu, independentemente das qualidades dele. Compram roupas caras e fingem recato, embora exibam mais sensualidade do que uma menina de 16 anos – com a diferença de que a menina sabe o poder que tem.

Por fim, é chegado o momento de se resignar. O marido passa muitas horas fora de casa, envolvido com o trabalho, e a mulher dedica mais tempo do que o necessário a cuidar dos filhos. Estamos nesta fase e estou disposta a fazer de tudo para mudar a situação.

Só o amor não basta. Preciso me apaixonar pelo meu marido.

O amor não é apenas um sentimento; é uma arte. E, como qualquer arte, não basta inspiração, é preciso também muito trabalho.

Por que o anjo está se afastando e deixando a mulher sozinha no leito?

– Não é um anjo. É Eros, o deus grego do amor. A moça que está na cama com ele é Psiquê.

Abro uma garrafa de vinho, sirvo nossas taças. Ele põe o quadro em cima da lareira apagada – uma peça de decoração em casas que contam com aquecimento central. Então começa:

– Era uma vez uma linda princesa, admirada por todos, mas que ninguém ousava pedir em casamento. Desesperado, o rei consultou o deus Apolo. Ele lhe

disse que Psiquê deveria ser deixada sozinha, vestida de luto, no alto de uma montanha. Antes que o dia raiasse, uma serpente viria a seu encontro para desposá-la. O rei obedeceu. A princesa esperou a noite toda, morrendo de medo e de frio, a chegada de seu marido. Por fim adormeceu. Ao despertar, viu-se em um lindo palácio, coroada rainha. Todas as noites o marido vinha a seu encontro e eles faziam amor. No entanto ele lhe impusera uma única condição: Psiquê poderia ter tudo o que desejasse, mas deveria confiar plenamente nele e jamais poderia ver seu rosto.

Que horrível, penso, mas não ouso interrompê-lo.

– A moça viveu feliz por muito tempo. Tinha conforto, carinho, alegria e era apaixonada pelo homem que a visitava todas as noites. Entretanto, vez por outra tinha medo de estar casada com uma serpente horrorosa. Certa madrugada, enquanto o marido dormia, ela acendeu uma lanterna. Então viu Eros deitado ao seu lado, um homem de incrível beleza. A luz o despertou. Ao ver que a mulher que amava não era capaz de cumprir seu único desejo, Eros desapareceu. Desesperada para ter seu amor de volta, Psiquê se submeteu a uma série de tarefas que Afrodite, mãe de Eros, lhe impôs. Nem é preciso dizer que a sogra morria de ciúmes da beleza da nora e fez de tudo para atrapalhar a reconciliação do casal. Em uma dessas tarefas, Psiquê acabou abrindo uma caixa que a fez cair num sono profundo.

Começo a ficar nervosa para saber como a história vai acabar.

– Eros também estava apaixonado e se arrependera por não ter sido mais tolerante com sua mulher. Conseguiu entrar no castelo e despertá-la com a ponta de sua flecha. "Quase morreste por causa de tua curiosidade", disse ele. "Buscavas encontrar segurança no conhecimento e destruíste nosso relacionamento." Mas no amor, nada é destruído para sempre. Imbuídos desta certeza, os dois recorreram a Zeus, o deus dos deuses, implorando que sua união jamais pudesse ser desfeita. Zeus advogou com empenho pela causa dos amantes e usou bons argumentos e ameaças, até conseguir a concordância de Afrodite. A partir desse dia, Psiquê (nossa parte inconsciente, porém lógica) e Eros (o amor) ficaram juntos para sempre.

Sirvo outra taça de vinho. Apoio a cabeça em seu ombro.

– Quem não aceitar isso e procurar sempre uma explicação para as mágicas e misteriosas relações humanas, perderá o que a vida tem de melhor.

Hoje sinto-me como Psiquê no penhasco, com frio e com medo. Mas, se for capaz de superar esta noite e me entregar ao mistério e à fé na vida, acordarei em um palácio. Tudo de que preciso é tempo.

Finalmente chega o grande dia em que os dois casais estarão juntos em uma festa – uma recepção oferecida por um importante apresentador da TV local. Falamos sobre isso ontem na cama do hotel, enquanto Jacob fumava seu cigarro de praxe antes de se vestir e sair.

Eu não podia mais recusar o convite, porque já havia confirmado presença. Ele também, e mudar de ideia agora seria "péssimo para a carreira".

Chego com meu marido à sede da emissora e somos informados de que a festa é no último andar. Meu telefone toca antes de entrarmos no elevador, o que me obriga a sair da fila e ficar no hall, discutindo com meu chefe, enquanto outras pessoas vão chegando, sorriem para mim e meu marido e assentem discretamente com a cabeça. Pelo visto, conheço quase todo mundo.

Meu chefe diz que meus artigos com o cubano – o segundo foi publicado ontem, apesar de ter sido escrito há mais de um mês – estão fazendo um grande sucesso. Preciso escrever mais um para terminar a série. Explico que o cubano não quer mais falar comigo. Ele pede que procure qualquer outra pessoa, desde que seja "do ramo", porque não há nada menos interessante para isso do que as opiniões convencionais (psicólogos, sociólogos, etc.). Não conheço ninguém "do ramo", mas, como preciso desligar, me comprometo a pensar no assunto.

Jacob e Madame König passam e nos cumprimentamos com um gesto de cabeça. Meu chefe já está quase desligando quando resolvo continuar a conversa. Deus me livre de subir no mesmo elevador que eles! Que tal colocarmos um pastor de rebanhos e um pastor protestante juntos?, sugiro. Não seria interessante gravar sua conversa sobre como administram o estresse ou o tédio? O chefe diz que é uma excelente ideia, mas o melhor mesmo seria encontrar alguém "do ramo". Certo, vou tentar. As portas já se fecharam e o elevador subiu. Posso desligar sem receios.

Explico a meu chefe que não quero ser a última a chegar na recepção. Estou dois minutos atrasada. Vivemos na Suíça, onde os relógios sempre marcam a hora certa.

Sim, tenho me comportado de modo estranho nos últimos meses, mas há algo que não mudou: detesto ir a festas. E não consigo entender por que as pessoas gostam.

Sim, as pessoas gostam. Mesmo quando se trata de algo tão profissional quanto o coquetel de hoje – isso mesmo, coquetel; nada de festa –, elas se vestem, se maquiam, comentam com os amigos, não sem certo ar de tédio, que infelizmente estarão ocupadas na terça-feira por causa da recepção celebrando os dez anos de "*Pardonnez-moi*", apresentado pelo belo, inteligente e fotogênico Darius Rochebin. Todo mundo que "é importante" comparecerá, e os demais terão que se contentar com as fotos que serão publicadas na única revista de celebridades que alcança toda a população da Suíça francesa.

Ir a festas como esta dá status e visibilidade. Vez por outra nosso jornal cobre eventos desse tipo e, no dia seguinte, recebemos telefonemas de assessores de pessoas importantes, perguntando se as fotos em que elas aparecem serão publicadas e dizendo que ficariam extremamente gratas. A melhor coisa depois de ser convidada é ver que sua presença recebeu o destaque merecido. E nada melhor para provar isso do que aparecer no jornal dois dias depois, com uma

roupa feita especialmente para a ocasião (embora isso nunca seja confessado) e o mesmo sorriso de outras festas e recepções. Ainda bem que não sou responsável pela coluna social; na minha atual condição de monstro de Victor Frankenstein, já teria sido despedida.

As portas do elevador se abrem. Há dois ou três fotógrafos no hall. Seguimos para o salão principal, com uma vista de 360 graus da cidade. Parece que a nuvem eterna resolveu colaborar com Darius e levantou um pouco seu manto cinzento: vemos o mar de luzes lá embaixo.

Não quero ficar muito tempo, digo para meu marido. E começo a falar compulsivamente para afastar a tensão.

– Iremos embora quando você quiser – responde ele, me interrompendo.

Neste momento estamos ocupadíssimos cumprimentando uma infinidade de gente que me trata como se eu fosse uma amiga íntima. Retribuo da mesma maneira, ainda que não saiba o nome delas. Se a conversa se prolonga, tenho um truque infalível: apresento meu marido e não digo nada. Ele se apresenta e pergunta o nome da outra pessoa. Escuto a resposta e repito, em alto e bom som: "Meu bem, você não se lembra do Fulano?"

Que cinismo!

Termino os cumprimentos, vamos para um canto, e reclamo: por que as pessoas têm essa mania de perguntar se nos lembramos delas? Não há nada mais constrangedor. Todos se julgam importantes o bastante para que eu, que conheço gente nova todos os dias por causa da minha profissão, os tenha gravado a ferro e fogo na memória.

– Seja mais tolerante. As pessoas estão se divertindo.

Meu marido não sabe do que está falando. As pessoas estão apenas fingindo que se divertem, mas o que buscam mesmo é visibilidade, atenção e – de vez em quando – encontrar-se com alguém para fechar um negócio. O destino dessas pessoas que se julgam belíssimas e poderosas ao cruzarem o tapete vermelho está nas mãos do sujeito mal remunerado da redação. O paginador, que recebe as fotos por e-mail e decide quem deve ou não aparecer em nosso mundo pequeno, tradicional e convencional. É ele que coloca as imagens de quem interessa ao jornal, deixando um pequeno espaço onde entra a famosa foto com uma visão geral da festa (ou coquetel, ou jantar, ou recepção). Ali, entre as cabeças anônimas de pessoas que se julgam muito importantes, com um pouco de sorte, uma ou outra pode ser reconhecida.

Darius sobe ao palco e começa a contar suas experiências com todas as pessoas importantes que entrevistou durante os dez anos de seu programa. Consigo relaxar um pouco e vou até uma das janelas com meu marido. Meu radar interno já detectou Jacob e Madame König. Quero distância e imagino que Jacob também.

– Há algo errado com você?

Eu sabia. Hoje você é o Dr. Jekyll ou Mr. Hyde? Victor Frankenstein ou seu monstro?

Não, meu amor. Só estou evitando o homem com quem fui para a cama ontem. Suspeito de que todos nesta sala saibam de tudo, que a palavra "amantes" esteja escrita em nossa testa.

Sorrio e digo que, como ele está cansado de saber, não tenho mais idade para ir a festas. Adoraria poder estar em casa agora, cuidando de nossos filhos em vez de tê-los deixado aos cuidados de uma babá. Não sou de beber, fico confusa com toda aquela gente me cumprimentando e puxando conversa, tendo que fingir interesse pelos assuntos e responder com uma pergunta para que eu possa, enfim, pôr o salgadinho na boca e terminar de mastigálo sem parecer mal-educada.

Um telão é baixado e começa um clipe dos principais convidados que passaram pelo programa. Estive com alguns deles a trabalho, mas a maioria é de estrangeiros em viagem a Genebra. Como sabemos, sempre há alguém importante nesta cidade, e ir ao programa é obrigatório.

– Vamos embora então. Ele já viu você aqui. Cumprimos nossa obrigação social. Alugamos um filme e aproveitamos o resto da noite juntos.

Não. Ficaremos mais um pouco, porque Jacob e Madame König estão aqui. Pode parecer suspeito sair da festa antes que a cerimônia termine. Darius começa a chamar ao palco alguns dos convidados de seu programa, e eles dão um breve testemunho sobre a experiência. Quase morro de tédio. Os homens desacompanhados começam a olhar em volta, buscando discretamente mulheres sozinhas. As mulheres, por sua vez, olham umas às outras: como estão vestidas, que maquiagem usam, se estão acompanhadas de maridos ou amantes.

Olho a cidade lá fora, perdida em minha total falta de pensamentos, esperando apenas o tempo passar para que possamos sair de maneira discreta sem levantar suspeitas.

– Você!

Eu?

– Meu amor, ele está chamando você!

Darius acaba de me convidar ao palco e não escutei. Sim, já estive em seu programa, junto com a ex-presidente da Suíça, para falarmos sobre direitos humanos. Mas não sou tão importante assim. Eu nem imaginava isso; não tinha sido combinado e eu não preparei nada para dizer.

Mas Darius faz um sinal. As pessoas todas me olham sorrindo. Caminho na direção dele – já recomposta e secretamente feliz porque Marianne não foi nem será chamada. Jacob tampouco, porque a ideia é que a noite seja agradável, e não repleta de discursos políticos.

Subo no palco improvisado – na verdade é uma escada que une os dois ambientes do salão no alto da torre de TV –, dou um beijo em Darius e começo a contar alguma coisa desinteressante sobre quando fui ao programa. Os homens continuam a caçar e as mulheres a olhar umas para as outras. Os mais próximos fingem interesse no que estou dizendo. Mantenho os olhos fixos em meu marido; todo mundo que fala em público escolhe alguém para servir de apoio.

No meio do meu discurso improvisado, vejo algo que não poderia ter acontecido de jeito algum: Jacob e Marianne König estão ao lado dele. Tudo isso aconteceu em menos de dois minutos, tempo que levei para chegar ao palco e começar o discurso que, a esta altura, já está fazendo os garçons circularem e a maior parte dos convidados desviar os olhos do palco em busca de algo mais atrativo.

Agradeço o mais rápido possível. Os convidados aplaudem. Darius me dá um

beijo. Tento ir até onde está meu marido e o casal König, mas sou impedida por pessoas que me elogiam por coisas que não falei, afirmam que estive maravilhosa, estão encantados com a série de matérias sobre o xamanismo, sugerem temas, entregam cartões de visita e se oferecem discretamente como "fontes" de algo que pode ser "muito interessante" para mim. Tudo isso me toma uns dez minutos. Quando chego perto de cumprir minha missão e me aproximo do meu destino, do lugar onde estava antes que os invasores chegassem, os três estão sorridentes. Eles me parabenizam, dizem que sou ótima para falar em público e recebo a sentença:

– Expliquei a eles que você está cansada e nossos filhos estão com a babá, mas Madame König insiste que jantemos juntos.

– Isso mesmo. Imagino que ninguém aqui jantou, não é? – diz Marianne.

Jacob tem um sorriso artificial grudado no rosto e concorda, como um cordeiro indo para o matadouro.

Em uma fração de segundo, duzentas mil desculpas me passam pela cabeça. Mas por quê? Tenho uma boa quantidade de cocaína pronta para ser usada a qualquer momento, e nada melhor que esta "oportunidade" para saber se vou adiante ou não com meu plano.

Além do mais, sinto uma curiosidade mórbida de ver como vai ser este jantar.

Com todo prazer, Madame König.

* * *

Marianne escolhe o restaurante do Hotel des Armures, o que mostra certa falta de originalidade, porque é para ali que todos costumam levar seus visitantes estrangeiros. O fondue é excelente, os funcionários se esforçam para falar todas as línguas possíveis, está situado no coração da cidade antiga... *Mas*, para quem mora em Genebra, definitivamente não é nenhuma novidade.

Chegamos depois do casal König. Jacob está do lado de fora, suportando o frio em nome do vício do cigarro. Marianne já entrou. Sugiro que meu marido também entre e faça companhia a ela, enquanto espero que o Sr. König acabe de fumar. Ele diz que seria melhor o contrário, mas eu insisto – não seria de bom-tom deixar duas mulheres sozinhas à mesa, mesmo que por apenas alguns minutos.

– O convite também me pegou desprevenido – diz Jacob assim que meu marido entra.

Tento agir como se não houvesse problema algum. Está se sentindo culpado? Preocupado com um possível fim de seu casamento infeliz (com aquela megera feita de gelo, gostaria de acrescentar)?

– Não se trata disso. Acontece que...

Somos interrompidos pela megera. Com um sorriso diabólico nos lábios, ela me cumprimenta (de novo!) com os três beijinhos de praxe e *manda* o marido apagar o cigarro para que entremos logo. Leio nas entrelinhas: suspeito de vocês dois; devem estar combinando alguma coisa, mas vejam, sou esperta, muito mais esperta e inteligente do que pensam.

Pedimos o de sempre: fondue e raclette. Meu marido diz que está cansado de

comer queijo e escolhe algo diferente: um salsichão que também faz parte do menu que apresentamos às visitas. E vinho, mas Jacob não prova, gira, degusta e faz sinal afirmativo – aquilo foi só uma maneira idiota de me impressionar no primeiro dia. Enquanto esperamos os pratos e conversamos amenidades, acabamos com a primeira garrafa, que logo é substituída pela segunda. Peço ao meu marido que não beba mais, ou teremos que deixar o carro aqui de novo, e estamos muito mais longe que da vez anterior.

Os pratos chegam. Abrimos a terceira garrafa de vinho. As amenidades continuam. Como é a rotina de membro do Conselho de Estado, parabéns pelos meus dois artigos sobre o estresse ("uma abordagem bastante incomum"), se é verdade que os preços dos imóveis vão cair já que o sigilo bancário está desaparecendo e, com ele, os milhares de banqueiros que agora se mudam para Cingapura ou Dubai, onde vamos passar as festas de fim de ano.

Fico esperando o touro sair à arena. Mas ele não sai e abaixo a guarda. Bebo um pouco mais do que devia, começo a ficar relaxada, alegre e, justo neste momento, as portas do touril são abertas.

– Outro dia estava discutindo com alguns amigos sobre esse sentimento idiota chamado ciúme – diz Marianne König. – O que vocês pensam a respeito?

O que pensamos de um assunto sobre o qual ninguém conversa em jantares como este? A megera soube elaborar bem a frase. Deve ter passado o dia inteiro pensando nisso. Chamou o ciúme de "sentimento idiota", com a intenção de me deixar mais exposta e vulnerável.

– Cresci assistindo a cenas terríveis de ciúme dentro de casa – diz meu marido.

O quê? Ele está falando de sua vida particular? Para uma estanha?

– Então prometi a mim mesmo que nunca na vida deixaria que isso acontecesse comigo se algum dia me casasse. Foi difícil no começo, porque nosso instinto é controlar tudo, até o incontrolável, como o amor e a fidelidade. Mas consegui. E minha mulher, que todos os dias se encontra com pessoas diferentes e às vezes chega em casa mais tarde que de costume, jamais ouviu uma crítica ou uma insinuação que fosse de minha parte.

Tampouco ouvi esse tipo de explicação. Não sabia que tinha crescido em meio a cenas de ciúme. A megera consegue fazer com que todos obedeçam ao seu comando: vamos jantar, apague o cigarro, conversem sobre o assunto que escolhi.

Há duas razões para o que meu marido acaba de dizer. A primeira é que ele desconfia do convite e está tentando me proteger. A segunda: está me dizendo, na frente de todo mundo, quanto sou importante para ele. Estendo minha mão e toco a sua. Nunca imaginava isso. Achei que simplesmente não se interessava pelo que eu fazia.

– E você, Linda? Não sente ciúme do seu marido?

Eu?

Claro que não. Confio plenamente nele. Acho que ciúme é coisa de gente doente, insegura, sem autoestima, que se sente inferior e que acredita que qualquer pessoa pode ameaçar sua relação. E você?

Marianne é pega em sua própria armadilha.

– Como disse, acho um sentimento idiota.

Sim, já falou isso. Mas, se descobrisse que seu marido a está traindo, o que faria?

Jacob fica pálido. Controla-se para não beber de uma vez todo o conteúdo da taça após minha pergunta.

– Acredito que todos os dias ele encontra pessoas inseguras, que devem morrer de tédio em seu próprio casamento e estão destinadas a ter uma vida medíocre e repetitiva. Imagino que haja algumas pessoas assim no seu trabalho, que passarão do cargo de repórter direto para a aposentadoria...

Muitas, respondo sem emoção alguma na voz. Sirvo-me de mais um pouco de fondue. Ela me olha fixamente nos olhos, *sei* que está falando de mim, mas não quero que meu marido desconfie de nada. Não me importo nem um pouco com ela e com Jacob, que não deve ter aguentado a pressão e confessou tudo.

Minha calma me surpreende. Talvez seja o vinho ou o monstro acordado que se diverte com tudo aquilo. Talvez seja o grande prazer de poder confrontar aquela mulher que acha que sabe de tudo.

Continue, peço enquanto misturo o pedaço de pão com o queijo fundido.

– Como vocês sabem, essas mulheres mal-amadas não são ameaça para mim. Ao contrário de vocês dois, não tenho confiança total em Jacob. Sei que já me traiu algumas vezes, porque a carne é fraca...

Jacob ri, nervoso, toma mais um gole de vinho. A garrafa acabou, Marianne faz sinal para o garçom, pedindo outra.

– ... mas procuro ver isso como parte de uma relação normal. Se meu homem não é desejado e perseguido por essas vagabundas, é porque deve ser completamente desinteressante. Em vez de ciúme, sabe o que sinto? Tesão. Muitas vezes tiro a roupa, me aproximo dele nua, abro as pernas e peço que faça comigo exatamente o que fez com elas. Às vezes peço que me conte como foi e isso me faz gozar muitas vezes durante o sexo.

– São as fantasias de Marianne – diz Jacob sem ser muito convincente. – Ela fica inventando essas coisas. Outro dia me perguntou se eu gostaria de ir a um clube de swing em Lausanne.

Claro que ele não estava brincando, mas todo mundo ri, inclusive ela.

Para meu horror, descubro que Jacob está adorando ser chamado de "macho infiel". Meu marido parece muito interessado na resposta de Marianne e pede que ela fale um pouco mais do tesão que sente ao saber de aventuras extraconjugais. Pede o endereço do clube de swing e me fita com os olhos brilhando. Diz que já está na hora de experimentarmos coisas diferentes. Não sei se está tentando controlar o clima quase insuportável na mesa ou se de fato está interessado em experimentar.

Marianne diz que não sabe o endereço, mas, se ele lhe der seu telefone, mandará por mensagem.

Hora de entrar em ação. Digo que, em geral, pessoas ciumentas procuram mostrar exatamente o contrário em público. Adoram fazer insinuações para ver se obtêm alguma informação a respeito do comportamento do parceiro, mas são ingênuas ao achar que vão conseguir isso. Eu, por exemplo, poderia ter um caso com seu marido e você jamais saberia, porque não sou idiota o bastante para cair nessa armadilha.

Meu tom de voz se altera um pouco. Meu marido me olha, surpreso com minha resposta.

– Meu amor, você não acha que está indo longe demais?

Não, não acho. Não fui eu quem começou esta conversa e não sei onde Madame König está querendo chegar. Mas desde que entramos aqui ela não para de insinuar coisas e estou farta disso. Por sinal, você não reparou como ela ficou o tempo todo me olhando enquanto nos fazia conversar sobre um assunto que não interessa a ninguém nesta mesa, exceto ela?

Marianne me olha espantada. Acho que não esperava nenhum tipo de reação, pois está acostumada a controlar tudo.

Digo que conheci muitas pessoas movidas por um ciúme obsessivo, e não porque achem que o marido ou a esposa esteja cometendo adultério, mas porque não são o centro das atenções o tempo todo, como gostariam. Jacob chama o garçom e pede a conta. Ótimo. Afinal, foram eles que convidaram e devem arcar com as despesas.

Olho o relógio e finjo uma grande surpresa: já passou da hora que combinamos com a babá! Levanto-me, agradeço o jantar e vou até a chapelaria pegar o casaco. A conversa já mudou para filhos e as responsabilidades que trazem.

– Será que ela achou mesmo que eu estava falando dela? – ouço Marianne perguntar ao meu marido.

– Claro que não. Não haveria motivo para isso.

Saímos para o ar frio sem conversar muito. Estou irritada, ansiosa e explico compulsivamente que sim, ela estava falando de mim, aquela mulher é tão neurótica que no dia das eleições já tinha feito várias insinuações. Está sempre querendo aparecer, deve morrer de ciúmes de um idiota que tem a obrigação de se comportar direito e que ela controla com mão de ferro para que tenha algum futuro na política, embora na verdade seja ela quem gostaria de estar nos palanques dizendo o que é certo ou errado.

Meu marido afirma que bebi demais e que é melhor me acalmar.

Passamos diante da catedral. Há uma bruma cobrindo de novo a cidade e tudo parece um filme de terror. Imagino que Marianne está em alguma esquina me esperando com um punhal, como nos tempos em que Genebra era uma cidade medieval, em constante luta com os franceses.

Nem o frio nem a caminhada me acalmam. Pegamos o carro e, ao chegar em casa, vou direto para o quarto e engulo dois comprimidos de Valium, enquanto meu marido paga à babá e põe as crianças na cama.

Durmo dez horas seguidas. No dia seguinte, quando me levanto para a rotina matinal, começo a achar que meu marido está um pouco menos carinhoso. É uma mudança quase imperceptível, mas ainda assim alguma coisa ontem o deixou desconfortável. Não sei direito o que fazer, jamais tomei dois calmantes de uma só vez. Estou em uma espécie de letargia que não parece nada com a que a solidão e a infelicidade provocavam.

Saio para o trabalho e, automaticamente, checo meu telefone celular. Há uma mensagem de Jacob. Hesito em abrir, mas a curiosidade é maior que o ódio.

Foi enviada esta manhã, bem cedo.

"Você estragou tudo. Ela nem imaginava que houvesse alguma coisa entre nós, mas agora tem certeza. Você caiu em uma armadilha que ela não armou."

Tenho que passar na droga do supermercado e fazer compras para a casa, como uma mulher mal-amada e frustrada. Marianne tem razão: não passo disso; e de um passatempo sexual para o cachorro estúpido que dorme na mesma cama que ela. Dirijo perigosamente porque não consigo parar de chorar e as lágrimas não me deixam ver direito os outros carros. Escuto buzinas e reclamações; tento ir mais devagar, ouço mais buzinas e mais reclamações.

Se foi estupidez deixar que Marianne suspeitasse de algo, mais estúpido ainda foi pôr tudo o que tenho em risco – meu marido, minha família, meu trabalho.

Enquanto dirijo, sob o efeito retardado de dois calmantes e com os nervos à flor da pele, entendo que agora também estou arriscando minha vida. Estaciono em uma rua lateral e choro. Meus soluços são tão altos que alguém se aproxima e pergunta se preciso de ajuda. Digo que não e a pessoa se afasta. Mas a verdade é que preciso de ajuda, sim – e muito. Estou mergulhando no meu interior, no mar de lama que há ali, e não consigo nadar direito.

Estou morrendo de ódio. Imagino que Jacob já se recuperou do jantar de ontem e não vai querer me ver nunca mais. A culpa é minha, por querer ir além dos meus limites, sempre achando que sou suspeita, que todos desconfiavam do que eu estava fazendo. Talvez seja uma boa ideia ligar para ele e pedir desculpas, mas sei que não me atenderá. Quem sabe não é ainda melhor ligar para o meu marido e ver se está tudo bem? Conheço a sua voz, sei quando está irritado e tenso, embora seja um mestre em se controlar. Mas não quero saber. Tenho muito medo. Meu estômago está embrulhado, minhas mãos, crispadas no volante, e eu me permito chorar o mais alto que consigo, gritar, fazer um escândalo no único lugar seguro do mundo: meu carro. A pessoa que se aproximou agora me olha de longe, com medo de que eu faça uma besteira. Não, não farei nada. Só quero chorar. Não é pedir muito, é?

Sinto que infligi abuso a mim mesma. Quero voltar atrás, só que isso é impossível. Quero estabelecer um plano para recuperar o terreno perdido, mas não consigo raciocinar direito. Tudo o que faço é chorar, sentir vergonha e ódio.

Como pude ser tão ingênua? Achar que Marianne estava olhando para mim e falando de coisas que já sabia? Porque eu me sentia culpada, uma criminosa. Queria humilhá-la, destruí-la na frente do marido, para que ele não me visse mais apenas como um passatempo. Sei que não o amo, mas ele estava me devolvendo pouco a pouco a alegria perdida e me afastando do poço de solidão no qual julgava estar afundada até o pescoço. E agora entendo que esses dias se foram para sempre. Tenho que voltar à realidade, ao supermercado, aos dias sempre iguais, à segurança da minha casa – antes tão importante para mim, mas que se transformou numa prisão. Preciso juntar os cacos que restaram de mim. Talvez confessar ao meu marido tudo o que aconteceu.

Sei que ele compreenderá. É um homem bom, inteligente, que sempre colocou a família em primeiro lugar. Mas e se não compreender? Se resolver que basta, que chegamos ao limite e que está cansado de viver com uma mulher que antes reclamava de depressão e agora lamenta ter sido abandonada pelo amante?

Os soluços diminuem e começo a pensar. Daqui a pouco o trabalho me espera, e não posso passar o dia inteiro nesta ruela repleta de lares de casais felizes, com

alguns enfeites de Natal nas portas, com as pessoas indo e vindo sem notar que estou ali, vendo meu mundo ruir e não podendo fazer nada.

Preciso refletir. Tenho que estabelecer uma lista de prioridades. Será que nos próximos dias, meses e anos conseguirei fingir que sou uma mulher devotada, e não um animal ferido? Disciplina nunca foi meu forte, mas não posso me comportar como uma desequilibrada.

Seco as lágrimas e olho para a frente. Hora de dar partida no carro? Ainda não. Espero mais um pouco. Se existe uma única razão para estar feliz pelo que aconteceu, é que estava ficando cansada de viver na mentira. Até onde meu marido não desconfia? Será que os homens percebem quando as mulheres fingem o orgasmo? É possível, mas não tenho como saber.

Saio do carro, pago o estacionamento por mais tempo que o necessário, assim posso ficar andando sem rumo. Ligo para o trabalho e dou uma desculpa esfarrapada: uma das crianças teve diarreia e preciso levá-la ao médico. Meu chefe acredita, afinal, os suíços não mentem.

Mas eu minto. Tenho mentido todos os dias. Perdi o amor-próprio e já não sei onde estou pisando. Os suíços vivem no mundo real. Eu vivo num mundo de fantasia. Os suíços sabem resolver seus problemas. Incapaz de resolver os meus, criei uma situação em que tinha a família ideal e o amante perfeito.

Caminho por esta cidade que amo, com seus estabelecimentos que – com exceção dos lugares para turistas – parecem ter parado nos anos 1950 e não têm a menor intenção de se modernizar. Faz frio, mas graças a Deus não está ventando, o que torna a temperatura suportável. Tentando me distrair e me acalmar, paro em uma livraria, em um açougue e em uma loja de roupas. Sempre que saio à rua de novo, sinto que a temperatura baixa ajuda a apagar a fogueira em que me transformei.

É possível se educar para amar o homem certo? Claro que sim. O problema é conseguir esquecer o homem errado, que entrou sem pedir licença porque estava passando e viu a porta aberta.

O que exatamente eu queria com Jacob? Sabia desde o início que nossa relação estava condenada, embora não pudesse imaginar que fosse acabar de uma maneira tão humilhante. Talvez eu quisesse apenas o que tive: aventura e alegria. Ou talvez eu quisesse mais – morar com ele, ajudá-lo a crescer na carreira, darlhe o apoio que parecia já não receber da esposa, o carinho que reclamou que não tinha em um dos nossos primeiros encontros. Arrancá-lo de casa como se arranca uma flor do jardim alheio, e plantá-lo no meu terreno, mesmo sabendo que flores não resistem a esse tipo de tratamento.

Sou tomada por uma onda de ciúme, mas desta vez não há lágrimas a derramar, apenas raiva. Paro de andar e sento-me no banco de um ponto de ônibus qualquer. Fico olhando as pessoas que chegam e partem, todas muito ocupadas em seus mundos tão pequenos que cabem na tela de um celular, do qual não desgrudam os olhos e os ouvidos.

Os ônibus vêm e vão. As pessoas descem e caminham apressadas, talvez por

causa do frio. Outras embarcam devagar, sem vontade de chegar em casa, no trabalho, na escola. Mas ninguém demonstra raiva ou entusiasmo, não são felizes nem tristes, são apenas almas penadas cumprindo mecanicamente a missão que o universo lhes destinou no dia em que nasceram.

Após algum tempo consigo relaxar um pouco. Identifiquei algumas peças de meu quebra-cabeça interior. Uma delas é o próprio motivo desse ódio que vem e vai, como os ônibus deste ponto. É possível que eu tenha perdido o que me era mais importante na vida: minha família. Fui vencida na batalha em busca da felicidade, e isso não só me humilha, mas me impede de ver o caminho adiante.

E meu marido? Preciso ter uma conversa franca com ele hoje à noite, confessar tudo. Tenho a impressão de que isso me libertará, mesmo que sofra as consequências. Estou cansada de mentir – para ele, para o meu chefe, para mim mesma.

Só que não quero pensar nisso agora. Mais do que qualquer outra coisa, é o ciúme que devora meus pensamentos. Não consigo me levantar deste ponto de ônibus porque descobri que há correntes presas ao meu corpo. São pesadas e é difícil arrastá-las.

Quer dizer que ela gosta de ouvir histórias de infidelidade enquanto está na cama com o marido, fazendo as mesmas coisas que ele fazia comigo? Quando ele pegou o preservativo na mesa de cabeceira, em nossa primeira vez, eu devia ter concluído que tinha outras mulheres. Pelo modo como me possuiu, eu tinha que saber que era apenas mais uma. Muitas vezes saí daquele maldito hotel com essa sensação, dizendo a mim mesma que não o veria de novo – e consciente de que aquilo era mais uma das minhas mentiras e que, se ele telefonasse, eu sempre estaria pronta, no dia e na hora que quisesse.

Sim, eu sabia de tudo isso. E tentava me convencer de que estava apenas em busca de sexo e aventura. Mas não era verdade. Hoje percebo que, apesar de ter negado isso em todas as minhas noites insones e meus dias vazios, eu estava apaixonada, sim. Perdidamente apaixonada.

Não sei o que fazer. Imagino – na verdade, tenho certeza – que todas as pessoas casadas sempre têm uma atração secreta por alguém. Isso é proibido, e flertar com o proibido é o que dá graça à vida. Mas são poucas as pessoas que levam isso adiante: uma em cada sete, como dizia a matéria que li no jornal. E acho que apenas uma em cem é capaz de se confundir a ponto de deixar-se levar pela fantasia, como eu fiz. Para a maioria, não passa de uma paixãozinha, algo que já se sabe desde o começo que não vai durar muito. Um pouco de emoção para tornar o sexo mais erótico e escutar gritos de “eu te amo” no momento do orgasmo. Nada além disso.

E se fosse meu marido que tivesse arranjado uma amante, como eu iria reagir? Seria radical. Diria que a vida é injusta comigo, que não valho nada, estou envelhecendo, faria um escândalo, choraria sem parar por ciúme, que na verdade seria inveja – ele consegue, e eu não. Sairia batendo a porta na mesma hora, e iria com as crianças para a casa dos meus pais. Dois ou três meses depois estaria arrependida, procurando alguma desculpa para voltar e imaginando que ele também desejaria isso. Após quatro meses já estaria apavorada com a possibilidade de ter que começar tudo de novo. Em cinco meses daria um jeito

de pedir para voltar, “pelo bem das crianças”, mas seria tarde demais: ele estaria morando com a amante, muito mais jovem e cheia de energia, bonita, que começou a lhe devolver a graça da vida.

O telefone toca. Meu chefe pergunta como está meu filho. Digo que estou em um ponto de ônibus e não consigo ouvir direito, mas está tudo bem, daqui a pouco chego no jornal.

Uma pessoa apavorada nunca enxerga a realidade. Prefere se esconder nas suas fantasias. Não posso continuar nesse estado por mais de uma hora, tenho que me recompor. O trabalho me espera e talvez isso me ajude.

Saio do ponto de ônibus e começo a caminhar de volta para o carro. Olho as folhas mortas no chão. Penso que, em Paris, já teriam sido recolhidas. Mas estamos em Genebra, uma cidade muito mais rica, e elas ainda estão ali.

Algum dia essas folhas fizeram parte de uma árvore, que agora se recolheu e se prepara para uma estação de repouso. Por acaso a árvore teve consideração com aquele manto verde que a cobria, a alimentava e lhe permitia respirar? Não. Pensou nos insetos que viviam ali e que ajudavam a polinizar as flores, mantendo a natureza viva? Não. A árvore só pensa em si: certas coisas, como folhas e insetos, são descartadas quando necessário.

Sou uma dessas folhas no chão da cidade, que viveu achando que seria eterna e morreu sem saber exatamente por quê; que amou o sol e a lua e durante muito tempo assistiu àqueles ônibus passando, àqueles bondes fazendo barulho, e ninguém jamais teve a delicadeza de lhe avisar que existia o inverno. Elas aproveitaram o máximo, até que um dia foram se tornando amarelas e a árvore lhes disse adeus.

Não disse até logo, mas adeus, sabendo que elas não voltariam nunca mais. E pediu ajuda ao vento para soltá-las de seus galhos o mais rápido possível e levá-las para bem longe. A árvore sabe que só poderá crescer se conseguir descansar. E se crescer, será respeitada. E poderá gerar flores ainda mais belas.

Chega. A melhor terapia para mim agora é o trabalho, porque já chorei todas as lágrimas que tinha e já pensei em tudo o que precisava pensar. Ainda assim não consegui me livrar de nada.

Entro no piloto automático, chego à rua onde estacionei e encontro um desses guardas de uniforme vermelho e azul escaneando a placa do meu carro com uma máquina.

– O veículo é seu?

Sim.

Ele continua seu trabalho. Não digo nada. A placa escaneada já entrou no sistema, foi enviada para a central, será processada e irá gerar uma correspondência com o selo discreto da polícia na janela de celofane dos envelopes oficiais. Terei trinta dias para pagar os 100 francos, mas posso também questionar a multa e gastar 500 francos com advogados.

– Passou vinte minutos. O período máximo aqui é de meia hora.

Apenas concordo com a cabeça. Vejo que ele fica surpreso – não estou

implorando que pare, argumentando que nunca mais farei isso, tampouco corri para interrompê-lo quando vi que estava ali. Não tive nenhuma das reações a que ele está acostumado.

Sai um tíquete da máquina que escaneou a placa do meu carro, como se estivéssemos em um supermercado. Ele o guarda num envelope de plástico (para proteger das intempéries) e se dirige ao para-brisa para prendê-lo no limpador. Aperto o botão na chave e as luzes piscam, indicando que a porta foi aberta.

Ele se dá conta da bobagem que estava prestes a fazer, mas como eu, está no piloto automático. O som das portas sendo destravadas o desperta, então ele se aproxima de mim e me entrega a multa.

Saímos os dois contentes. Ele porque não teve que aguentar reclamações; eu porque recebi um pouco daquilo que mereço: uma punição.

Não sei – mas descobrirei em breve – se meu marido está exercendo um supremo autocontrole ou se realmente não dá a menor importância ao que aconteceu.

Chego em casa na hora certa, depois de mais um dia de trabalho durante o qual apurei as coisas mais triviais do mundo: treinamento de pilotos, excesso de pinheiros de Natal no mercado, introdução de comandos eletrônicos em cruzamentos da via férrea. Isso me deu imensa alegria, porque não tinha condições físicas nem psicológicas para pensar muito.

Preparo o jantar como se esta fosse mais uma noite de rotina entre os milhares que já vivemos juntos. Passamos um tempo assistindo à televisão. As crianças sobem antes para o quarto, atraídas por seus tablets e pelos jogos onde matam terroristas ou militares, dependendo do dia.

Coloco os pratos na lava-louças. Meu marido vai tentar pôr nossos filhos para dormir. Até agora só conversamos sobre obrigações. Não sei dizer se foi sempre assim e eu que nunca notei, ou se está especialmente estranho hoje. Descobrirei daqui a pouco.

Enquanto ele está lá em cima, acendo a lareira pela primeira vez este ano: contemplar o fogo me tranquiliza. Vou revelar algo que imagino que ele já saiba, mas preciso de todos os aliados que puder ter. Por conta disso, abro também uma garrafa de vinho. Preparo uma tábua de queijos variados. Bebo meu primeiro gole e fixo o olhar nas chamas. Não me sinto ansiosa nem com medo. Chega dessa vida dupla. Qualquer coisa que acontecer hoje será melhor para mim. Se nosso casamento tiver que acabar, que seja assim: em um dia de outono, antes do Natal, olhando a lareira e conversando como pessoas civilizadas.

Ele desce, vê a cena preparada e não pergunta nada. Apenas se acomoda ao meu lado no sofá e também fica olhando o fogo. Bebe seu vinho e me preparo para completar sua taça, mas ele faz um gesto com a mão, indicando que já é suficiente.

Faço um comentário idiota: a temperatura está hoje abaixo de zero. Ele concorda com a cabeça.

Pelo visto, terei que tomar a iniciativa.

Realmente lamento o que aconteceu no jantar de ontem...

– Não foi culpa sua. Aquela mulher é muito estranha. Por favor, não me convide mais para esses encontros.

Sua voz parece calma. Mas todo mundo aprende, ainda criança, que antes das piores tempestades há um momento em que o vento para e tudo dá a impressão de estar absolutamente normal.

Insisto no assunto. Marianne demonstrava ciúme escondendo-se por trás da máscara de avançada e liberal.

– É verdade. O ciúme é aquele sentimento que fica nos dizendo: “Você pode perder tudo o que se esforçou tanto para conseguir.” Ele nos deixa cegos para todo o resto, para aquilo que vivemos com alegria, para os momentos felizes e para os elos criados durante essas ocasiões. Como é que o ódio pode apagar toda a história de um casal?

Ele está preparando o terreno para que eu diga tudo o que preciso. Continua:

– Todo mundo tem aqueles dias em que diz: “Bem, minha vida não está

exatamente de acordo com as minhas expectativas." Mas se a vida lhe perguntasse o que você tem feito por ela, qual seria a sua resposta?

É uma pergunta para mim?

– Não. Estou questionando a mim mesmo. Nada acontece sem esforço. É preciso ter fé. E, para isso, temos que derrubar as barreiras do preconceito, o que exige coragem. Para ter coragem, é preciso dominar o medo. E assim por diante. Vamos fazer as pazes com os nossos dias. Não podemos nos esquecer de que a vida está ao nosso lado. Ela também quer melhorar. Vamos ajudá-la!

Sirvo-me de mais uma taça de vinho. Ele põe mais lenha no fogo. Quando terei coragem de confessar?

Ele, porém, não parece disposto a me deixar falar.

– Sonhar não é tão simples quanto parece. Pelo contrário. Pode ser perigoso. Quando sonhamos, colocamos em marcha energias poderosas e já não podemos esconder de nós mesmos o verdadeiro sentido de nossa vida. Quando sonhamos, também fazemos uma escolha do preço a pagar.

Agora. Quanto mais eu demorar, mais sofrimento causarei a nós dois.

Ergo a taça, faço um brinde e digo que há algo incomodando muito minha alma. Ele responde que já conversamos sobre isso no Le Valon, quando abri meu coração e falei do meu medo de estar deprimida. Explico que não é a isso que estou me referindo.

Ele me interrompe e continua seu raciocínio:

– Correr atrás de um sonho tem um preço. Pode exigir que abandonemos nossos hábitos, pode nos fazer passar por dificuldades, pode nos levar a decepções, etc. Porém, por mais caro que seja, nunca é tão alto quanto o preço pago por quem não viveu. Porque essa pessoa um dia vai olhar para trás e escutará o próprio coração dizer: "Desperdicei minha vida."

Ele não está facilitando as coisas para mim. Suponhamos que o que tenha a dizer não seja uma bobagem, que seja algo realmente concreto, verdadeiro, ameaçador?

Ele ri.

– Controlei o ciúme que sinto de você e estou feliz por isso. Sabe por quê? Porque sempre tenho que me mostrar digno do seu amor. Tenho que lutar pelo nosso casamento, pela nossa união, e isso não tem nada a ver com nossos filhos. Eu amo você. Suportaria tudo, absolutamente qualquer coisa, para tê-la sempre ao meu lado. Mas não posso impedi-la de partir um dia. Portanto, se esse dia chegar, você estará livre para ir embora e buscar sua felicidade. O meu amor por você é mais forte que tudo e eu jamais a impediria de ser feliz.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Até agora não sei ao certo do que ele está falando. Se é apenas uma conversa sobre ciúme, ou se está me dando um recado.

– Não tenho medo da solidão – prossegue. – Tenho medo de viver me iludindo, olhando a realidade como eu gostaria que fosse, e não como realmente é.

Ele pega minha mão.

– Você é uma bênção na minha vida. Posso não ser o melhor marido do mundo, porque quase nunca demonstro meus sentimentos. E sei que sente falta disso. Sei também que, por isso, você pode achar que não é importante para

mim, pode se sentir insegura, coisas do tipo. Mas não é assim. Devemos nos sentar mais em frente à lareira e conversar sobre qualquer coisa, menos ciúme. Porque isso não me interessa. Quem sabe não seja bom viajarmos juntos, só nós dois? Passar o Ano-novo em uma cidade diferente ou até mesmo em algum lugar que já conhecemos?

Mas e as crianças?

– Tenho certeza de que os avós ficariam radiantes de cuidar delas.

E completa:

– Quando se ama, é preciso estar preparado para tudo. Porque o amor é como um caleidoscópio, do tipo que usávamos para brincar quando crianças. Está em constante movimento e nunca se repete. Quem não entende isso está condenado a sofrer por algo que só existe para nos fazer felizes. E sabe o que é pior? As pessoas como aquela mulher, sempre preocupadas com o que os outros pensam de seu casamento. Para mim, isso não importa. Só o que conta é o que você pensa.

Encosto a cabeça em seu ombro. Tudo o que eu tinha a dizer perdeu a importância. Ele sabe o que está acontecendo e consegue lidar com a situação de uma maneira que eu jamais seria capaz.

– É simples: desde que você não esteja agindo de maneira ilegal, ganhar ou perder dinheiro no mercado financeiro é permitido.

O ex-magnata procura manter a pose de um dos homens mais ricos do mundo. Mas sua fortuna evaporou em menos de um ano, quando os grandes financistas descobriram que estava vendendo sonhos. Procuro mostrar interesse pelo que diz. Afinal, fui eu que pedi ao meu chefe para largar definitivamente a série de matérias sobre a busca de soluções para o estresse.

Faz uma semana que recebi a mensagem de Jacob dizendo que eu havia estragado tudo. Uma semana desde que vaguei em prantos pela rua, momento que em breve me será lembrado por causa de uma multa de trânsito. Uma semana desde aquela conversa com meu marido.

– Sempre temos que saber como vender uma ideia. É nisso que constitui o sucesso de qualquer pessoa: saber vender aquilo que deseja – continua o ex-magnata.

Meu caro, apesar de sua pompa, de sua aura de seriedade e da suíte neste hotel de luxo; apesar da vista magnífica e das roupas impecavelmente talhadas por um alfaiate londrino, desse sorriso e desse cabelo pintado com extremo cuidado, de modo a deixar alguns fios brancos para dar a impressão de "naturalidade"; apesar da segurança com que fala e se movimenta, de uma coisa entendo melhor que você: sair por aí vendendo uma ideia não é tudo. É preciso encontrar quem a compre. Isso vale para os negócios, para a política e para o amor.

Imagino, meu caro ex-milionário, que entenda do que estou falando: você tem gráficos, assistentes, apresentações... mas as pessoas querem é resultado.

O amor também quer resultados, mesmo que todos digam que não, que o ato de amar se justifica por si mesmo. É assim? Eu poderia estar caminhando pelo Jardim Inglês, com meu casaco de pele comprado quando meu marido visitou a Rússia, olhando o outono, sorrindo para o céu e dizendo: "Eu amo, e isso basta." Seria verdade?

Claro que não. Eu amo, mas em troca quero alguma coisa concreta – mãos dadas, beijos, sexo ardente, um sonho para dividir, a possibilidade de criar uma nova família, de educar meus filhos, de envelhecer ao lado da pessoa amada.

– Precisamos de uma meta muito clara para qualquer passo dado – explica a figura patética na minha frente, com um sorriso aparentemente confiante.

Pelo visto, estou de novo beirando a loucura. Acabo relacionando tudo o que ouço ou que leio à minha situação afetiva, até mesmo esta entrevista entediante com esse personagem chato. Penso no assunto 24 horas por dia – andando pela rua, cozinhando, ou gastando preciosos momentos da minha existência ouvindo coisas que, em vez de me distraírem, me empurram mais para o abismo de onde estou despencando.

– O otimismo é contagiante...

O ex-magnata não para de falar, certo de que conseguirá me convencer, de que publicarei isso no jornal e ele começará sua redenção. É ótimo entrevistar pessoas assim. Só precisamos fazer uma pergunta, e elas falam por uma hora. Diferentemente de minhas conversas com o cubano, desta vez não estou prestando atenção em uma palavra sequer. O gravador está ligado e depois irei reduzir este monólogo a seiscentas palavras, o equivalente a mais ou menos

quatro minutos de conversa.
O otimismo é contagiante, afirma ele.
Se fosse assim, bastaria ir até a pessoa amada com um sorriso imenso, cheia de planos e ideias, e saber como apresentar o pacote. Funciona? Não. Contagiante mesmo é o medo, o constante pavor de nunca encontrar alguém que nos acompanhe até o fim de nossos dias. E em nome desse medo somos capazes de fazer qualquer coisa, aceitar a pessoa errada e nos convencer de que ela é a certa, a única, a que Deus pôs em nosso caminho. Em muito pouco tempo a busca pela segurança se transforma em amor sincero, as coisas ficam menos amargas e difíceis, e nossos sentimentos podem ser colocados em uma caixa e empurrados para o fundo de um armário em nossa cabeça, onde permanecerá escondido e invisível para sempre.
– Algumas pessoas dizem que sou um dos homens mais bem relacionados do meu país. Conheço outros empresários, políticos, industriais. O que está acontecendo com minhas empresas é temporário. Em breve você testemunhará meu retorno.
Também sou uma pessoa bem relacionada, conheço o mesmo tipo de gente que ele conhece. Mas não quero preparar meu retorno. Quero apenas um desfecho civilizado para um desses "relacionamentos".
Porque as coisas que não terminam claramente sempre deixam uma porta aberta, uma possibilidade inexplorada, uma chance de que tudo ainda possa voltar a ser como antes. Não, não estou acostumada com isso, embora conheça muita gente que adora essa situação.
O que estou fazendo? Comparando economia com amor? Tentando estabelecer relações entre o mundo financeiro e o mundo afetivo?
Faz uma semana que não tenho notícias de Jacob. Faz também uma semana que minha relação com meu marido voltou ao normal, depois daquela noite em frente à lareira. Será que conseguiremos, nós dois, reerguer nosso casamento?
Até a primavera deste ano eu era uma pessoa normal. Certo dia descobri que tudo o que tinha poderia desaparecer de uma hora para outra e, em vez de reagir como uma pessoa inteligente, entrei em pânico. Isso me levou à inércia. Apatia. Incapacidade de reagir e de mudar. E depois de muitas noites insones, de muitos dias sem achar nenhuma graça na vida, fiz exatamente aquilo que mais temia: caminhei no sentido oposto, desafiando o perigo. Sei que não sou a única, as pessoas têm essa tendência à autodestruição. Por acaso, ou porque a vida queria me testar, encontrei alguém que me pegou pelos cabelos – tanto no sentido literal quanto no figurado –, me sacudiu, afastou a poeira que já estava se acumulando e me fez respirar de novo.
Tudo absolutamente falso. O tipo de felicidade que os dependentes químicos devem encontrar quando se drogam. Cedo ou tarde o efeito passa, e o desespero se torna ainda maior.
O ex-magnata começa a falar de dinheiro. Não perguntei nada sobre isso, mas ele fala mesmo assim. Tem uma necessidade imensa de dizer que não está pobre, que pode manter seu estilo de vida por muitas décadas.
Não aguento mais ficar aqui. Agradeço a entrevista, desligo o gravador e vou pegar meu casaco.

– Está livre hoje à noite? Podemos tomar um drinque e terminar esta conversa – sugere ele.

Não é a primeira vez que isso acontece. Na verdade, é quase uma regra comigo. Sou bonita e inteligente – embora Madame König não admita isso – e já usei meu charme para conseguir que certas pessoas falassem coisas que normalmente não diriam a jornalistas, sempre alertando que poderia publicar tudo. Mas os homens... ah, os homens! Eles fazem o possível e o impossível para esconder suas fragilidades e qualquer garota de 18 anos consegue manipulá-los sem muito esforço.

Agradeço o convite e digo que já tenho compromisso para aquela noite. Fico tentada a perguntar como sua mais recente namorada reagiu à onda de notícias negativas sobre ele e a derrocada de seu império. Mas posso imaginar e isso não interessa ao jornal.

Saio, atravesso a rua e vou até o Jardim Inglês, onde, momentos antes, eu me imaginava caminhando. Sigo até uma sorveteria tradicional na esquina da rua 31 de Dezembro. Gosto do nome dessa rua, pois sempre me lembra de que, cedo ou tarde, outro ano vai terminar, e farei de novo grandes promessas para o seguinte.

Peço um sorvete de pistache com chocolate. Ando até o cais, tomo meu sorvete olhando para o símbolo de Genebra, o jato de água que se projeta rumo ao céu, criando uma cortina de gotículas na minha frente. Turistas se aproximam e tiram fotos, que sairão mal iluminadas. Não seria mais fácil comprar um cartão-postal?

Já visitei muitos monumentos no mundo. Homens imponentes cujo nome já foi esquecido, mas que permanecem eternamente montados em seus lindos cavalos. Mulheres que estendem coroas ou espadas para o céu, simbolizando vitórias que já não constam mais nem em livros escolares. Crianças solitárias e sem nome, esculpidas em pedra, a inocência perdida para sempre durante as horas e dias em que foram obrigadas a posar para algum artista cujo nome a história também já apagou.

No fim, com pouquíssimas exceções, não são as estátuas que marcam a cidade, mas as coisas inesperadas. Quando Eiffel construiu uma torre de aço para uma exposição, nem sonhava que aquilo acabaria se tornando o símbolo de Paris – apesar do Louvre, do Arco do Triunfo, dos imponentes jardins. Uma maçã representa Nova York. Uma ponte não muito frequentada é o símbolo de São Francisco. Outra, esta sobre o Tejo, está nos cartões-postais de Lisboa. Barcelona tem uma catedral inacabada como seu monumento mais emblemático.

É assim com Genebra. Justamente nesse ponto o lago Léman se encontra com o rio Rhône, provocando uma correnteza muito forte. Para aproveitar a força hidráulica (somos mestres em aproveitar as coisas) foi construída uma hidrelétrica, mas quando os trabalhadores voltavam para casa e fechavam as válvulas, a pressão era muito grande e as turbinas acabavam estourando.

Até que um engenheiro teve a ideia de pôr uma fonte no local, permitindo o

escoamento do excesso de água.

Com o tempo, a engenharia solucionou o problema e a fonte se tornou desnecessária. Mas em um plebiscito os habitantes decidiram mantê-la. A cidade já possuía muitas fontes e esta ficava no meio de um lago. O que fazer para torná-la visível?

Foi assim que o monumento mutante nasceu. Poderosas bombas foram instaladas e hoje em dia ele é um jato fortíssimo, que jorra 500 litros de água por segundo, a 200 quilômetros por hora. Dizem, e já comprovei, que pode ser visto até de um avião, a 10 mil metros de altura. Não tem um nome especial; chama-se Jet d'Eau (jato de água) mesmo, o símbolo da cidade – apesar de todas as esculturas de homens a cavalo, mulheres heroicas, crianças solitárias.

Uma vez perguntei a Denise, uma cientista suíça, o que ela achava do Jet d'Eau.

– Nosso corpo é quase todo feito de água, através da qual passam as descargas elétricas que comunicam informações. Uma dessas informações é chamada de amor e pode interferir em todo o organismo. O amor muda o tempo todo. Penso que o símbolo de Genebra é o mais lindo monumento ao amor concebido pela arte do homem, porque também nunca é o mesmo.

Pego o celular e ligo para o gabinete de Jacob. Sim, poderia telefonar direto para o número pessoal dele, mas não quero. Falo com seu assistente e aviso que estou indo encontrá-lo.

O assistente me conhece. Pede que eu aguarde na linha e irá confirmar em seguida. Um minuto depois volta e pede desculpas, mas a agenda está cheia, quem sabe no início do ano que vem? Digo que não, que preciso encontrá-lo logo; o assunto é urgente.

"O assunto é urgente" nem sempre abre muitas portas, mas neste caso tenho certeza de que minhas chances são boas. Desta vez o assistente demora dois minutos. Pergunta se pode ser no início da próxima semana. Aviso que estarei lá em vinte minutos.

Agradeço e desligo.

Jacob pede que eu me vista logo – afinal de contas seu gabinete é um lugar público, bancado pelo dinheiro do Estado e, se descobrirem, ele pode ir para a cadeia. Estudo com atenção as paredes cobertas por painéis de madeira trabalhada e os belos afrescos no teto. Continuo deitada, completamente nua, no sofá de couro já bastante gasto pelo tempo.

Ele fica cada vez mais nervoso. Está de paletó e gravata, olhando o relógio, ansioso. A hora do almoço acabou. Seu secretário particular já está de volta; bateu discretamente na porta, escutou "estou em reunião" em resposta e não insistiu. Desde então já se passaram quarenta minutos – levando junto algumas audiências e encontros que devem estar sendo desmarcados.

Quando cheguei, Jacob me cumprimentou com três beijinhos no rosto e apontou, de modo formal, a cadeira diante de sua mesa. Não precisei da minha intuição feminina para perceber quanto ele estava assustado. Qual o motivo daquele encontro? Não entendo que está com a agenda apertadíssima, porque logo começará o recesso parlamentar e precisa resolver vários assuntos importantes? Será que não li a mensagem que me mandou, dizendo que sua mulher agora estava convencida de que havia algo entre nós? Precisamos esperar algum tempo, deixar as coisas esfriarem, antes de voltarmos a nos encontrar.

– Claro que neguei tudo. Fingi que estava profundamente chocado com suas insinuações. Disse que minha dignidade tinha sido ofendida. Que estava farto dessa desconfiança e que ela podia perguntar a qualquer pessoa sobre meu comportamento. Não foi ela mesma que disse que o ciúme era um sinal de inferioridade? Fiz o que pude, e ela se limitou responder: "Deixa de ser bobo. Não estou reclamando de nada, só estou dizendo que descobri por que andava tão gentil e educado ultimamente. Foi..."

Não o deixei terminar a frase. Levantei-me e o agarrei pelo colarinho. Ele achou que eu iria agredi-lo. Mas em vez disso lhe dei um longo beijo. Jacob ficou completamente sem reação, pois imaginara que tinha ido ali para fazer um escândalo. Mas continuei beijando sua boca, seu pescoço, enquanto desatava o nó da gravata.

Ele me empurrou. Dei-lhe um tapa na cara.

– Só preciso trancar a porta antes. Também estava com saudades.

Atravessou o escritório bem decorado, com móveis do século XIX, passou a chave e, quando voltou, eu já estava seminua – só de calcinha.

Enquanto arrancava suas roupas, ele começou a chupar meus seios. Gemi de prazer, ele tapou minha boca com a mão, mas balancei a cabeça e continuei gemendo baixinho.

Minha reputação também está em jogo, como você pode imaginar. Não se preocupe.

Foi o único momento em que paramos e falei alguma coisa. Em seguida me ajoelhei e comecei a chupá-lo. Novamente, ele segurava minha cabeça, ditando o ritmo – mais rápido, cada vez mais rápido. Mas eu não queria que gozasse na minha boca. Empurrei-o e fui para o sofá de couro, onde me recostei, com as pernas abertas. Ele se agachou e começou a lamber meu sexo. Quando tive o primeiro orgasmo, mordi minha mão para não gritar. A onda de prazer parecia

não terminar nunca e eu continuava mordendo a mão.

Então chamei seu nome, disse que entrasse em mim e fizesse tudo o que tinha vontade. Ele me penetrou, me agarrou pelos ombros e me sacudiu como um selvagem. Empurrou minhas pernas na direção dos meus ombros para que pudesse entrar mais fundo. Foi aumentando o ritmo, mas ordenei que não gozasse ainda. Eu precisava de mais e mais e mais.

Ele me pôs no chão, de quatro como um cachorro, me bateu e me penetrou de novo, enquanto eu mexia descontroladamente a cintura. Pelos seus gemidos sufocados, notei que estava prestes a gozar, que já não conseguia se controlar. Fiz com que saísse de dentro de mim, virei-me e pedi que entrasse de novo, olhando nos meus olhos, dizendo as coisas sujas que adorávamos dizer um para o outro sempre que fazíamos amor. Falei as coisas mais baixas que uma mulher pode falar para um homem. Ele chamava meu nome baixinho, pedindo-me que dissesse que o amava. Mas eu só falava palavrões e exigia que me tratasse como uma prostituta, uma qualquer, que me usasse como escrava, alguém que não merece respeito.

Meu corpo estava todo arrepiado. O prazer vinha em ondas. Gozei outra vez, e mais outra, enquanto ele se controlava para prolongar aquilo o máximo possível. Nossos corpos se chocavam com violência, provocando ruídos surdos que ele já não se incomodava que pudessem ser ouvidos por alguém atrás da porta.

Com os olhos fixos nos dele e ouvindo-o repetir meu nome a cada movimento, entendi que ele gozaria, e não estava com preservativo. Mais uma vez me mexi, fazendo com que saísse de dentro de mim e pedi que gozasse na minha cara, na minha boca, e dissesse que me amava.

Jacob fez exatamente o que mandei, enquanto eu me masturbava e gozava junto com ele. Em seguida me abraçou, apoiou a cabeça no meu ombro, limpou os cantos da minha boca com as mãos, e tornou a dizer, muitas vezes, que me amava e que tinha sentido muito a minha falta.

Mas agora pede que eu me vista, e não me mexo. Voltou a ser o menino bem-comportado que os eleitores admiram. Sente que há alguma coisa errada, mas não sabe dizer o que é. Começa a entender que não estou ali apenas porque ele é um amante maravilhoso.

– O que você quer?

Pôr um ponto final. Terminar, por mais que isso me parta o coração e me deixe emocionalmente em frangalhos. Olhar nos seus olhos e dizer que acabou. Nunca mais.

A última semana tenha sido de um sofrimento quase insuportável. Chorara lágrimas que não tinha e me perder em pensamentos nos quais me via sendo carregada para o campus da universidade, onde sua mulher trabalha, internada à força do hospício que existe ali. Achei que tivesse fracassado em tudo, menos no trabalho e como mãe. Estive a um passo da vida e da morte a cada minuto, sonhando com tudo o que poderia ter vivido com ele, se ainda fôssemos dois adolescentes olhando juntos para o futuro, como se fosse a primeira vez. Mas houve um momento em que entendi que havia chegado ao limite do desespero, não dava para afundar mais, e quando olhava para cima havia uma única mão estendida: a do meu marido.

Ele também deve ter desconfiado, porém seu amor foi mais forte. Tentei ser honesta, contar tudo e tirar aquele peso das costas, mas não houve necessidade. Ele me fez ver que, independentemente das escolhas que eu fizesse na vida, estaria sempre ao meu lado e por isso meu fardo era leve.

Entendi que eu estava me culpando e me cobrando por coisas pelas quais ele não me condenava nem me culpava. Eu dizia a mim mesma: "Não sou digna deste homem, ele não sabe quem eu sou."

Mas sabe, sim. E é isso que me permite voltar a ter respeito por mim mesma e recuperar o amor-próprio. Porque, se um homem como ele, que não teria dificuldade alguma para arranjar uma companheira no dia seguinte à separação, quer ficar do meu lado mesmo assim, é porque valho alguma coisa; valho muito.

Descobri que podia voltar a dormir do lado dele sem me sentir suja nem achar que o estava traindo. Eu me senti amada e achei que merecia esse amor.

Levanto-me, recolho minhas roupas e vou até seu banheiro privativo. Ele sabe que é a última vez que me vê nua.

Existe um longo processo de cura pela frente, continuo ao voltar ao gabinete. Imagino que esteja sentindo a mesma coisa, mas tenho certeza de que tudo o que Marianne quer é que esta aventura termine, para que possa voltar a abraçá-lo com o mesmo amor e a mesma segurança de antes.

– Sim, mas ela não me diz nada. Entendeu o que estava acontecendo e se fechou ainda mais. Nunca foi carinhosa, e agora parece um autômato, dedicando-se ao trabalho mais do que nunca. É sua maneira de fugir.

Ajeito minha saia, calço os sapatos, tiro um pacote da bolsa e o deixo em cima de sua mesa.

– O que é isso?

Cocaína.

– Eu não sabia que você...

Ele não precisa saber de nada, penso. Não precisa saber até onde eu estava disposta a ir para lutar pelo homem por quem estava perdidamente apaixonada. A paixão ainda existe, mas a chama enfraquece a cada dia. Sei que acabará se extinguindo por completo. Qualquer rompimento é doloroso e posso sentir essa dor em cada fibra do meu corpo. É a última vez que o vejo a sós. Tornaremos a nos encontrar em festas e coquetéis, em eleições e entrevistas coletivas, porém nunca mais estaremos assim como estivemos hoje. Foi ótimo ter feito amor desse jeito e terminar como começamos: totalmente entregues um ao outro. Eu sabia que era a última vez; ele, não, mas não podia dizer nada.

– O que devo fazer com isso?

Jogue fora. Custou-me uma pequena fortuna, mas jogue fora. Assim você me liberta do vício.

Não explico de que vício exatamente estou falando. Ele tem um nome: Jacob König.

Vejo sua expressão de surpresa e sorrio. Despeço-me com três beijos em seu rosto e saio. Na antessala, viro-me para seu assessor e aceno. Ele desvia o olhar, finge que está concentrado em uma pilha de papéis e apenas murmura uma despedida.

Quando já estou na calçada, ligo para o meu marido e digo que prefiro passar

o réveillon em casa, com as crianças. Se ele quiser viajar, que seja no Natal.

– Vamos dar uma volta antes do jantar?

Concordo com a cabeça, mas não me mexo. Olho fixamente o parque diante do hotel e, para além dele, o Jungfrau, perpetuamente nevado, iluminado pelo sol da tarde.

O cérebro humano é fascinante: esquecemos um cheiro até senti-lo de novo, apagamos uma voz da memória até que a ouvimos outra vez, e até as emoções que pareciam enterradas para sempre podem ser despertadas quando voltamos ao mesmo lugar.

Viajo de volta no tempo, para quando estivemos em Interlaken pela primeira vez. Na época nos hospedamos em um hotel barato, andamos de um lago para outro várias vezes, e era sempre como se estivéssemos descobrindo um novo caminho. Meu marido ia correr a louca maratona que tem grande parte de seu percurso nas montanhas. Eu tinha orgulho do seu espírito de aventura, de conquistar o impossível, de exigir sempre mais de seu corpo.

Não era o único doido a fazer isso: vinha gente de todos os cantos do mundo, os hotéis estavam lotados, e as pessoas confraternizavam nos muitos bares e restaurantes da pequena cidade de 5 mil habitantes. Não tenho ideia de como é Interlaken no outono, mas da minha janela parece mais vazia, mais distante.

Desta vez, nos hospedamos no melhor hotel. Temos uma bela suíte. Na mesa está o cartão do diretor, nos cumprimentando e nos oferecendo uma garrafa de champanhe, que já esvaziamos.

Ele me chama. Volto à realidade e descemos para andar um pouco pelas ruas antes que a noite caia.

* * *

Se ele me perguntar se está tudo bem, vou mentir, pois não posso estragar sua alegria. Mas a verdade é que as feridas em meu coração estão custando a cicatrizar. Ele lembra o banco onde nos sentamos para tomar café certa manhã e fomos abordados por um casal de neo-hippies estrangeiros pedindo dinheiro. Passamos diante de uma das igrejas, os sinos tocam, ele me beija e eu retribuo, fazendo tudo para esconder o que sinto.

Não caminhamos de mãos dadas por causa do frio – as luvas me dão aflição. Paramos em um bar simpático e bebemos um pouco. Vamos até a estação de trem. Ele compra o mesmo souvenir que comprou da outra vez – um isqueiro com o símbolo da cidade. Na época, fumava e corria maratonas.

Hoje não fuma mais e acha que seu fôlego diminui a cada dia. Está sempre arfando quando caminhamos depressa e, embora tenha tentado esconder, notei que ficou mais cansado do que o normal quando corremos à beira do lago, em Nyon.

Meu telefone está vibrando. Demoro uma eternidade para encontrá-lo em minha bolsa. Quando consigo, a pessoa já desligou. Na tela, o aviso de ligação perdida mostra que era minha amiga, aquela que teve depressão e, graças aos remédios, hoje é uma pessoa feliz de novo.

– Se quiser retornar, não me incomodo.

Pergunto por que deveria retornar. Ele não está feliz com minha companhia?

Quer ser interrompido por pessoas que não têm nada mais a fazer além de passar horas ao telefone, em conversas absolutamente irrelevantes?

Ele também se irrita comigo. Talvez seja o efeito da garrafa de champanhe somada aos dois copos de aquavita que acabamos de tomar. Sua irritação me acalma e me deixa mais à vontade: estou caminhando ao lado de um ser humano, com emoções e sentimentos.

Como Interlaken é estranha sem a maratona, comento. Parece uma cidade fantasma.

– Aqui não há pistas de esqui.

Nem poderia haver. Estamos no meio de um vale, com montanhas altíssimas dos dois lados e os lagos nas extremidades.

Ele pede mais dois copos de gim. Sugiro que mudemos de bar, mas ele está decidido a combater o frio com bebida. Não fazemos isso há muito tempo.

– Sei que se passaram apenas dez anos, mas quando estivemos aqui pela primeira vez, eu era jovem. Tinha ambições, gostava de espaços livres e não me deixava intimidar pelo desconhecido. Será que mudei muito?

Você tem apenas 30 anos. Por acaso é um velho?

Ele não responde. Vira a bebida de uma só vez e fica olhando o vazio. Já não é o marido perfeito e, por incrível que pareça, isso me alegra.

Saímos do bar e voltamos ao hotel. No caminho tem um belo e charmoso restaurante, mas já fizemos reserva em outro lugar. Ainda é muito cedo – a placa informa que o jantar começa a ser servido apenas às 19h.

– Vamos tomar mais um gim.

Quem é este homem ao meu lado? Será que Interlaken despertou memórias perdidas e a caixa do terror foi aberta?

Não digo nada. E começo a ter medo.

Pergunto se devemos cancelar nossa reserva no restaurante italiano e jantarmos aqui mesmo.

– Tanto faz.

Tanto faz? Será que agora ele sente na pele tudo pelo que passei quando julgava estar deprimida?

Para mim não é “tanto faz”. Quero ir ao restaurante que reservamos. O mesmo em que trocamos juras de amor.

– Esta viagem foi uma péssima ideia. Prefiro voltar amanhã mesmo. Eu tinha a melhor das intenções: viver de novo o amanhecer de nosso amor. Mas isso é possível? Claro que não. Somos maduros. Agora vivemos sob uma pressão que não existia antes. Precisamos manter recursos básicos de educação, saúde, alimentação. Procuramos nos divertir nos fins de semana porque é o que todo mundo faz e, como não temos vontade de sair de casa, achamos que há algo de errado conosco.

Eu nunca tenho vontade. Prefiro ficar sem fazer nada.

– Eu também. Mas e nossos filhos? Eles querem outra coisa. Não podemos deixá-los trancados com seus computadores. São jovens demais para isso. Então nos forçamos a levá-los a algum lugar, fazemos as mesmas coisas que nossos pais faziam conosco, e nossos avós faziam com nossos pais. Uma vida *normal*. Somos uma família emocionalmente estruturada. Se um de nós precisa de ajuda,

o outro está sempre pronto a fazer o possível e o impossível.

Entendo. Como viajar para um lugar cheio de recordações, por exemplo.

Mais um copo de gim. Ele fica um tempo em silêncio antes de responder ao meu comentário.

– Isso mesmo. Mas acha que as lembranças podem preencher o presente? Muito pelo contrário: elas estão me sufocando. Estou descobrindo que não sou mais a mesma pessoa. Até chegar aqui e tomar aquela garrafa de champanhe, tudo estava bem. Agora me dou conta de que estou longe de viver como sonhava quando visitei Interlaken pela primeira vez.

E o que sonhava?

– Era bobagem. Mesmo assim era meu sonho. E poderia tê-lo realizado.

Mas o que era?

– Vender tudo o que tinha na época, comprar um barco e percorrer o mundo com você. Meu pai ficaria furioso por eu não seguir seus passos, mas não teria a menor importância. Iríamos parando em portos, fazendo trabalhos esporádicos que nos dessem o suficiente para seguir adiante, e logo que juntássemos o dinheiro necessário, zarparíamos de novo. Estar com pessoas que nunca vimos e descobrir lugares que não figuram nos guias de turismo. Aventura. Meu único desejo era *a-ven-tu-ra*.

Ele pede mais um copo de gim e o bebe com uma rapidez que nunca vi. Paro de beber, porque já estou me sentindo enjoada; não comemos nada até agora. Gostaria de dizer que, se tivesse realizado seu desejo, eu teria sido a mulher mais feliz do mundo. Mas é melhor ficar calada ou ele vai se sentir pior.

– Então veio o primeiro filho.

E daí? Deve haver milhões de casais com filhos fazendo exatamente o que ele sugeriu.

Ele reflete um pouco.

– Milhões eu não diria. Talvez milhares.

Seus olhos mudam; já não demonstram agressividade, mas tristeza.

– Há momentos em que paramos para analisar o todo: nosso passado e nosso presente. O que aprendemos e quanto erramos. Sempre tive medo desses momentos. Consigo enganá-los, afirmando que fiz as melhores escolhas, mas que elas requerem um pouco de sacrifício de minha parte. Nada grave.

Sugiro que caminhemos um pouco. Seus olhos estão começando a ficar estranhos, sem brilho.

Ele dá um soco na mesa. A mulher do restaurante olha assustada e peço mais um copo de gim para mim. Ela nega. Está na hora de fechar o bar porque daqui a pouco começa o jantar. E traz a conta.

Imagino que meu marido vá reagir. Mas apenas pega a carteira e atira uma nota no balcão. Pega minha mão e saímos para o frio.

– Temo que, se pensar muito em tudo o que poderia ter sido e não fui, entrarei em um buraco escuro...

Conheço essa sensação. Conversamos sobre isso no restaurante, quando lhe abri minha alma.

Ele parece não me ouvir.

– ... lá no fundo vou encontrar uma voz me dizendo: nada disso faz sentido. O

universo já existia há bilhões de anos, continuará existindo depois que você morrer. Vivemos em uma partícula microscópica de um gigantesco mistério, continuamos sem respostas para nossos questionamentos de infância: existe vida em outro planeta? Se Deus é bom, por que permite o sofrimento e a dor dos outros? Coisas assim. E o que é pior: o tempo continua a passar. Muitas vezes, sem nenhuma razão aparente, sinto um pavor imenso. Às vezes é quando estou no trabalho, no carro, quando coloco as crianças para dormir. Eu as olho com carinho e medo: o que acontecerá com elas? Vivem em um país que nos dá segurança e tranquilidade, mas e o futuro?

Sim, entendo o que está dizendo. Imagino que não somos os únicos a pensar assim.

– Então vejo você preparando o café da manhã ou o jantar e vez por outra penso que daqui a uns cinquenta anos, ou menos até, um de nós estará dormindo sozinho na cama, chorando todas as noites porque fomos felizes um dia. Os filhos estarão longe, criados. Aquele que sobreviveu estará doente, sempre precisando de ajuda de estranhos.

Ele se cala e continuamos a andar em silêncio. Passamos por uma placa anunciando uma festa de réveillon. Ele a chuta com violência. Dois ou três passantes nos olham.

– Desculpe-me. Não queria dizer tudo isso. Trouxe você aqui para que se sentisse melhor, sem as pressões que suportamos todos os dias. A culpa é da bebida.

Estou abismada.

Passamos por um grupo de moças e rapazes que conversam animadamente entre latas de cerveja espalhadas por todos os cantos. Meu marido, em geral sério e tímido, se aproxima e os convida para beber um pouco mais.

Os jovens olham assustados. Peço desculpas, dou a entender que ambos estamos bêbados e qualquer gota de álcool a mais poderia provocar uma catástrofe. Seguro-o pelo braço e seguimos em frente.

Há quanto tempo eu não fazia isso! Era sempre ele o protetor, o que ajudava, o que resolvia os problemas. Hoje sou eu que tento evitar que ele derrape e caia. Seu humor mudou de novo, agora canta uma música que nunca ouvi – talvez seja uma canção típica daquela região.

Quando nos aproximamos da igreja, os sinos tocam novamente. É um bom sinal, digo.

– Escuto os sinos, eles falam de Deus. Mas será que Deus está nos escutando? Mal passamos dos 30 anos e já não encontramos graça na vida. Se não fossem nossos filhos, qual seria o sentido de tudo isso?

Eu me preparo para dizer algo. Mas não tenho resposta. Chegamos ao restaurante onde trocamos as primeiras juras de amor e temos um jantar depressivo, à luz de velas, em uma das cidades mais lindas e mais caras da Suíça.

Quando acordo, já é dia lá fora. Dormi um sono sem sonhos e não despertei no meio da noite. Olho o relógio: nove da manhã.

Meu marido continua dormindo. Vou ao banheiro, escovo os dentes, peço o café da manhã para nós dois. Visto o robe e vou à janela para passar o tempo, enquanto o serviço de quarto não chega.

Neste momento reparo em uma coisa: o céu está cheio de parapentes! As pessoas aterrissam no parque diante do hotel. Marinheiros de primeira viagem, a maioria não está sozinha, mas têm um instrutor atrás delas, pilotando.

Como podem fazer uma loucura dessas? Será que chegamos ao ponto em que arriscar a vida é a única coisa que nos liberta do tédio?

Outro parapente pousa. E mais outro. Amigos filmam tudo, sorrindo alegres. Imagino como deve ser a vista lá de cima, porque as montanhas que nos cercam são muito, muito altas.

Embora sinta uma grande inveja de cada uma daquelas pessoas, jamais teria coragem de saltar.

A campainha toca. O garçom entra com uma bandeja de prata, um vaso com uma rosa, café (para meu marido), chá (para mim), croissants, torradas quentes, pão de centeio, geleias de diversos sabores, ovos, suco de laranja, o jornal local e tudo o mais que nos deixa felizes.

Eu o acordo com um beijo. Não lembro quando foi a última vez que fiz isso. Ele se assusta, mas logo sorri. Sentamos à mesa e saboreamos cada uma das delícias à nossa frente. Falamos um pouco sobre a bebedeira de ontem.

– Acho que eu estava precisando disso. Mas não leve meus comentários muito a sério. Quando um balão explode, ele assusta todo mundo, mas não passa de um balão explodindo. Inofensivo.

Tenho vontade de dizer que me senti muito bem ao descobrir todas as suas fraquezas, mas apenas sorrio e continuo a comer meu croissant.

Ele também nota os parapentes. Seus olhos brilham. Nós nos vestimos e descemos para aproveitar a manhã.

Vamos direto à recepção. Ele diz que iremos embora hoje, pede que desçam as malas e paga a conta.

Tem certeza? Não podemos ficar até amanhã de manhã?

– Tenho certeza. A noite de ontem foi suficiente para entender que é impossível voltar no tempo.

Seguimos para a porta, cruzando o longo saguão com teto de vidro. Li em um dos folhetos que antes ali havia uma rua; agora uniram os dois edifícios que ficavam em calçadas opostas. Pelo visto, o turismo prospera aqui, apesar de não haver pistas de esqui.

No entanto, em vez de cruzar a porta, ele vira para a esquerda e se dirige ao concierge.

– Como podemos saltar?

Podemos? Eu não tenho a menor intenção de fazer isso.

O concierge lhe estende um folheto. Está tudo ali.

– E como chegamos lá em cima?

O concierge explica que não temos que ir até lá. A estrada é complicadíssima. Basta marcar a hora que eles vêm nos buscar no hotel.

Não é muito perigoso? Saltar no vazio, entre duas cadeias de montanhas, sem nunca ter feito isso? Quem são os responsáveis? Existe algum controle do governo sobre os instrutores e seus equipamentos?

– Minha senhora, trabalho aqui há dez anos. Salto pelo menos uma vez por ano. Nunca vi um acidente sequer.

Ele está sorrindo. Deve ter repetido essa frase milhares de vezes nesses dez anos.

– Vamos?

O quê? Por que não vai sozinho?

– Posso ir sozinho, claro. Você me espera aqui embaixo com a máquina fotográfica. Mas preciso e quero ter essa experiência na vida. Sempre me apavorou. Ontem mesmo falávamos do momento em que tudo entra nos eixos e já não testamos nossos limites. Foi uma noite muito triste para mim.

Eu sei. Ele pede ao concierge que marque uma hora.

– Agora pela manhã ou à tarde, quando poderão ver o pôr do sol refletido na neve ao redor?

Agora, respondo.

– Mas será uma pessoa ou duas?

Duas, se for agora. Se eu não tiver a chance de pensar no que estou fazendo. Se eu não tiver tempo de abrir a caixa de onde sairão os demônios para me assustar – medo de altura, do desconhecido, da morte, da vida, das sensações-limite. Agora ou nunca.

– Temos opções de voos de vinte minutos, de meia hora e uma hora.

Há voos de dez minutos?

Não.

– Os senhores querem saltar de 1.350 ou de 1.800 metros?

Já estou começando a desistir. Não precisava de todas essas informações. Claro que quero o salto mais baixo possível.

– Meu amor, isso não faz o menor sentido. Tenho certeza de que não vai acontecer nada, mas, se acontecesse, o perigo é o mesmo. Cair de 21 metros, o equivalente ao sétimo andar de um prédio, também teria as mesmas consequências.

O concierge ri. Eu rio para esconder meus sentimentos. Como fui ingênua ao achar que uns míseros 500 metros fariam diferença.

O concierge pega o telefone e conversa com alguém.

– Só tem vaga nos saltos de 1.350 metros.

Mais absurdo do que o medo que senti antes, é o alívio que experimento agora. Ah, que bom!

O carro estará na porta do hotel em dez minutos.

Estou diante do abismo com meu marido e mais cinco ou seis pessoas, esperando a minha vez. No caminho até aqui em cima pensei em meus filhos e na possibilidade de perderem seus pais... Então me dei conta de que não saltaremos juntos.

Vestimos roupas térmicas especiais e colocamos capacetes. Para que o capacete? Para eu deslizar mais de mil metros até o chão com o crânio intacto, caso bata em uma rocha?

– O capacete é obrigatório.

Perfeito. Ponho o capacete – igual ao dos ciclistas que andam pelas ruas de Genebra. Nada mais estúpido, mas não vou discutir.

Olho para a frente: entre nós e o abismo existe ainda uma inclinação coberta de neve. Posso interromper o voo no primeiro segundo, descemos ali e subimos a pé. Não sou obrigada a ir até o fim.

Nunca tive medo de avião. Eles sempre fizeram parte da minha vida. Mas a questão é que, quando estamos lá dentro, não nos ocorre que é exatamente a mesma coisa que saltar de parapente. A única diferença é que o casulo de metal parece um escudo e nos dá a sensação de estarmos protegidos. Só isso.

Só isso? Pelo menos, na minha parca compreensão das leis da aerodinâmica, imagino que sim.

Preciso me convencer. Preciso de um argumento melhor.

O argumento melhor é este: o avião é feito de metal. Pesadíssimo. E carrega malas, pessoas, equipamentos, toneladas de combustível explosivo. O parapente, por sua vez, é leve, desce com o vento, obedece às leis da natureza, como uma folha que cai da árvore. Faz muito mais sentido.

– Você quer ir primeiro?

Sim, quero. Porque, se algo acontecer comigo, você saberá e cuidará de nossos filhos. Além do mais, vai se sentir culpado pelo resto da vida por ter tido essa ideia insana. Serei lembrada como a companheira de todas as horas, aquela que estava sempre ao lado do marido na dor e na alegria, na aventura e na rotina.

– Estamos prontos, senhora.

Mas é você o instrutor? Não é jovem demais para isso? Eu preferiria ir com o chefe de vocês, afinal é minha primeira vez.

– Salto desde que atingi a idade permitida, 16 anos. Tenho pulado não apenas daqui, mas de diversos lugares do mundo, há cinco anos. Não se preocupe, senhora.

Seu tom condescendente me irrita. Os mais velhos e seus temores deveriam ser respeitados. Além do mais, ele deve dizer isso para todo mundo.

– Lembre-se das instruções. E, quando começarmos a correr, não pare mais. Deixe que eu cuido do resto.

Instruções. Parece até que estamos familiarizados com aquilo tudo, quando o máximo que tiveram paciência de fazer foi nos explicar que o risco consiste exatamente em querer parar no meio. E que, quando chegarmos ao solo, devemos continuar andando até sentir que os pés estão firmemente cravados na terra.

O meu sonho: pés na terra. Vou até meu marido e peço que seja o último a saltar, assim terá tempo de ver o que aconteceu comigo.

– Quer levar a câmera? – pergunta o instrutor.
A máquina fotográfica pode ser acoplada na ponta de um bastão de alumínio de aproximadamente 60 centímetros. Não, não quero. Para começar, não estou fazendo isso para mostrar aos outros. Depois, caso consiga superar o pânico, ficarei mais preocupada em filmar do que em admirar a paisagem. Aprendi isso com meu pai, quando ainda era adolescente: fazíamos uma caminhada pelo Materhorn e eu parava a cada minuto para tirar fotos. Até que ele se irritou: "Você acha que toda esta beleza e imponência cabem em um quadradinho de filme? Grave as coisas no seu coração. É mais importante do que tentar mostrar às pessoas o que está vivendo."
Meu parceiro de voo, do alto de sua sabedoria de 21 anos, começa a prender cordas em meu corpo, usando grandes grampos de alumínio. A cadeira está ligada ao parapente; eu irei na frente, ele, atrás. Ainda dá para desistir, mas esta já não sou eu. Estou completamente sem reação.
Nós nos posicionamos, enquanto o veterano de 21 anos e o chefe da quadrilha trocam opiniões sobre o vento.
Ele também se prende à cadeira. Posso sentir sua respiração na parte de trás de minha cabeça. Olho para trás e não gosto do que vejo: sobre a neve branca há uma fila de tecidos coloridos estendidos no chão, com pessoas amarradas a eles. Lá no fim está meu marido, também com o capacete de ciclista. Imagino que não teve escolha e deve saltar dois ou três minutos depois de mim.
– Estamos prontos. Comece a correr.
Não me mexo.
– Vamos. Comece a correr.
Explico que não quero ficar rodando no ar. Vamos descer suavemente. Cinco minutos de voo está de bom tamanho para mim.
– Você me dirá enquanto voamos. Mas, por favor, há uma fila. Temos que saltar agora.
Como já não tenho mais vontade própria, sigo as ordens. Começo a correr em direção ao vazio.
– Mais rápido.
Vou mais rápido, as botas térmicas chutando neve para todos os lados. Na verdade não sou eu quem está correndo, mas um autômato que obedece a comandos vocais. Começo a gritar – não de medo ou excitação, e sim por instinto. Voltei a ser uma mulher das cavernas, como disse o cubano. Temos medo de aranhas, de insetos e gritamos em situações como esta. Sempre gritamos.
De repente meus pés se desgrudam do chão, eu me agarro com todas as forças às correias que me prendem na cadeira e paro de gritar. O instrutor continua correndo por alguns segundos e logo em seguida já não estamos mais caminhando em linha reta.
É o vento que controla nossa vida.

No primeiro minuto, não abro os olhos – assim não tenho noção da altura, das

montanhas, do perigo. Tento imaginar que estou em casa, na cozinha, contando a meus filhos uma história que aconteceu durante nossa viagem; talvez sobre a cidade, talvez sobre o quarto de hotel. Não posso falar que o pai deles bebeu tanto que chegou a cair no chão quando estávamos voltando para dormir. Não posso dizer que me arrisquei a voar, porque eles vão querer fazer isso também. Ou pior: podem tentar voar sozinhos, se jogando do primeiro andar de nossa casa.

Então me dou conta de minha estupidez: por que estar ali de olhos fechados? Ninguém me obrigou a saltar. "Estou aqui há anos e nunca vi um acidente", disse o concierge.

Abro os olhos.

E o que vejo, o que sinto, é algo que jamais conseguirei descrever com precisão. Lá embaixo está o vale que une os dois lagos, com a cidade no meio. Estou voando, livre no espaço, sem qualquer ruído – porque seguimos com o vento, navegando em círculos. As montanhas que nos cercam já não parecem altas nem ameaçadoras, mas amigas vestidas de branco com o sol reluzindo por todos os lados.

Minhas mãos relaxam, solto as correias e abro os braços, como se fosse um pássaro. O homem atrás de mim deve ter se dado conta de que sou outra pessoa e, ao invés de continuar descendo, começa a subir, usando as invisíveis correntes de ar quente existentes no que antes parecia uma atmosfera absolutamente homogênea.

À nossa frente está uma águia, navegando o mesmo oceano, usando suas asas sem esforço para controlar seu misterioso voo. Aonde quer chegar? Estará apenas se divertindo, desfrutando a vida e a beleza de tudo ao redor?

Parece que me comunico com a águia por telepatia. O instrutor de voo a segue, ela é nosso guia. Mostra-nos por onde precisamos passar para subir cada vez mais, em direção ao céu – voando para sempre. Sinto a mesma coisa daquele dia em Nyon, quando me imaginei correndo até meu corpo não aguentar mais.

E a águia me diz: "Venha. Você é o céu e a terra; o vento e as nuvens; a neve e os lagos."

Parece que estou no ventre de minha mãe, completamente segura e protegida, experimentando coisas pela primeira vez. Em breve vou nascer, me transformar de novo em ser humano que caminha com dois pés sobre a face da Terra. No momento, porém, tudo o que faço é estar neste ventre sem oferecer resistência alguma, me deixando levar aonde for.

Sou livre.

Sim, sou livre. E a águia tem razão, sou as montanhas e os lagos. Não tenho passado, presente nem futuro. Estou conhecendo o que as pessoas chamam de "eternidade".

Por uma fração de segundo penso: será que todos que saltam têm esta mesma sensação? Mas que importância tem isso? Não quero pensar nos outros. Estou flutuando na eternidade. A natureza fala comigo como se eu fosse sua filha bem-amada. A montanha me diz: você tem a minha força. Os lagos me dizem: você tem a minha paz e a minha calma. O sol aconselha: brilhe como eu, deixe-se ir além de si mesma. Escute.

Então começo a ouvir as vozes que por tanto tempo dentro de mim estavam sufocadas pelos pensamentos repetitivos, pela solidão, pelos terrores noturnos, o medo de mudar e o medo de que tudo continuasse o mesmo. Quanto mais subimos, mais me distancio de mim.

Estou em outro mundo, onde as coisas se encaixam perfeitamente. Longe daquela vida cheia de tarefas a cumprir, desejos impossíveis, sofrimento e prazer. Não tenho nada e sou tudo.

A águia começa a se dirigir para o vale. Com os braços abertos, imito o movimento de suas asas. Se alguém pudesse me ver neste momento, não descobriria quem sou, porque sou luz, espaço e tempo. Estou em outro mundo.

E a águia me diz: isto é a eternidade.

Na eternidade, não existimos; somos apenas um instrumento da Mão que criou as montanhas, a neve, os lagos e o sol. Voltei no tempo e no espaço para o momento em que tudo está sendo criado e as estrelas caminham em direções opostas. Quero servir a esta Mão.

Várias ideias aparecem e desaparecem sem mudar o que sinto. Minha mente deixou meu corpo e se misturou à natureza. Ah, que pena que a águia e eu chegaremos ao parque na frente do hotel lá embaixo. Mas que importância tem o que vai acontecer no futuro? Estou aqui, neste ventre materno feito de nada e de tudo.

Meu coração preenche cada canto do universo. Tento explicar tudo isso em palavras para mim mesma, tento dar um jeito de me lembrar do que sinto agora, mas logo esses pensamentos desaparecem e o vazio volta a se preencher de tudo.

Meu coração!

Antes eu via um gigantesco universo à minha volta; e agora o universo parece um pequeno ponto dentro do meu coração, que se expandiu infinitamente, como o espaço. Um instrumento. Uma bênção. Minha mente se esforça para manter o controle e explicar pelo menos alguma coisa do que estou sentindo, mas o poder é mais forte.

Poder. A sensação de Eternidade me proporciona a misteriosa sensação de poder. Posso tudo, inclusive acabar com o sofrimento do mundo. Estou voando e conversando com os anjos, ouvindo vozes e revelações que em breve serão esquecidas, mas que neste momento são tão reais quanto a águia diante de mim. Jamais serei capaz de explicar o que sinto, nem para mim mesma, mas que importância tem isso? É o futuro, e ainda não cheguei lá, estou no presente.

A mente racional desaparece de novo e fico grata por isso. Reverencio meu gigantesco coração, cheio de luz e poder, que pode abarcar tudo o que já aconteceu e o que acontecerá de hoje até o fim dos tempos.

Pela primeira vez escuto alguma coisa: latido de cachorros. Estamos nos aproximando do solo e a realidade começa a voltar. Daqui a pouco estarei pisando no planeta onde vivo, mas experimentei todos os planetas e todos os sóis com meu coração, que era maior que tudo.

Quero permanecer neste estado, mas o pensamento está voltando. Vejo nosso hotel à direita. Os lagos já estão escondidos pelas florestas e pequenas elevações.

Meu Deus, não posso ficar assim para sempre?

Não pode, diz a águia, que nos conduziu até o parque onde aterrissaremos em

alguns instantes, e agora se despede, porque encontrou uma nova corrente de ar quente, torna a subir sem o menor esforço, sem bater as asas, apenas controlando o vento com suas penas. Se permanecesse assim para sempre, não poderia viver no mundo, diz ela.

E daí? Começo a conversar com a águia, mas vejo que estou fazendo isso de maneira racional, tentando argumentar. Como poderei viver no mundo depois de ter passado pelo que passei na Eternidade?

Dê um jeito, responde a águia, mas já está quase inaudível. Então se afasta – para sempre – da minha vida.

O instrutor sussurra alguma coisa – lembra-me de que devo dar uma corridinha no momento em que meus pés tocarem o chão.

Vejo a grama diante de mim. Aquilo por que tanto ansiava antes – chegar a terra firme –, agora se torna o fim de algo.

Do que exatamente?

Meus pés tocam o chão. Corro um pouco e logo o instrutor está controlando o parapente. Em seguida, vem até mim e solta as correntes. Ele me olha. Eu fito o céu. Tudo o que vejo são outros parapentes coloridos, se aproximando de onde estou.

Dou-me conta de que estou chorando.

– Você está bem?

Percebo que, mesmo que repita o salto, não voltarei a sentir a mesma coisa.

– Está tudo bem com você?

Balanço a cabeça afirmativamente. Não sei se ele entende o que vivi.

Sim, ele entende. Diz que, uma vez por ano, voa com alguém que tem a mesma reação que eu.

– Quando pergunto o que é, não conseguem explicar. Com meus amigos acontece a mesma coisa: certas pessoas parecem entrar em estado de choque e só se recuperam quando colocam o pé na terra.

É exatamente o oposto. Mas não estou disposta a explicar nada.

Agradeço suas palavras de "conforto". Gostaria de dizer que não quero que isso que experimentei lá em cima termine. Mas descubro que já acabou, e não tenho nenhuma obrigação de ficar explicando nada a ninguém. Afasto-me e vou sentar em um dos bancos do parque, esperando meu marido.

Não consigo parar de chorar. Ele aterrissa, se aproxima de mim com um sorriso largo, diz que foi uma experiência fantástica. Continuo chorando. Ele me abraça, diz que já passou, que não deveria me ter obrigado a fazer algo que eu não queria.

Não é nada disso, eu respondo. Deixe-me quieta, por favor. Daqui a pouco estarei bem.

Alguém da equipe de apoio vem buscar a roupa térmica e os sapatos especiais e nos entrega nossos casacos. Faço tudo de modo automático, mas cada gesto meu está me devolvendo a um mundo diferente, aquele que chamamos de "real" e onde eu não queria estar de jeito nenhum.

Entretanto, não tenho escolha. A única coisa que posso fazer é pedir que meu marido me deixe um pouco sozinha. Ele pergunta se devemos entrar no hotel, porque está frio. Não, estou bem aqui.

Fico ali por meia hora, chorando. Lágrimas de bênção, que lavam minha alma. Finalmente me dou conta de que é hora de voltar de vez para o mundo.

Levanto-me, vou para o hotel, pegamos o carro e meu marido dirige de volta até Genebra. O rádio está ligado – assim ninguém é obrigado a conversar. Aos poucos começo a sentir uma dor de cabeça terrível, mas sei o que é: o sangue voltou a correr em partes que estavam bloqueadas pelos acontecimentos que vão se dissolvendo. O momento de liberação vem acompanhado de dor, mas sempre foi assim.

Ele não precisa explicar o que disse ontem. Eu não preciso explicar o que senti hoje.

O mundo é perfeito.

Falta apenas uma hora para terminar o ano. A prefeitura se decidiu por um corte significativo de gastos com o tradicional réveillon de Genebra, de modo que teremos menos fogos de artifício. Melhor assim: tenho visto fogos minha vida inteira e eles já não me despertam a mesma emoção de quando era criança.

Não posso dizer que vou sentir saudades desses 365 dias. Ventou muito, caíram raios, o mar quase virou meu barco, mas no fim consegui atravessar o oceano e cheguei em terra firme.

Terra firme? Não, nenhum relacionamento pode buscar isso. O que mata a relação entre duas pessoas é justamente a falta de desafios, a sensação de que nada mais é novidade. Precisamos continuar sendo uma surpresa um para o outro.

Tudo começa com uma grande festa. Os amigos aparecem, o celebrante fala uma série de coisas que já repetiu nas centenas de casamentos que oficiou, como aquela ideia de construir uma casa na rocha, e não na areia, os convidados jogam arroz em nós. Jogamos o buquê, as mulheres solteiras nos invejam secretamente; as casadas sabem que estamos iniciando um caminho que não é o que lemos em contos de fadas.

E então a realidade vai se instalando aos poucos, mas não aceitamos. Queremos que nosso parceiro permaneça *exatamente* aquela pessoa que encontramos no altar e com quem trocamos alianças. Como se pudéssemos parar o tempo.

Não podemos. Não devemos. A sabedoria e a experiência não transformam o homem. O tempo não transforma o homem. A única coisa que nos transforma é o amor. Enquanto estava no ar, entendi que meu amor pela vida, pelo universo, era mais poderoso do que tudo.

Lembro-me de um sermão que um jovem pastor desconhecido escreveu no século XIX, analisando a Epístola de São Paulo aos Coríntios e as diversas faces que o amor vai revelando à medida que cresce. Ele nos diz que muitos dos textos espirituais que vemos hoje são dirigidos apenas a uma parte do homem.

Oferecem Paz, mas não falam em Vida.

Discutem a Fé, porém esquecem o Amor.

Contam sobre a Justiça, e não mencionam a Revelação, como aquela que tive ao saltar do abismo em Interlaken e que me fez sair do buraco negro que eu mesma havia cavado em minha alma.

Que eu tenha sempre claro que só o Amor Verdadeiro pode competir com qualquer outro amor deste mundo. Quando entregamos tudo, não temos mais nada a perder. E então desaparecem o medo, o ciúme, o tédio e a rotina, e resta apenas a luz de um vazio que não nos assusta, mas nos aproxima um do outro. Uma luz que sempre muda, e é isso que a torna bela, cheia de surpresas – nem sempre as que esperamos, mas aquelas com as quais conseguimos conviver.

Amar abundantemente é viver abundantemente.

Amar para sempre é viver para sempre. A vida Eterna está atrelada ao Amor.

Por que queremos viver para sempre? Porque queremos conviver mais um dia com a pessoa que está ao nosso lado. Porque queremos continuar com alguém que mereça nosso amor, e que saiba nos amar como achamos que merecemos.

Porque viver é amar.

Até mesmo o amor por um animal de estimação – um cachorro, por exemplo – pode justificar a vida de um ser humano. Se ele não tiver mais este laço de amor com a vida, desaparece também qualquer razão para continuar vivendo.

Busquemos primeiro o Amor, e todo o resto nos será acrescentado.

Durante esses dez anos de casamento, já desfrutei de quase todos os prazeres que uma mulher pode ter, e sofri coisas que não merecia. Mesmo assim, ao olhar meu passado, sobram apenas poucos momentos – geralmente muito curtos – em que pude fazer uma pobre imitação do que imagino ser o Amor Verdadeiro: quando vi meus filhos nascerem, quando sentei de mãos dadas com meu marido olhando os Alpes ou o imenso jato de água do lago Léman. Mas são esses poucos momentos que justificam minha existência, porque eles me dão força para seguir em frente e alegram os meus dias – por mais que eu tenha tentado entristecê-los.

Vou até a janela e olho a cidade lá fora. A neve que haviam prometido não caiu. Mesmo assim, penso que esse é um dos réveillons mais românticos que já tive, porque eu estava morrendo e o Amor me ressuscitou. O amor, a única coisa que vai permanecer quando a própria raça humana tiver se extinguido.

O Amor. Meus olhos se enchem de lágrimas de alegria. Ninguém pode se obrigar a amar, tampouco pode obrigar outra pessoa. Tudo o que se pode fazer é olhar o Amor, apaixonar-se por ele, e imitá-lo.

Não existe nenhuma outra maneira de conseguir amar e não há mistério algum nisso. Nós amamos os outros, amamos a nós mesmos, amamos nossos inimigos, e isso fará com que jamais falte nada em nossas vidas. Posso ligar a televisão e ver o que está acontecendo no mundo, porque, se em cada uma daquelas tragédias existir um pouco de amor, estamos caminhando para a

salvação. Porque o Amor gera mais Amor.

Aquele que sabe amar, ama a Verdade, alegra-se com a Verdade, não a teme, porque cedo ou tarde ela redime tudo. Busca a Verdade com uma mente limpa, humilde, sem preconceitos ou intolerância – e acaba satisfeito com o que encontra.

Talvez a palavra *sinceridade* não seja a melhor para explicar esta característica do Amor, mas não consigo encontrar nenhuma outra. Não estou falando da sinceridade que humilha o próximo; o Amor Verdadeiro não consiste em expor aos outros sua fraqueza, mas em não ter medo de demonstrá-la quando precisa de ajuda e alegrar-se ao ver que as coisas são melhores do que os outros disseram.

Penso com carinho em Jacob e Marianne. Sem querer, eles me trouxeram de volta ao meu marido e à minha família. Espero que estejam felizes nesta última noite do ano. Que tudo isso também os tenha aproximado mais.

Será que estou tentando justificar meu adultério? Não. Busquei a Verdade e a encontrei. Espero que seja assim para todos que tiveram uma experiência como essa.

Saber amar melhor.

Este deve ser nosso objetivo no mundo: aprender a amar.

A vida nos oferece milhares de oportunidades para aprendermos. Todo homem e toda mulher, a cada dia de vida, têm sempre uma boa oportunidade de se entregar ao Amor. A vida não é um longo feriado, mas um aprendizado constante.

E a mais importante lição é aprender a amar.

Amar cada vez melhor. Porque desaparecerão as línguas, as profecias, os países, a sólida Confederação Helvética, Genebra e a rua onde eu moro, os postes de luz, a casa em que estou agora, os móveis da sala... e também meu corpo desaparecerá.

Mas uma coisa ficará para sempre marcada na alma do universo: meu amor. Apesar dos erros, das decisões que fizeram os outros sofrerem, dos momentos em que eu mesma pensei que ele não existia.

Saio da janela, chamo as crianças e meu marido. Digo que – como manda a tradição – temos que subir no sofá em frente à lareira e, à meia-noite, pisar no chão com o pé direito.

– Meu amor, está nevando!

Corro para a janela outra vez, olho para a luz de um dos postes. Sim, está nevando! Como eu não havia notado antes?

– Podemos sair? – pergunta uma das crianças.

Ainda não. Primeiro vamos subir no sofá, comer doze uvas e guardar os caroços para termos prosperidade o ano todo, fazer tudo o que aprendemos com nossos antepassados.

Depois saímos para celebrar a vida. Tenho certeza de que o ano novo será excelente.

Genebra, 30 de novembro de 2013

Sobre o autor

Paulo Coelho é considerado um dos autores mais influentes do nosso tempo. Seus livros já venderam mais de 165 milhões de cópias em todo o mundo, sua obra foi traduzida em 80 idiomas e editada em mais de 170 países.

Paulo Coelho nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 24 de agosto de 1947. Em 1986, fez a peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e, a partir dessa experiência marcante, escreveu *O Diário de um Mago*. No ano seguinte, publicou *O Alquimista*, que se transformaria no livro brasileiro mais vendido em todos os tempos. Outros títulos são *Veronika Decide Morrer*, *O Demônio e a Srta. Prym, Onze Minutos, O Zahir, A Bruxa de Portobello, Aleph e O Manuscrito encontrado em Accra.*

Ele é membro da Academia Brasileira de Letras desde 2002 e Mensageiro da Paz (ONU) desde 2007. Em 2009, entrou para o Guinness Book por ser *O Alquimista* o livro mais traduzido. Além disso, ele é o escritor com o maior número de seguidores nas mídias sociais.

Outros títulos de Paulo Coelho

O Diário de um Mago
O Alquimista
Brida
O Dom Supremo
As Valkírias
Na margem do Rio Piedra eu Sentei e Chorei
Maktub
O Monte Cinco
Manual do guerreiro da Luz
Cartas de amor do Profeta
Veronika decide morrer
O demônio e a senhorita Prym
Onze Minutos
O Zahir
Ser como o rio que flui
A Bruxa de Portobello
O vencedor está só
Aleph
Manuscrito encontrado em Accra

O caminho do arco
O livro dos manuais